

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

AS RELAÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA COM OS ARREDORES DA
ESCOLA: COMO O LUGAR DE VIVÊNCIA DO ALUNO PODE
POTENCIALIZAR SUA APRENDIZAGEM

JUSSIÊ BITTENCOURT HAHN

PORTO ALEGRE – 2014

JUSSIÊ BITTENCOURT HAHN

AS RELAÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA COM OS ARREDORES DA
ESCOLA: COMO O LUGAR DE VIVÊNCIA DO ALUNO PODE
POTENCIALIZAR SUA APRENDIZAGEM

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Geografia
como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre
em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

PORTO ALEGRE – 2014

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação, ainda que pareça ser um trabalho individual, só se permitiu concluir pela ação coletiva de várias pessoas que se fizeram importantes ao longo dessa caminhada. Caminhada árdua, mas prazerosa, pois foi ao iniciar este caminho que encontrei meu caminho como professor, e por isso, agradeço aos que me permitiram essa conquista:

A Janine, companheira inseparável que me apoiou incondicionalmente nesse projeto. “Homem e mulher talaram montanhas e jardins, desceram rios, ascenderam pelos muros, subiram pelos montes sua atroz artilharia. O amor soube então que se chamava amor. E quando levantei meus olhos a teu nome teu coração logo dispôs de meu caminho” (NERUDA, pág. 86). Foi por nós que este “filho” nasceu.

Aos meus avós, **Soni** (*in memoriam*) e **Maria**, uso as palavras de Mandela: “Uma boa cabeça e um bom coração formam uma combinação formidável” . Esses são vocês, pessoas de bom coração e de boa cabeça, meus maiores ensinamentos vieram de vocês, obrigado por serem mais que avós, segundos pais.

Aos meus pais, **Juarês e Salete**, os obstáculos que a vida lhes impôs me deram força e inspiração para querer superar dificuldades e crescer como profissional, como ser humano.

Ao poder público federal, através da **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, que me oportunizou um ensino de qualidade e gratuito.

A professora **Mariazinha**, minha professora na primeira série. Encantaste-me tanto com teu saber, tua doçura e meiguice ao ensinar que hoje estou aqui.

Aos professores da FACOS, onde a paixão pela Geografia aflorou em mim, em especial a professora **Lígia Beatriz Goulart**, por tantos ensinamentos, discussões, quero dizer, reflexões, que tivemos ao longo da graduação. E também ao professor **Márcio Fenilli Antunes**. Aprendi mais que conteúdos contigo, aprendi a professar.

Ao professor, mestre e amigo **Nestor**, pela acolhida, generosidade e inúmeras contribuições neste caminho. Sei que te intitulas “seminovo”. E eu lhe vejo com motor e combustível para rodar muito por nossa Geografia. Seus ensinamentos estarão diariamente na minha docência. Quando eu crescer, quero ser como você! Obrigado.

Ao senhor dos senhores: **Nelson Mandela**, pela inspiração constante. Você me motivou a cultivar minha “própria horta”.

A escola **Pastor Voges**: de ti surgiram inquietações e angústias que me trouxeram até aqui. Sou muito grato a Escola por abrir suas portas.

Aos **alunos**, que foram à fonte deste trabalho e colaboraram muito nesta pesquisa, deixo meus agradecimentos, pois foi pensando em vocês que as linhas a seguir brotaram.

Aos **colegas**: de escola, de futebol que sempre foram compreensíveis e supriram minhas ausências.

A amada **Itati/RS**, das encostas, das cascatas, dos rios, das lavouras, da serra, do vale, das histórias, das pessoas que amo.

Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma cousa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma cousa que me acontecesse
Como dar-me o sol de fora.

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.
Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu
(PESSOA, 1988, p.136)

RESUMO

Neste trabalho queremos abordar as relações do ensino de geografia com os arredores da escola. Como o lugar de vivência do aluno pode potencializar sua aprendizagem. Para realização deste trabalho observamos turmas de Ensino Fundamental e Médio da Escola Pastor Voges, em Itati/RS no período de 2012/2013. Propomos um diálogo que reflita sobre o lugar e o ensinar a fim de ampliar horizontes, de criar possibilidades de se aprender geografia. De se pensar em caminhos para as práticas geográficas. O trabalho parte de um projeto que é pessoal, onde o desejo de ser um bom professor e a crença de que devemos partir do lugar de vivência do aluno para que se auxilie na construção de um conhecimento geográfico pertinente são os motores propulsores dessa dissertação, afinal, acreditamos que a construção e a reconstrução dos conhecimentos geográficos pelo aluno ocorrem, não só na escola, mas também, fora dela. Apoiamos-nos nas leituras e diálogos estabelecidos com os escritos de Kaercher, Goulart, Callai, Cavalcanti, Costella, Pontuscka, entre outros. A metodologia utilizada se apóia no diálogo, observação e análise de práticas aplicadas em uma escola de ensino fundamental e médio em Itati\RS. O texto que segue está segmentado em cinco capítulos. No primeiro capítulo discutem-se as angústias que proporcionaram essa reflexão. No segundo abordam-se quem são os atores envolvidos nesse estudo, de onde vem e o que fazem. No terceiro capítulo discute-se e procura-se uma base teórica para se alicerçar a ideia da lugarização do ensino de geografia. No quarto capítulo abordamos práticas de ensino que podem sinalizar um caminho para se fazer geografia a partir do cotidiano do aluno. Por fim no capítulo cinco apontamos o que aprendemos e sentimos neste trabalho. Ao pensar nossa prática, acreditar mais em nós e no potencial dos nossos alunos.

Palavras-chave: Lugarização, Ensino de Geografia, Aprendizagem, Aluno, Cotidiano.

RESUMEN

En este trabajo se abordan las relaciones de la enseñanza de la geografía con el entorno de la escuela. Como el lugar de vivencia del estudiante puede mejorar su aprendizaje. Para este estudio, se observó grupos de Educación Primaria y Secundaria la escuela Pastor Voges en Itati/RS el período 2012/2013. Proponemos un diálogo que reflexiona sobre el lugar, y la enseñanza de ampliar los horizontes, crear posibilidades para aprender geografía. Para pensar en formas de las prácticas geográficas. El trabajo es parte de un proyecto que es personal, donde el deseo de ser un buen maestro la creencia de que debemos partir el lugar del vivencia del estudiante para que ayuden en la construcción de de un conocimiento geográfico relevante son la propulsión de esta disertación, después de todo lo que creemos que la construcción y la reconstrucción de los conocimientos geográficos se produce por el estudiante, no sólo en la escuela, mas también fuera dela. Nos apoyan en las lecturas y diálogos establecidos con los escritos de Kaercher, Goulart, Callai, Cavalcanti, Costella, Pontuscka, entre otros. La metodología se apoya en el diálogo, la observación y el análisis de las prácticas aplicada en una escuela de enseñanza Primaria y Secundaria en Itati/RS. El siguiente texto se divide en cinco capítulos. El primero capítulo trata sobre las angustias que proporcionan esta reflexión. La segunda se aborda quiénes son los actores que participan en este estudio, de dónde viene y lo que hacen. En el tercero capítulo se discute y busca una base teórica para apoyar la idea de lugarización la enseñanza de la geografía. En el cuarto capítulo se abordan las prácticas de enseñanza que pueden indicar uno camino de hacer la geografía a partir del cotidiano el estudiante. Por último, en el capítulo de cinco, mencionamos lo que hemos aprendido y sentido en este trabajo. Se pensar acerca de nuestra práctica, creemos más en nos e y el potencial de nuestros estudiantes.

Palabras clave: Lugarización, Geografía enseñanza, el aprendizaje, Estudiante, Cotidiano.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. MAPA DO COREDE LITORAL NORTE	17
FIGURA 2. EXEMPLO DE LUGARIZAÇÃO.....	43
FIGURA 3. VISTA DA FRENTE DA E. E. E. M. PASTOR VOGES.....	48
FIGURA 4. IMAGEM DE SATÉLITE DA REGIÃO CENTRAL DE ITATI/RS	49
FIGURA 5. VISTA DO PÁTIO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PASTOR VOGES.	51
FIGURA 6. BIBLIOTECA JOSÉ DE ALENCAR DA ESCOLA DE E. M. PASTOR VOGES.	52
FIGURA 7. MAPA DO MUNICÍPIO DE ITATI/RS.....	59
FIGURA 9. MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADOS PELOS ALUNOS PARA CHEGAR À ESCOLA	61
FIGURA 10. PROFISSÕES DOS PAIS DOS ALUNOS.....	62
FIGURA 11. COMO O ALUNO PERCEBE/ VÊ O MUNICÍPIO DE ITATI	63
FIGURA 12. MAPA ELABORADO POR ALUNO DO 6º ANO DA E.E.E.M. PASTOR VOGES. .	68
FIGURA 13. MAPA ELABORADO POR ALUNO DO 6º ANO DA E.E.E.M. PASTOR VOGES..	70
FIGURA 14. FOTO DO GRUPO QUE PESQUISOU A IMIGRAÇÃO JAPONESA.	84
FIGURA 15. PRÁTOS TÍPICOS DA CULINÁRIA ORIENTAL	84
FIGURA 16. GRUPO COM TRAJES FESTIVOS DE ORIGEM GERMÂNICA.	86
FIGURA 17. FOTO DE UM BIER-KUCHEN, OU BOLO DE CERVEJA.....	86
FIGURA 18. CASA DO MAJOR ADOLPHO FELIPE VOGES,	87
FIGURA 19. CASA DO PASTOR VOGES, 1º PASTOR ALEMÃO NO VALE DO TRÊS FORQUILHAS.....	88
FIGURA 20. A DIVERSIDADE ÉTNICA EM SALA DE AULA.....	88

LISTA DE MAQUETES

MAQUETE 1. AS DEPRESSÕES E A EROSÃO EÓLICA.	95
MAQUETE 2. UMA FORMA DE CONTER O AVANÇO DA VOÇOROCA.	97
MAQUETE 3. AS MONTANHAS E A EROSÃO GLACIAL.	99
MAQUETE 4. O DESGASTE DAS ROCHAS PELA ÁGUA.	101
MAQUETE 5. A EROSÃO MARINHA E OS IMPACTOS PARA POPULAÇÃO COSTEIRA.	103
MAQUETE 6. A AÇÃO DAS ÁGUAS E DOS VENTOS SOBRE O RELEVO E A PRODUÇÃO AGRÍCOLA	105

LISTA DE ABREVIATURAS

ES - ENSINO SUPERIOR

EF - ENSINO FUNDAMENTAL

EM - ENSINO MÉDIO

EFM - ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

ENEM – EXAME NACIONAL DE ENSINO MÉDIO

PPAP - PROJETO POLÍTICO DE APOIO PEDAGÓGICO

E. E. E. M - ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO

RS - RIO GRANDE DO SUL

UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Sumário

INTRODUÇÃO	14
1- DE ONDE VENHO E PARA ONDE DESEJO IR.....	20
1.1 SERÁ QUE A GEOGRAFIA SE ESQUECERA DE ITATI?	21
1.2 ME TORNANDO UM PROFESSOR ESCREVENTE. DESCONSTRUINDO-SE PARA SE RECONSTRUIR MELHOR	25
2. OS ATORES ENVOLVIDOS NESSE ESTUDO: PARA SER GRANDE, SÊ INTEIRO... ..	28
2.1 A ESCOLA: DA MINHA ALDEIA VEJO O QUANTO DA TERRA SE PODE VER.	28
2.2 O ENSINO DE GEOGRAFIA: NINGUÉM ME DISSE QUEM TU ERAS.	33
2.3 OS ALUNOS: NÃO QUERO RECEITAS, QUERO É FOME.	40
3. A LUGARIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA. O QUE VEM A SER ISSO?	44
3.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ITATI/RS: APRESENTANDO A MINHA ALDEIA.	49
4. NEM REI, NEM LEI. NEM PAZ, NEM GUERRA. APENAS CAMINHOS E CAMINHANTES.	59
4.1 UMA INCURSÃO AO COTIDIANO DO ALUNO.	60
4.2 CONSTRUINDO UM MAPA DO “SEU LUGAR”: “O QUE NÓS VEMOS DAS COISAS SÃO AS COISAS”	69
4.3 REFLETINDO SOBRE A GLOBALIZAÇÃO E PRODUZINDO POESIA.	76
4.4 OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS A PARTIR DO POVOAMENTO DO VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS, ITATI/RS	85
4.5 AS FORMAS DE RELEVO E AÇÕES EROSIVAS POR MEIO DA CONSTRUÇÃO DE MAQUETES. QUE AS COISAS SEJAM REALMENTE O QUE PARECEM SER.	92
5. QUEM PENSARÁ O MEU MURO DA MINHA SOMBRA? ISTO SINTO, ISTO ESCREVO.	113
Anexos.....	122

INTRODUÇÃO

A gente escreve como quem ama.
Às vezes uma só linha basta para salvar o próprio coração.
[...] Minhas desequilibradas palavras são um luxo para meu silêncio.
Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas –
Escrevo por profundamente querer falar.
(LISPECTOR, 1973, p.13)

Embalado pela poesia de Fernando Pessoa, pelos textos de Clarice Lispector, aquecido por angústias surgidas no docenciar diário e mobilizado por uma vontade de fazer uma Geografia em sala de aula que tenha sentido, cativo o aluno e o faça refletir e pensar o meio em que vive, inicio este trabalho.

Venho tentando ser um professor pesquisador, preocupado com um ensino de geografia de qualidade, que traz, na sua experiência, momentos dolorosos, como discente e como docente. Como discente, quando entrava em sala de aula e não me via motivado, pois já sabia que naquela aula leríamos o capítulo do livro didático e responderíamos o questionário, para na próxima aula corrigir e que depois de quatro aulas haveria uma prova onde a professora escolheria dez questões, quase sempre as mesmas que estavam em nosso caderno para a avaliação.

Como docente também surgiram barreiras, principalmente com os colegas de trabalho, que ficavam meio ressabiados no início quando me viam pelo pátio da escola dando aula para os alunos. Afinal para muitos a aula deveria acontecer somente entre quatro paredes. Além disso, as práticas diferenciadas como produção de vídeos explicativos com os alunos, filmes, construção de maquetes e mapas, teatros, sempre despertavam críticas, pois os alunos não estavam em silêncio, e para muitos não havia aprendizagem de tal maneira.

Mas há também momentos prazerosos quando, na minha prática, consigo envolver os alunos de forma que se interessem, sintam-se protagonista do processo de construção da aprendizagem, dando um sentido mais amplo aos conhecimentos geográficos. Como, por exemplo, um aluno em um ano seguinte, ao escutar sobre um determinado assunto menciona: “Professor, a gente já estudou isso no ano passado!”, ou ainda, quando encontra na rua, ou manda um email e pronuncia:

“professor, caiu no ENEM¹ uma questão de globalização e eu me lembrei das nossas aulas e acertei.” Não há algo mais gratificante para um professor que ser lembrado ou ter suas práticas lembradas por seus alunos e ver o quanto elas tiveram sentido em sua vida.

Também é gratificante, quando percebo em outros colegas de trabalho, a vontade de fazer a diferença em sala de aula, e juntos refletimos, trocamos ideias, e até mirabolamos práticas em conjunto que fazem toda a diferença em sala de aula. Pois, o aluno percebe essa sintonia, essa ligação, o comprometimento e a dedicação dos professores que contagia e faz o aluno se entregar a proposta.

É claro que antes de ser professor, eu não imaginava nada disso, o que eu imaginava era aquilo que os meus professores, do Ensino Fundamental e Médio haviam me passado, apenas tinha na mente que era preciso ter muito domínio daquela matéria para poder docenciar. Minha curiosidade e o meu gosto pela disciplina de geografia fizeram nossos caminhos se cruzarem.

Sendo assim despertou o desejo de me aventurar pelos caminhos do ensino superior. A partir daí, a necessidade de me sentir um professor aprendente, fez brotar uma nova fase em minha vida: a de professor escrevente. De um professor que escreve por querer falar sobre ensino aprendizagem de Geografia e por querer falar de onde docencia.

Pesquisar, investigar, e refletir sobre as práticas pedagógicas de ensino aprendizagem de Geografia nos remete a pensar sobre o papel do professor, do aluno e da comunidade escolar envolvida nesse contexto. Como estes se enxergam? Se relacionam? O que um espera do outro? Qual o olhar dos alunos e da comunidade escolar para o professor, e qual o olhar do professor perante aos seus alunos e a comunidade do aluno? É de grande importância a identificação dessas relações. Compreendê-las pode ser o caminho para visualizar como se estabelecem essas relações de ensino aprendizagem.

A ideia, mesmo que singela, surgiu quando eu ainda era um aluno de ensino médio e começava a amadurecer como cidadão. Perguntava-me inúmeras vezes: “por que a Geografia não respondia as minhas questões cotidianas? Será que minha vivência não fazia parte da Geografia? Escutava tanto sobre os cinturões agrícolas

¹ ENEM. Exame nacional do ensino médio. Muitos alunos da escola Pastor Voges tentam uma bolsa no ensino superior via prova do ENEM/PROUNI. Para muitos de nossos alunos essa é a melhor oportunidade de ingressar no Ensino Superior.

norte americano e eu, filho de agricultores familiar, não sabia por que no Itati/RS não podíamos plantar milho em maio, havia sementes de couve-flor específicas para cada estação, ou ainda, por que no verão nossa colheita era menor que no inverno e na primavera. Por que eu preciso saber dos Estados Unidos se não sei bem nem do Itati/RS, município onde moro?

A Geografia era algo enfadonho e deslocado. Na minha ótica de estudante, não me agregava nada. Para mim estava ali por que tinha que estar ali, e cumprir aquele rito de ler questionário, responder questões e decorar resposta. Isso fazia parte do processo de busca pelo diploma de Ensino Médio, que na realidade na qual estava inserido, era um artigo de luxo para época.

Essa história certamente não é algo exclusivo meu, e por isso, me motivo a pensar caminhos diferentes para que a geografia seja construída de uma forma mais próxima do aluno, que este a visualize, “pegue-a” e sinta os sabores e os saberes que a geografia pode lhe proporcionar!

Sendo assim esse estudo tem como objetivo principal mostrar que o professor pode priorizar a compreensão da Geografia a partir de uma escala local para uma escala global, pois um lugar que o aluno não vivencia acaba sendo muito abstrato e difícil de compreender, fica apenas como um cartão postal na mente do aluno, mas quando este conhecimento é comparado ao seu lugar de vivência e as suas experiências tudo fica mais claro, mais concreto, o conhecimento passa a ser consolidado.

O tema da pesquisa: “As relações do ensino de Geografia com os arredores da escola. Como o lugar de vivência do aluno pode potencializar sua aprendizagem”, vem analisar, dialogar, e compreender como as relações do ensino de Geografia com os arredores do ambiente escolar podem contribuir e dar sentido para a aprendizagem geográfica das séries finais do Ensino Fundamental e Médio.

Nessa pesquisa trago a lugarização do ensino de Geografia como uma boa alternativa metodológica para se usar em sala de aula, sendo um caminho para o aluno compreender melhor os conceitos geográficos fugindo da monogamia², ou seja, do casamento com livro didático.

² A palavra monogamia nesse caso é utilizada para simbolizar o professor que usa somente o livro didático em suas aulas, ou seja, o casamento com um único recurso didático.

Venho mostrar também que a Geografia quando abordada por meio de práticas que contemplem o uso da literatura, do teatro, da música, do cinema, de práticas manuais, construção de maquetes e uso de mapas relacionando-as com o lugar que o aluno vive, permite uma melhor compreensão e apropriação dos conceitos geográficos.

Freire, com sua sabedoria, já escrevia que:

Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nesta dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as “palavras da escola”, e não as “palavras da realidade”. O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas estas coisas estão aí) não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam. (FREIRE, 1986, p.164)

Neste processo, busca-se mostrar que o docente precisa assumir seu papel de protagonista em sala de aula. Não se omitir da sua responsabilidade de fazer a diferença, de desacomodar a si mesmo e aos seus alunos, pois um bom professor precisa quebrar barreiras, ter momentos de ator principal, de coadjuvante e de platéia, ou seja, é um profissional com papéis múltiplos e não fixos. É um mutante, que precisa agir, refletir e provocar a reflexão. Que precisa dar voz aos alunos na construção desse processo, para que esses lhes dêem ouvidos. Que precisa escutar para ser escutado, criar para fugir da mesmice que a rotina e o sistema teimam em nos impor.

Todo projeto educacional almeja a melhoria material, existencial e espiritual do ser humano. Tendo em vista nosso desejo de chegar a certos fins, e admitindo que é impossível não educar em nossa sociedade, nosso pensamento intervém para descobrir os meios para que tal empreitada tenha sucesso. Graças a reflexão, pode-se melhor agir tendo em vista os nossos objetivos. Ou seja, nossas

ideias e reflexões são limitadas e limitantes, mas, paradoxalmente, é delas que dispomos para avançar. (KAERCHER, 2014, p. 50)

Crença nossa a de que se o professor quer alunos interessados pela aula, deve ser ele, o primeiro, a demonstrar o interesse e o interessante. Mobilizar os alunos, mostrar para eles que o que está ali na frente deles é importante. Tem aplicabilidade e sentido, pois:

A conscientização é o ponto de partida para que o aluno construa sua cidadania a partir de suas lutas cotidianas. A escola é apenas um destes espaços. E como temos que democratizá-la...! [...] Se a escola for um espaço de diálogo e de questionamento estaremos deixando boas sementes para que essas qualidades – diálogo e questionamento – se enraízem pelas demais instituições da sociedade. (KAERCHER, 1999, p. 57).

O diálogo surge como motor do desejo de aprender. Tenho que ouvir o outro porque o outro é sujeito do processo. O aluno é sujeito, o professor é sujeito, a comunidade escolar é sujeito. Se eles não conseguirem a sintonia das velas para aproveitar a força do vento que os impulsiona ao desconhecido, o processo estará fadado à estagnação. Todos os envolvidos devem questionar, ter voz ativa. Sentirem-se confiantes para embarcarem. Se não tiver o desejo de estar a bordo, tampouco terá o desejo de desvendar o desconhecido!

A Geografia é importantíssima e se faz necessária ao ser humano. Por que ela está presente no nosso dia a dia, no nosso relacionamento com o outro, na água que chega pelo sistema de abastecimento em minha casa, no aroma de café que invade a sala ao amanhecer, no alimento que me sustenta, nas roupas que vestimos, nas notícias do jornal, nas intempéries do tempo, nos lugares por onde passo.

Observando estes exemplos, fica difícil de imaginar onde não está a Geografia. E o que faz dela, monótona, sem vida para muitos, é a forma com que seus ministrantes a tratam e a expõem aos alunos. Como se a Geografia ficasse presa nas páginas do livro, tão perto e tão distantes de nós. Percebo assim, o professor como um apresentador e o aluno como um telespectador, que pouco é solicitado a aparecer no processo.

Para modificar esse cenário, é preciso muitas vezes, desconstruir para reconstruir e assim mostrar diariamente, na prática, que a Geografia é essencial

para o ser humano. Na qual, muitas vezes, utilizamos a Geografia sem perceber, como nas seguintes expressões: “Moro lá no morro.” “O vento é norte.” “O tempo está de viração.”

É embasado neste enfoque e apoiado nas palavras de Kaercher, Goulart, Costella, Cavalcanti, Morin, Freire, Pontuschka e Callai que seguirão as próximas linhas, entre acrobacias e piruetas, assim como o nosso dia a dia em sala de aula.

1- DE ONDE VENHO E PARA ONDE DESEJO IR...

A presente proposta de trabalho tem por pretensão pesquisar sobre as relações do ensino de geografia e os arredores da escola no município de Itati, no litoral norte do Rio Grande do Sul, que fica a 163 km da capital, Porto Alegre.

Itati/RS é um município com 2.589 habitantes (IBGE, 2010), situado no Conselho Regional de Desenvolvimento/COREDE litoral norte do Rio Grande do Sul, conforme Figura 1.

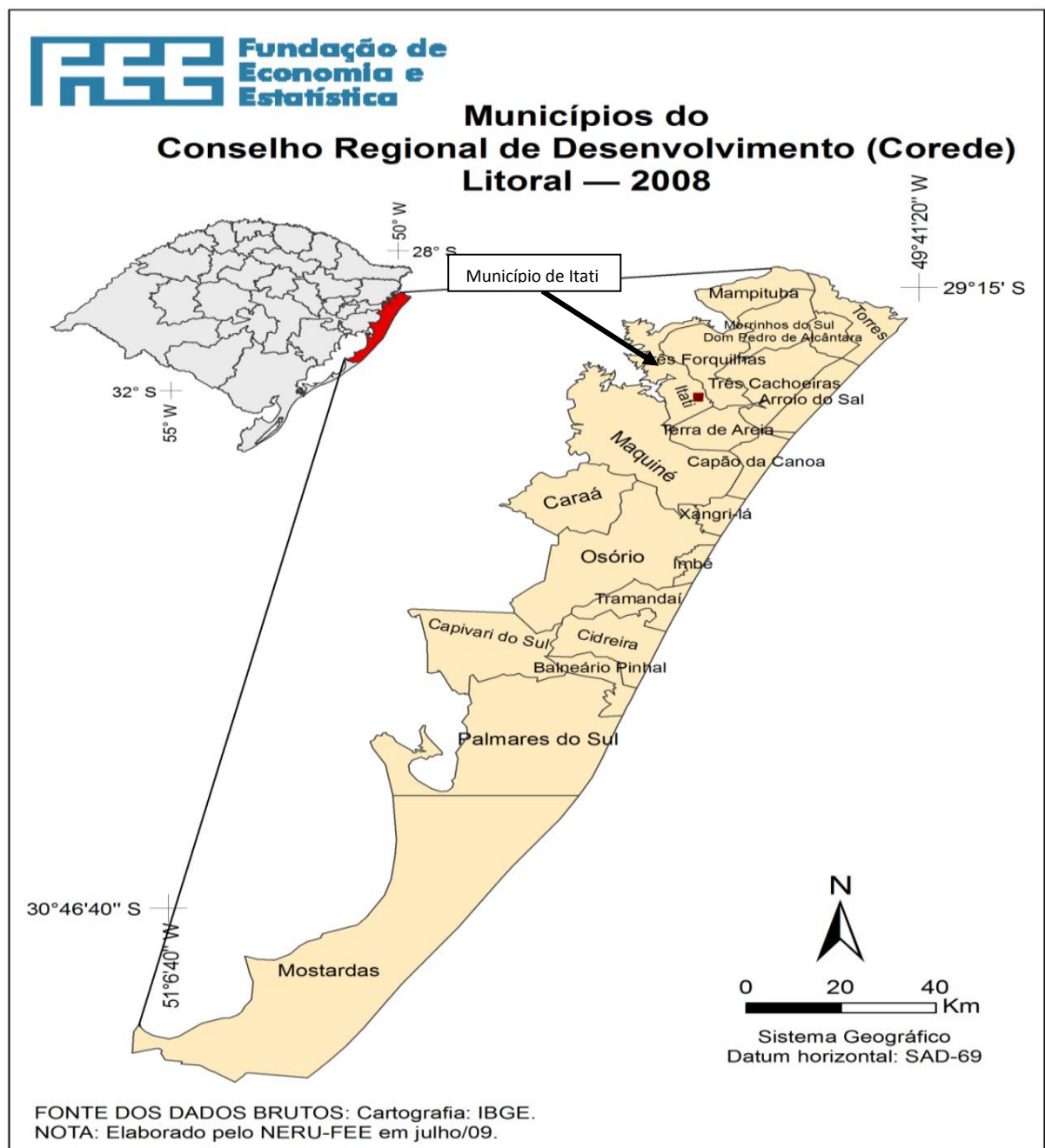


Figura 1. Mapa do COREDE Litoral Norte. A seta assinala o município de Itati/RS

município possui uma área territorial de 201,4 Km² composta por um relevo formado por muitos morros e pequenos vales banhados por vários riachos que deságuam no Rio Três Forquilhas. Sua economia é baseada na prática da agricultura familiar e cultivo de hortifrutigranjeiros.

1.1 Será que a Geografia se esquecera de Itati?

Em minha vivência escolar (Ensino Fundamental e Médio), que se construiu na Zona Rural de Itati/RS, raríssimas vezes observei a aplicabilidade da Geografia em meu cotidiano nos afazeres rurais onde trabalhava com minha família no cultivo de hortigranjeiros. Pois, tudo o que via na sala de aula era muito distante da minha cotidianidade. Informações, textos, imagens fornecidas pelo manual que a professora usava que não pertencia ao “meu mundo”. Mapas, leituras no livro didático, capítulo por capítulo, na qual não faziam sentido e importância para a minha vida. E eu não me sentia inserido naquele contexto que estava sendo trabalhado na sala de aula.

Eram informações importantes, acredito, porém ficava difícil de entender e abstrair uma realidade que eu não havia vivido. Haja imaginação! E como usá-la? Se pouco éramos incentivados a criar. Tudo vinha muito pronto e inquestionável. E os questionários de final de capítulo, “putz”, esses me entediaram por vezes! Aquela história de ler o capítulo e depois encontrar a resposta. Copiávamos e ainda marcávamos no livro para não nos perdermos e pensávamos “daqui até o ponto no final da frase”. Tudo isso não me mobilizava nem me cativava para aprender Geografia. Não tinha dinamismo ou diferencial que fizesse eu me interessar, era tudo muito mecânico, sempre do mesmo jeito.

Kaercher (1999, p. 75), em seu livro *Desafios e Utopias* no ensino de Geografia, complementa o que quero dizer:

Que tipo de interesse poderiam provocar, no jovem, informações do tipo: relevo europeu, hidrografia amazônica, etc. se estas informações eram desligadas de seu meio social? Mera curiosidade! A geografia era sinônimo de imagem, (e de viagem), de cartão postal! Mas para que a geografia se a televisão fazia e faz isso de maneira muito mais agradável e dinâmica?”

E assim foi comigo, uma Geografia da imagem, do cartão postal. Como se eu pegasse um ônibus e fosse viajando para vários lugares apenas observando a paisagem. O guia turístico, claro, era o professor, que nos passava um monte de informações sobre aquele lugar. Na maioria das vezes paisagens lindas, e quando a viagem terminava, eu descia do ônibus, voltava para minha realidade que era bem diferente daquela que havia acabado de escutar. Dava a sensação de que onde morávamos não tinha importância geográfica. Eu me perguntava: “Será que a Geografia se esquecera de Itati”?

Quando estudava sobre vegetação brasileira pensava que podia me achar, porém, parecia que eu não morava no Brasil. Os livros mostravam, por exemplo, vegetação do Canadá”, “flora e fauna da África”, e é claro não faltava à floresta amazônica... E no meu lugar não havia árvores? Não morava eu em um vale? Não compreendia por que essas informações vinham de tão longe se a escola estava rodeada por morros e árvores. Não entendia essa distância. Tão perto, tão longe.

Não culpo os meus professores por tudo isso, foi assim que passaram para eles, se não pior... Acredito que as intenções eram das melhores, passar tudo o que eles “aprenderam” para gente. E aí paro e penso: será que a faculdade ou universidade que eles se formaram também não mascararam a realidade?

Os anos foram passando, e após concluir o ensino médio, em 2001, sem condições financeiras para seguir os estudos acabei ficando dois anos fora da sala de aula. Porém sabia da importância de um curso superior. Trabalhei e economizei durante dois anos para poder iniciar a graduação e acabei ingressando no curso de Geografia da FACOS/Osório-RS em 2004.

Ah, e por que Geografia? As opções de curso superior não eram muitas para quem queria estudar e continuar morando em Itati/RS. Dentre todos os que eram oferecidos: cursos de licenciatura (História, Matemática, Língua Portuguesa, Educação Física) e dos bacharéis (administração, direito), nenhum me atraía mais que a Geografia, pois, sempre quis buscar explicações teórico-científicas e que não aprendi na escola sobre fatos/fenômenos que estavam diretamente ligados aos meus afazeres rurais, principalmente coisas que estivessem ligadas a fenômenos climáticos. Afinal as intempéries do tempo, por algumas vezes, comprometeram meu presente de natal.

Na faculdade, já de cara, me encantei. Nas falas dos professores do curso comecei a perceber a importância da Geografia. Passei a ver que era diferente do que eu tinha vivido no Ensino Fundamental e Médio, e claro, com as saídas à campo a Geografia me conquistou. Pois, o discurso em sala de aula e a proposta de trabalho alinhavam-se entre teoria e prática.

O contato com diferentes pessoas, diferentes visões, tanto na faculdade como nos trabalhos de campo, permitia ver que a Geografia era fundamental para o ser humano e para a sociedade. As relações socioeconômicas, o pensar o espaço geográfico, a compreensão de determinados fenômenos. Enfim, eu passei 11 anos na educação básica e não me contaram (ou não percebi) que isso era Geografia. Por quê? Arrisco-me a dizer que descontextualização do que acontecia no meu cotidiano com o que se estudava em sala de aula me afastava da construção dos conhecimentos geográficos. Eram leituras que vinham pré-estabelecidas nos livros didáticos, capítulo por capítulo rigorosamente, seguidos de muitos questionários, e pouquíssima reflexão. Discursos prontos que pouco me convidava a pensar a Geografia do meu entorno.

Quando me deparei com as primeiras práticas de ensino de Geografia nos estágios supervisionados com uma 5^o série, hoje 6^o ano, em uma Escola Estadual da área rural no ano de 2006, lembrei-me daquela distância entre conteúdo e realidade que havia percebido na minha vida escolar anterior. Aquilo estava tão arraigado em mim, a forma de como eu havia recebido as aulas, que tive dificuldade de fazer diferente em sala de aula no início. Porém logo após a primeira prática, me vendo no papel de professor, mas ainda me sentindo na pele de aluno do EF, pois, percebia que havia brilho nos olhos daqueles alunos, e que eles estavam ansiosos por novidades, e por incrível que pareça tantos anos depois, e ainda se trabalhava a geografia daquele mesmo jeito que eu havia vivenciado.

Senti então a necessidade de fazer diferente. Após algumas reflexões, conversas e discussões, com minha professora de prática de ensino, percebi que era preciso mostrar àqueles alunos que a Geografia estava presente na vida deles mais do que imaginavam.

Vi que era preciso lugarizar o ensino de Geografia, ou seja, um ensino que estivesse voltado para o local do aluno, pois, este só poderia alçar escalas maiores

compreendendo o seu local de vivência, pois a geografia está no cotidiano das pessoas.

Por exemplo: Como trabalhei na lavoura, aprendi que é preciso adaptar seu plantio as condições climáticas, ao tipo de solo, e na hora de comercializá-las, precisa-se pensar em valores, em relações econômicas e de logística.

Hoje sei que tudo isso é Geografia e ninguém me informou isso na Escola!³ Puxa, minha vida estava “cheia” de Geografia e eu não sabia! Então comecei a me perguntar: como posso fazer diferente? Será que posso fazer a diferença na docência? Como?

Isso começou a me incomodar e aquela distância entre conteúdo e realidade começava a despertar um interesse, ainda que tímido, talvez, por insegurança, de como buscar um sentido, uma aplicabilidade para potencializar o ensino de Geografia, para que esse se apresentasse de maneira útil ao dia-a-dia das pessoas que estão inseridas nesse mesmo contexto na qual cresci. Elas também precisam saber que em suas vidas, em seus cotidianos tem Geografia! E que assim fica mais gostoso aprender, pois começa a ter sentido.

Por exemplo: Se trabalharmos unidades de proteção e conservação ambiental, verificar com os alunos se existe alguma no município. Caso positivo, (em Itati/RS são cinco: APA Rota do Sol, Reserva Biológica da Mata Paludosa, Reserva Biológica da Serra Geral, Parque Estadual do Tainhas, Estação Ecológica Estadual da Aratinga), propor uma visita a área, ou trazer algum representante do órgão fiscalizador/mantenedor para falar sobre o assunto. Sabemos que o livro didático traz esse assunto, mas pensa quão mais compreensíveis e palpáveis se torna para o aluno se assim for feita essa aproximação com o mundo vivido deles? Quem sabe até uma pesquisa pode ser proposta com a comunidade para saber o que esta pensa a respeito da reserva, e problematizar os resultados desta pesquisa com os alunos, levá-los a conhecer a reserva com a proposta da saída a campo. Isso é significar a aprendizagem.

³ Esse trecho cabe destacar, pois visa mostrar o quanto passa despercebido pelos alunos as nossas falas. Uso aqui meu exemplo comparando o que vivenciei como aluno do EFM, do ES e como professor.

Foi então com a docência que passei a vivenciar com mais intensidade a Geografia⁴, pois a cada dia acreditava mais, que esta era fundamental para poder melhorar o meio qual me rodeava.

A partir daí foram surgindo necessidades e provocações. Necessidades de fazer os alunos perceberem o que eu não percebia quando aluno⁵. Que o cotidiano deles está carregado de geografia e que esta ciência pode contribuir e muito para a compreensão dos fenômenos que acontecem no “seu lugar.” Por exemplo, enchentes, vendavais, migrações, economia, a história do lugar, tanto natural como social, os recursos naturais presentes no lugar, a prática agrícola familiar. Necessidades estas que me provocaram a fazer a diferença em sala de aula com práticas e temáticas que surgissem a partir do lugar do aluno. As inquietudes encontradas na escola, agora como professor, me aguçavam a curiosidade de compreender se realmente a geografia ensinada nas escolas de Itati/RS oportuniza aos alunos relações e compreensões que possam permitir melhorias na sua qualidade de vida e da família. Acreditava que assim os alunos teriam gosto e interesse pela Geografia.

1.2 Me tornando um professor escrevente. Desconstruindo-se para se reconstruir melhor.

Chegar nessa etapa de sentar em frente ao computador e iniciar a tessitura desse texto não foi tarefa fácil, mas o desejo de trilhar caminhos para uma Geografia melhor em sala de aula me fez chegar aqui.

Não foram dias fáceis, mas a busca por alcançar este objetivo me impulsionou a dar passos maiores, pois, ao caminhar para esta nova etapa estaria geografizando em mares diferentes, em outras aldeias. E qual geógrafo apaixonado pelo que faz, não quer navegar por mares desconhecidos? Conhecer novas aldeias e novas tribos?

Confesso que as águas nem sempre estiveram calmas! A distância de Itati/RS até a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus do Vale), a necessidade

⁴ Grifo essa frase por se tratar de um sentimento meu, de uma questão de existência percebida por mim a partir da docência.

⁵ Notem, amigos leitores, como essa frase é existencial! Me vi buscando minhas respostas na infância dos outros!

de trabalhar paralelamente com a necessidade de estudar, afinal, as latinhas da dispensa precisavam ser repostas no final de cada mês. O custo de estar semanalmente em Porto Alegre. O tempo hábil para executar as leituras e as tarefas, além de não compreender o sistema de bolsas, pois não pude ser contemplado! Por estar trabalhando, teria que optar entre trabalhar ou me tornar bolsista!!!

Deixo aqui uma indagação: qual ser humano que precisa se deslocar uma média de 1500 quilômetros mensais para estudar, além disso, manter casa, família, conseguiria manter-se apenas com a bolsa? Se eu morasse em Porto Alegre seria viável a bolsa, mas também né, quem mandou nascer escondido em Itati? Ficou para mim a ideia de um sistema meio draconiano, ou seja, de que existem coisas que precisam ser mais bem analisadas para que se clareiem os critérios. Infelizmente a bolsa nem sempre contempla os mais necessitados

Mas guerreiro que sou com a ajuda de meu amigo e orientador, da minha família e da paixão pela Geografia fui superando as intempéries que surgiram pelo caminho, sempre com o pensamento de que marés mais calmas me aguardariam no futuro.

Usando números para quantificar em dados geográficos, minha caminhada para cursar as disciplinas, receber orientações do professor Nestor, fazer a prova de proficiência, entre outras atividades relacionadas ao mestrado se resume em 73 idas de Itati/RS até a capital. Meu carro estava indo sozinho para Porto Alegre!

la de carro, pois, para me deslocar de ônibus precisaria ter disponível o dia inteiro para ir até a capital, afinal não existe ônibus de Itati para Porto Alegre em horário que permitisse estar na UFRGS para as aulas. Então seria necessário pegar um ônibus de Itati até Terra de Areia, de Terra de Areia até Porto Alegre e da Rodoviária de Porto Alegre até o Campus do Vale. Isso levaria umas 4 horas de viagem, para ir e quatro para voltar. Como precisava dar aula pela manhã antes de ir para as aulas do mestrado, acabava indo de carro, pois levava em média 2h15min, de viagem.

Esse percurso totalizava a cada ida 326 km, como foram 73 idas. $73 \times 326 = 23.798$ km. Nossa! Não tinha me dado conta do quanto havia percorrido!!! Isso daria para ir do arroio Chuí até o monte Caburaí cinco vezes e meia! Em gasolina foram cerca de 1600 litros, quase me associei ao dono do posto de combustíveis, em

média um investimento de R\$ 4, 624,00 em combustível. Puxa esses números me deixaram confuso. Mas deixe estar que isso também é geografia, isso também é geografia! Pois percorri novos caminhos, conheci novas pessoas, refleti sobre a geografia e o ensino, sobre a vida e seus sentidos. Deleitei-me com novas leituras, novas práticas, novas possibilidades. Senti na pele as questões econômicas e sociais impostas pelo sistema. Onde eu estava mesmo?

Ah, escrevia sobre minha origem e a paixão pela Geografia.

2. OS ATORES ENVOLVIDOS NESSE ESTUDO: PARA SER GRANDE, SÊ INTEIRO...

A Geografia permite ao aluno desenvolver subsídios e ferramentas para compreensão do mundo. É fundamental que o aluno aprenda e construa a capacidade de mobilizar suas aprendizagens em diferentes situações.

Então questiono: Será que a Geografia que se ensinava na década de 1980 não deve ser ensinada atualmente? Ou será que metodologias de ensino se transformaram e não houve um acompanhamento por parte dos docentes?

Como compreender a relação entre o nosso cotidiano e o conhecimento teórico (geralmente em sala de aula alicerçado pelo livro didático) se isso não é problematizado?

Fernando Pessoa já escrevia que para ser grande, sê inteiro. Mas como se sentir parte do todo, ou melhor, como me encontrar nesse lugar? Parafraseando o enigma da esfinge: “decifra-me ou devoro-te!” São essas angustias que encaminham para uma busca e compreensão da Geografia em sala de aula.

Na verdade não estamos a procura de um culpado para levá-lo a julgamento na suprema corte. Buscamos compreender a desmotivação no aprender geografia por parte dos alunos (e de professores também) e para isso é necessário uma análise dos envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Escola, professores e alunos.

Os escritos acima foram a mola propulsora para que este tema: “As relações do ensino de geografia com os arredores da escola. Como o lugar de vivência do aluno pode potencializar sua aprendizagem” fosse o ponto de partida para este estudo

2.1 A ESCOLA: DA MINHA ALDEIA VEJO O QUANTO DA TERRA SE PODE VER.

Segundo o Projeto Político de Apoio Pedagógico - PPAP da escola Pastor Voges (escola em que trabalho), a principal função da escola é formar cidadãos críticos, conscientes, capazes de interagir e melhorar a realidade em que vivem. Refletindo sobre isso me questiono: será que a proposta educacional proporciona ao aluno conhecer e valorizar o seu lugar? Se ela conseguir isso na prática, esse aluno

poderá ir além e com isso ler outros lugares para além do seu. É como nos coloca Fernando Pessoa: “da minha aldeia vejo o quanto da Terra se pode ver”. Utópico ou possível?

Isabel Alarcão (2001, p. 18), educadora portuguesa, afirma que:

(...) a escola, para além de lugar e contexto, é também um tempo. Um tempo que passa para não mais voltar. Um tempo que não pode ser desperdiçado. Tempo de quê? De curiosidade a ser desenvolvida e não estiolada. [...] A escola é tempo de desenvolver e aplicar capacidades como a memorização, a observação, a comparação, a associação, o raciocínio, a expressão, a comunicação, o risco. Quais tarefas, na nossa escola, visam ao desenvolvimento dessas capacidades fundamentais para uma aprendizagem continuada ao longo da vida? [...] A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania.

Sendo a escola um espaço de vivência da cidadania é essencial o movimento do educar. Que é permitir ao aluno uma aprendizagem sobre si mesmo e sobre o outro, sobre o mundo. Durante este percurso os envolvidos no processo devem adquirir competências e habilidades para agir de maneira situada, diversificada, crítica e criativa no meio qual está inserido. Talvez a nomenclatura utilizada para dar significado ao “formar cidadão” não seja a mais adequada, pois assim como está no PPAP parece ser ruim formar cidadãos. E temos a consciência de que não é esse o nosso entendimento.

A escola tem que se fazer compreendida como essencial para sociedade. E que ela é um local de (re) construção de conhecimento em detrimento de um ambiente de reprodução de saberes.

Segundo Antoni Zabala (2002), a finalidade do sistema educativo é o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa para dar respostas aos problemas que surgem pelos caminhos da vida. A escola deve estar preparada para selecionar conteúdos com critérios que respondam tais exigências.

A sociedade mudou! E a escola?

Apriori a escola foi mudada. Muitas mudanças principalmente informacionais e comunicacionais aconteceram nos últimos anos. As dependências tecnológicas mudaram o contexto social da escola, porém a escola e os professores talvez não

acompanharam ou não se adaptaram as mudanças. A escola que antes era a “dona da informação” hoje é invadida a cada instante por um toque na tela de um telefone celular ou de um i-pad. Morin (p.99, 2010) aponta para um impasse escrevendo que: “não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes e não se pode reformar as mentes sem uma prévia reforma da instituição.

E, agora José? Que escola devemos construir? Que ensino de Geografia podemos propor? Goulart (2011, p. 26), em sua tese de doutorado nos ajuda a compreender melhor esse momento:

A escola contemporânea precisa ser pensada em bases diferentes para atender as necessidades atuais, pois a sociedade tem particularidades diversas daquelas de outros tempos. Um flagrante descompasso entre um mundo da internet e a escola, por exemplo, tem definido comportamentos orientados pela transgressão, e desconforto, nas diferentes instâncias educacionais.

E então, como acertar os ponteiros dos relógios da escola e sociedade que badalam em ritmos diferentes?

Para você acertar precisa identificar o que não está dando certo e o que está surtindo efeito no ensino. Talvez aí a dificuldade de docenciar uma geografia que permita uma aprendizagem, pois, se por um lado temos uma dificuldade de perceber e admitir nossos equívocos, quem sabe até uma baixa dose de humildade, por outro lado nos apoiamos em muletas, isentando-nos das responsabilidades repassando-as para os alunos, escola, família, sociedade. Enfim, creditamos a caminhada a outras pessoas e não colocamos os nossos pés no solo para nos incluir nessa caminhada e dividir o peso e as responsabilidades.

Porém, nessa era da massificação da comunicação e da informação em que a sociedade se encontra a escola não é a detentora do monopólio do saber (tenho dúvidas se um dia foi) tão pouco, o professor “enciclopédia humana” da informação. Não há mais espaços para entrar em um ambiente escolar e enxergar o aluno como um receptáculo. Este aluno convive em um ambiente cercado por recursos e tecnologias midiáticas que em menos de 5 segundos lhe apontam mais de trinta mil possibilidades de informações sobre a ideia digitada no Google.

Dentro dessa perspectiva cabe a escola problematizar a enxurrada de informações e incertezas a que estamos expostos diariamente, levando-as para a sala de aula, permitindo aos alunos geografar sobre elas, lendo, refletindo, buscando

estabelecer uma relação entre a teoria e a situação ocorrida em um fato do cotidiano. Ou seja, usar o que está ao alcance do aluno para transformar a informação em conhecimento consolidado, pertinente. Se não houver problematização/discussão dos assuntos, não haverá construção e sim uma reprodução de informações desconexas, logo não se desenvolverá uma consciência crítica.

Mais uma vez Alarcão (2005, p.13). nos auxilia com seus escritos.

No tempo em que vivemos, as mídias adquiriram um poder esmagador e a sua influência é multifacetada, podendo ser usados para o bem e para o mal. As mensagens que neles passam apresentam uma miríade de valores, uns positivos, outros negativos, de difícil discernimento para aqueles que, por razões várias, não desenvolveram grande espírito crítico, competência que inclui o hábito de se questionar perante o que lhe é oferecido.

Costella (2012, p. 77). também contribui escrevendo que:

A escola compreende um papel fundamental na construção de um ser mais reflexivo e ativo perante os acontecimentos do mundo. Os professores, composição importante deste processo necessitam enxergar o lugar escola como um momento de aprendizagem constante, encontrando no aluno as possibilidades de rever suas metodologias de ação. Os alunos, passantes por estes eventos proporcionados pela escola necessitam ser acompanhados como elementos inspiradores para a construção de currículos identitários e voltados para uma ação e reação flexível e representativa culturalmente. O ensino precisa ser voltado para o aluno, tendo ele como fruto composto por diferentes possibilidades e não somente e unicamente para o conteúdo trabalhado de forma insistente, muitas vezes, sem consequências mais significativas para quem aprende [...]. A escola assim é um lugar de complexidades e não de simplificações, é um lugar globalizado que deve fazer com que o professor se desvincilhe de gavetas disciplinares para desenvolver um saber mais integrado e significativo.

A escola, enquanto instituição caminha para uma construção homogênea, assim como a sociedade global caminha para uma padronização do modo de vida. Porém, a escola não pode se fechar para o mundo, pois, ela faz parte desse mundo, e seus frequentadores, alunos e professores, não chegam vazios.

A Geografia trabalhada a partir do “lugar do aluno” insinua-os em seu modo de pensar e agir diminuindo o hiato que existe entre a Geografia escolar, esta entendida como aquela proposta por manuais, cartilhas e programas de conteúdos, e a vida que acontece do outro lado do muro da Escola.

Ela, a escola/Geografia, precisa permitir aos alunos olhar o “seu lugar”, ela precisa derrubar essa barreira, abaixar seus muros para que o aluno possa compreender o que acontece na sociedade.

Por exemplo: em uma aula vamos falar sobre o desmatamento da Amazônia, um lugar distante de Itati/RS e se não incitamos os alunos a olhar pela janela da sala de aula e avistar uma área de Mata Atlântica na encosta do morro que foi derrubada e queimada não estamos fazendo Geografia. Podemos até pensar, mas estaremos reforçando informações e não construindo conhecimentos.

Não afirmo que se não faz parte, não é próximo ao aluno não se pode falar, ou seja, que não se pode falar da Amazônia para um aluno de Itati/RS, mas se fizermos apenas uma fala sobre a Amazônia, sem contextualização, estaremos contribuindo para o fortalecimento daquilo que já é muito forte na Geografia: a Geografia do cartão postal, superficial e desconectada do cotidiano do aluno.

Mas se dissermos o seguinte: - Pessoal, olhem pela janela. Estão vendo aquela encosta? O que há de errado/ilegal naquela área? É permitida a prática da queimada?

Logo surgirão opiniões e comentários dos alunos a respeito do assunto, e assim poderemos continuar a fala: - Bom pessoal, assim como naquela área que avistamos da janela e percebemos uma área de proteção integral da Mata Atlântica (aí já se aproveita e explica o que é uma área de proteção integral) ser extraída irregularmente, também acontece na Amazônia, porém em uma escala e ritmo diferente. Lá o relevo é mais plano, ao invés de machados e motosserras, usam-se a prática de arrastões com tratores e correntes.... Pode até se passar um vídeo como exemplo. Enfim, essa relação é que é importante para que os alunos consigam “apalpar o impalpável”. Isso é lugarizar o ensino de Geografia. É contextualizar, aproximar a Amazônia de Itati/RS.

2.2 O ENSINO DE GEOGRAFIA: NINGUÉM ME DISSE QUEM TU ERAS.

Por muitos anos o ensino, de modo geral, esteve centrado no professor e este foi se construindo no percurso de um caminho já mapeado, onde muitas vezes sair do caminho era correr riscos, tatear no escuro, porém o medo de não saber o que lhe esperava podia ser maior e isso moldava o processo de ser professor.

Geografar nunca foi e nem será tarefa fácil, pode sim se tornar prazerosa para os professores que sejam crentes naquilo que fazem e acreditam que podem fazer a diferença.

Sabemos e ouvimos diariamente sobre as mazelas que perseguem a profissão docente como: baixa remuneração, carga horária excessiva, más condições de trabalho.

Percebemos também que falar sobre Geografia, na sociedade, no grupo de amigos e até nas reuniões pedagógicas da escola, proporciona a ouvir respostas e definições clássicas quase sempre ligadas a etimologia da palavra ou a classificação e definição de fenômenos da natureza gerando respostas como: “Geografia é muito chata, tem que decorar o nome dos lugares, as capitais, pintar mapinha e fazer cruzadinha!” ou “nas aulas de Geografia a gente só lia no livro e hoje eu pouco sei!” E ainda: “Ah! até lembro das classificações de climas e relevos mas nunca entendi por que tinham aqueles nomes!” E mais, quando alguém encontra algum universitário que está cursando Geografia, geralmente as pessoas dizem: Bah! “Que legal pra ti que gosta, porque eu não gostava nada...”

Respostas como essas são muito comuns. Isso por que as pessoas, de um modo geral, vivenciaram por gerações o ensino de uma Geografia tradicional, memorizada, sem sentido, sem contextualização, o que gera um desinteresse da parte do aluno em seu contexto educacional, e este acaba formulando uma imagem empobrecida da Geografia, que na maioria das vezes é adquirida na própria sala de aula. Goulart (2011, p. 29) nos alerta que:

.a Geografia aprendida na escola, fruto da formação na educação básica. Essa Geografia desprovida de sentido, calçada na memorização e reprodução, continua, ainda hoje, a fazer parte dos currículos escolares, colaborando para compreensão simplificada do significado do conhecimento geográfico.

Ao concluir a graduação e adentrar pelos bancos escolares, agora no papel de docente, me deparei com programas de ensino de Geografia semelhantes aos quais tinha vivenciado em minha formação na educação básica. Observei que por vezes, os alunos eram “convidados” a ler o capítulo e responder o questionário. Como se isso não fosse suficiente veio o momento de escolher os livros didáticos para o próximo triênio, e aí sim foi assombroso, escutei dizer que determinada coleção não era muito boa porque não apresentava um questionário extenso ao final de cada capítulo. Que absurdo! Enfim, o enfado continuava a rondar as aulas de Geografia.

O ensino da Geografia tem se mostrado desvinculado do cotidiano do aluno e quando este discorre algo sobre a disciplina, na maioria das vezes, é desmotivado ou apresenta uma lacuna deixada no processo de ensino/aprendizagem. Percebi que é necessário propor algo que modifique essa visão e talvez, quimera, transforme a prática do ensino de Geografia.

Que estratégia de ensino pode possibilitar a mudança dessa realidade? Busquei na memória algumas práticas vivenciadas como aluno e como professor e constatei que para se chegar a aprendizagem, o que faz a diferença não são os recursos “modernos”, (projektor de mídia, internet, aula no prezi,...) e sim a maneira como são utilizados. Se não forem usados como um diferencial facilitador para a aprendizagem, não passará de mais um item de informação e não acrescentará muito na aula.

O desafio do professor de Geografia é pensar propostas de aprendizagem onde o aprender e o ensinar esteja focado no aluno e nas relações com o grupo no qual está inserido. Para isso, conhecer os alunos por meio da prática de uma pesquisa socioantropológica pode ser uma opção, pois Sócrates (479-399 a.C) já professava: “conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os Deuses”!

Quem faz a diferença é o professor! Este deve desafiar constantemente seu aluno, além disso, precisa ter gosto pelo que está fazendo propondo atividades que se adaptem a realidade da escola/aluno poderá conseguir resultado igual ou superior ao professor que usufrui de todas as tecnologias. Segundo Costella (2012, p.82).

O processo de aprendizagem é contraditório e por isso é tenso. A contradição tem origem nos infinitos desafios que os professores propõem a seus alunos. Desafiar é despertar a vontade do novo, é

partir de momentos de aprendizagem capazes de oportunizar outros momentos cada vez mais significativos. Quando o aluno passa por momentos valiosos de aprendizagem ele desenvolve a potencialidade de aprender a aprender constantemente.

Fazer com que o aluno deixe de ser assistente e passe a ser agente do processo de aprendizagem, para que construa seu conhecimento de maneira que este o pertença. Eis o desafio do professor!

Calvancanti (1998, p.20) escreve que o ensino de Geografia:

não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos, à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, na suas contradições.

Mas para que isso deixe de ser uma utopia e se torne prática constante em sala de aula cabe ao professor estar em movimento, buscando atualizações de leituras, não só teóricas, mas do cotidiano, de práticas pedagógicas. Refletir e escrever sobre a docência. Ele, para professar com êxito, necessita estar em consonância com a realidade escolar. Precisa compreender o que acontece nesse meio, observando, analisando e pesquisando o local em que o aluno está inserido. Que conhecimento prévio esse aluno traz consigo? Que significado e importância o conteúdo que o professor irá trabalhar apresenta para vida do aluno?

Não raras às vezes se obstaculiza uma baixa nos muros da escola fazendo esta parecer um ambiente desconectado e desconexo do lugar no qual está inserida.

Uso aqui, para ilustrar e comungar com as autoras que me apoiaram, uma situação que aconteceu em sala de aula comigo quando trabalhávamos com o eixo temático da diversidade cultural e social.

Estávamos discutindo o assunto após a leitura de um texto que havia saído no jornal *Zero Hora* daquela semana sobre atos racistas no futebol, quando um aluno fez o seguinte questionamento.

- Professor eu acho essa história de racismo meio forçada, por exemplo, sou contra as cotas para negros por que elas representam um racismo, se eles são iguais por que são tratados diferentes?

Parei a aula, e fiz o seguinte questionamento aos alunos: - Todos aqui são contra o sistema de cotas? A resposta foi unânime! Até parecia um efeito dominó. Os alunos se entreolharam e meio que em seqüência foram acenando com a cabeça que sim. Então o primeiro esclarecimento que fiz foi que as cotas não são exclusividades dos negros, elas contemplam indígenas e alunos que sempre freqüentaram escolas públicas.

Fui até o quadro e escrevi as seguintes palavras: se todos são iguais devemos ser tratados iguais, concordam? Os alunos afirmaram que sim. Então prossegui, escrevi a situação 1: aluno de escola privada desde as série iniciais, filho de pais de classe média, com casa própria, somente estudou até os 18 anos, fez cursinho de inglês e pré vestibular, resultado: Medicina, engenharias... na UFRGS. Situação 2: aluno que sempre freqüentou escola pública, pai desempregado, moradia precária, dificuldades financeiras, teve que estudar a noite para poder trabalhar durante o dia e incrementar a renda familiar, resultado? Será que somos iguais, ou as cotas carregam a proposta de acesso desigual aos desiguais?

Era nítido o poder de concentração dos alunos no caminho reflexivo e problematizado que a aula se encaminhou então vários alunos disseram: “- professor nunca tínhamos pensado dessa forma”, então respondi: a TV e os jornais trazem notícias e informações porém nem sempre abrem espaço para essas reflexões e quando abrem já vem com leituras e interpretações tendenciosas, cabe a nós estudantes, estar preparados e capacitados para efetuar a leitura, interpretar e buscar uma solução para o problema apresentado.

Mais uma vez, saí leve da sala de aula, consciente de que aqueles alunos estavam pensando na sociedade, no “seu lugar”. Que a Geografia estava estimulando a reflexão sobre o mundo extraescolar, aproximando-a das experiências do cotidiano ligadas ao espaço. Aí percebi o quanto a geografia pode ser prazerosa para os alunos e também para os professores.

Pontuschka (1999, p.35) fortalece o discurso acima quando escreve que:

O educador precisa saber realizar a leitura analítica do espaço geográfico e chegar à síntese, criando situações no interior do

processo educativo para favorecer as condições necessárias ao entendimento da Geografia como uma ciência que pesquisa o espaço construído pelos homens, vivendo em diferentes tempos, considerando o espaço como resultado do movimento de uma sociedade em suas contradições e nas relações que estabelece com a natureza nos diversos tempos históricos.

Kaercher (2004, p.56), também contribui nesse sentido:

Nossa existência tem um caráter geográfico espacial intrínseco. Não refletir sobre os aspectos espaciais da existência do ser humano é deixar uma faceta primordial de nossas vidas no escuro! Um desperdício! Isto dito não implica fazer uma definição fixa de Geografia! Mas, Geografia implica falar de espaço, sobretudo o antrópico!

Em outras palavras a escola é um lugar de infinitas possibilidades, experiências, leituras, descobertas, incertezas, certezas, estranhamentos, reflexões. É lugar de encontros e desencontros. É lugar de compreendermos nossa existência. É lugar do pensar sobre nós, de despertar a fome pelo conhecimento, de buscar respostas para saciá-la, mesmo que isso seja momentâneo, afinal, estamos em constante movimento e mudança, e a espiral do conhecimento não para.

Goulart (2011, p. 26) também escreve sobre ensinar dizendo que: “Ensinar é mais do que ter conhecimentos da especificidade da área que se propõe a trabalhar. Ensinar, na contemporaneidade, é estar no mundo.” É compreender que a escola não é um campo a parte da sociedade, pois, esta muitas vezes esquece-se de fazer descer os muros que a cercam para que o aluno possa relacionar o que se faz em sala de aula com o que está acontecendo na rua da escola, por exemplo.

Ensinar na contemporaneidade é trazer a informação que está no jornal e a partir dela criar uma possibilidade de conhecimento. É ver a notícia de um terremoto na Indonésia e trazer o assunto para a aula sobre população brasileira, por exemplo. Propor questões, aguçar a curiosidade. O que será que acontece com a população diante de um cataclismo deste? E se acontecesse no Brasil? Será que as pessoas estão preparadas para isso? Será que esses fenômenos endógenos da Terra podem ocorrer no Brasil?

Ou seja, ninguém está propondo um corte cirúrgico na aula para falar do que foi noticiado no jornal nacional, ou o que é manchete na capa do site do UOL, o que

propomos é não nos fazermos de indiferentes a questões como esta e aproveitar o *link* do noticiário com a curiosidade do aluno para proporcionar uma situação de construção de conhecimento pertinente.

Mas o que é um conhecimento pertinente?

Segundo Morin, (2010, p. 15):

o Conhecimento pertinente é o que é capaz de situar **qualquer informação em seu contexto** e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar (grifos meus).

A significação do ensino de Geografia a partir do que se constrói em sala de aula é o que permite essa concretude. É no cotidiano que se encontram os subsídios que fornecem o embasamento para o aluno enxergar que a todo o momento geografizamos. Que olhamos pela janela e vemos um mundo cheio de Geografia que nos convida a conhecê-lo.

Exemplificando: se eu tenho em sala de aula um grupo de alunos, filhos de pequenos agricultores, como não relacionar o conteúdo a realidade vivida por eles? Se trabalhar os climas como não relacionar com as épocas do plantio de determinadas plantas. Ou a questão da preservação ambiental que está diretamente relacionada e até gera alguns conflitos com a prática agrícola, ou ainda, os movimentos migratórios e não buscar um estudo da genealogia deles, sabendo que a região recebeu diversas etnias em seu processo de povoamento.

É necessária a aproximação daquilo que é representado e construído por eles na sociedade com a teoria da sala de aula. Para isso é importante que o professor conheça a realidade em que a escola está inserida, adapte suas práticas ao grupo de alunos que possui, pois é importante conhecer e relacionar com o cotidiano para depois ir além dos muros da escola.

Sobre isso Pontuschka (2009, p. 95) esclarece a importância do papel do professor pesquisador que deve:

ter cada vez maior intimidade com o processo investigativo uma vez que os conteúdos que ele trabalha, são construções teóricas fundamentadas na pesquisa científica. Assim, sua prática pedagógica requer de si reflexão, crítica e constante criação e recriação do conhecimento e das metodologias de ensino. O que pressupõe uma

atividade de investigação permanente que necessita ser aprendida e valorizada.

O ensino de Geografia pode proporcionar a construção de uma aprendizagem significativa, com aulas interessantes e contextualizadas à realidade do aluno. Aulas que interajam, envolvam e compreendam de forma clara a importância e as utilidades dos conceitos geográficos.

Um ensino que faça diferença na vida do aluno e crie o desejo de buscar respostas para seus questionamentos e não respostas prontas que fiquem apenas na sua vaga lembrança, pois:

se o desejo for satisfeito, a máquina de pensar não pensa. Assim realizando-se o desejo, o pensamento não acontece. A maneira mais fácil de abortar o pensamento é realizando o desejo. Esse é o pecado de muitos pais e professores que ensinam as respostas antes que tivesse havido perguntas. (ALVES, 2004, p. 21)

O aluno, um sujeito que consiga perceber o ensino de Geografia como forma de analisar, compreender e fazer uma leitura significativa do “seu mundo”. Na minha realidade escolar as aulas de Geografia precisam oportunizar ao aluno que este olhe para a realidade econômica de sua família, o bairro onde vive, a paisagem que o cerca e identifique que ali está cheio de Geografia. Mas que não fique nisso, que ele consiga construir uma base geográfica que permita agir em seu meio e melhorar sua perspectiva de vida.

Muitas vezes me pergunto: será que minhas aulas de Geografia estão fazendo sentido para meus alunos? Que tipo de professor e de aula é necessário para que o aluno aprenda e aplique o aprendizado geográfico na vida?

Quanto a isso me socorro da fonte do mestre Freire (2002, p.76) que escreve:

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de *apreender* a substancialidade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é objeto verdadeiro do objeto do conteúdo. Nesse caso o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico.

A Geografia, por abordar questões físicas e humanas oportuniza ao aluno desenvolver subsídios e ferramentas para compreensão do mundo. E é fundamental que aluno aprenda e construa a capacidade de mobilizar suas aprendizagens em diferentes situações. Por isso que a Geografia é mais do que informar acontecimentos. A geografia é uma sucessão de leituras e releituras, ações e reações que extrapolam o livro didático. A geografia é a vida e seus acontecimentos.

Sendo assim, uma alternativa importante é a de buscar um caminho, ainda que árduo, mas mais prazeroso, que envolva professor e aluno na caminhada do construir saberes. Que o que aconteça em sala de aula faça sentido. Esteja ao “alcance dos olhos” e sentidos dos envolvidos.

2.3 OS ALUNOS: NÃO QUERO RECEITAS, QUERO É FOME.

Construir um conhecimento geográfico na sociedade atual é cada vez mais complexo. As tessituras que adentram pela sala de aula proporcionam uma teia de caminhos e assuntos que nem sempre são possíveis de serem relacionados no processo de ensino aprendizagem. Essa sociedade da informação que bate a porta da nossa sala de aula é carente de conhecimento. Esta sala, é bombardeada por imagens, textos fragmentados, publicidades, notícias... tudo isso a um toque na tela de um celular.

No entanto ao mesmo tempo em que o aluno é bombardeado e tem sua mente explodida por mil informações instantâneas que lhe dão a falsa sensação de saber, deixa sua capacidade de análise, de aprofundamento, de criticidade ser implodida. Talvez estejamos vivenciando uma geração que julga e opina sobre tudo, que chega a escola com uma cabeça cheia de informações, mas tem dificuldade de transformá-las em conhecimento pertinente, de ter uma cabeça bem feita (Morin, 2010). Uma geração do mecanismo de computador ctrl+c e ctrl+v⁶, ou seja, do copiar e colar.

Para aprender é preciso pensar. E isso não é tarefa fácil. PESSOA, já escrevia em sua obra “O Guardador de Rebanhos” que “pensar incomoda como andar à chuva, quando o vento cresce e parece que chove mais” talvez por isso que a

⁶ As teclas ctrl+c e ctrl+v, são atalhos utilizados no teclado do computador para se copiar um assunto selecionado em um determinado documento e efetuar a colagem em outro documento, diminuindo o esforço em ter que digitar novamente o texto, ou seja, simplificando o processo.

comodidade, a acessibilidade crie a sensação de respostas rápidas, prontas, nas quais eu não preciso pensar e nem refletir, apenas repetir o que já está dito. Isso não passa de uma mera reprodução, ou seja, o aluno continua sendo um sujeito passivo, não progredindo para se tornar ativo na construção do seu conhecimento. Como dizia FREIRE (2002, p.26) “o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado. Em que o ensinado não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.”

Com a relação ao ato de aprender Freire (2002, p.27) continua:

é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando curiosidade epistemológica, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto”.

Mesmo sabendo que estamos inseridos em um período denominado técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006), onde a informação e os meios comunicacionais e midiáticos permitem viajar “sem sair de casa”, a escola e o ensino de Geografia não podem passar com nulidade sobre esses meios que fazem parte do viver diário da comunidade escolar.

Devemos nos aliar e não nos alienar a essas novas tecnologias, que são extremamente válidas quando usadas como suporte facilitador da compreensão da cotidianidade. Pois o aluno constrói, vivencia, representa socialmente em seu cotidiano, e por isso nos leva a refletir sobre o que Cavalcanti (1998, p. 32) escreve sobre representações sociais:

o estudo das representações sociais tem, assim, como suporte a vida cotidiana e a atividade cognitiva dos sujeitos que as formam. Essa constatação permite a convicção de que o estudo das representações dos alunos sobre a Geografia é um caminho para melhor conhecer o mundo vivido dos alunos, suas concepções e seu processo de construção de conhecimento.

O aluno precisa desenvolver uma habilidade e análise de compreensão do espaço em que está inserido e que isso evolua para além do senso comum, ou seja, que esse aluno consiga fazer a relação entre o que está em seu cotidiano e a teoria,

transformando-a em conhecimento apropriado. Que esse processo se potencialize a fim de que o aluno possa construir uma capacidade operativa, uma visão articulada em diferentes escalas: local, regional e global.

Portanto as diversidades dessas representações sociais que estão inseridas em uma escola, seja ela no espaço urbano ou no espaço rural, é o que proporciona ao ambiente escolar ser um local onde a relação entre ensino e aprendizagem aconteça. Onde o construir saberes venha arquitetado por provocações, por oportunidades de intervir no meio em que está inserido, pois se não sou capaz de conhecer onde estou como posso querer compreender quem me rodeia? E se não conhecer o que me rodeia, como posso compreender onde estou. Quem sabe na busca dessas respostas não caiba o projeto de uma pesquisa socioantropológica?

Na escola, em que trabalho, no início do período letivo de 2013, tinha-se a tarefa de refazer o projeto político de apoio pedagógico - PPAP, e para isso necessitava de um diagnóstico sobre o público que a escola abrangia. Surgiu então a ideia de elaborarmos uma pesquisa, onde os alunos do ensino médio politécnico mapearam por meio da listagem de matrículas o local de residência dos alunos matriculados, dividiram-se em grupos e foram até as respectivas casas, aplicar um questionário semelhante ao do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Com os dados coletados os alunos construíram gráficos e socializaram para toda a comunidade escolar. Muitos alunos e professores só passaram a conhecer a realidade social e econômica dos matriculados na escola a partir desse estudo.

Quanto aprendido nessa proposta? Difícil de mensurar e quantificar. Mas certamente se construiu uma nova visão sobre o público da escola. Houve uma reflexão e releitura do lugar permitindo assim aos professores e alunos conhecer-se melhor e pensar em novas práticas ou readaptação das práticas, já utilizadas em sala de aula, para contemplar o maior número possível de alunos. A construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno ocorrem não só na escola, mas também fora dela.

É aí que surge uma das importâncias do professor, a de desenvolver nesse aluno a capacidade de leitura, interpretação e resolução dos problemas, ou seja, que este possa pegar qualquer tipo de linguagem (foto, mapa, texto, entrevistas, vídeos...) e efetuar a leitura, interpretar o que é exposto e construir suas conclusões. Se sentir ativo e autônomo no processo de construção de aprendizagem.

Nossos alunos fazem parte de uma geração que não se preocupa em buscar água na fonte por que a conseguem com um simples abrir da torneira e nem percebem que ao fazer isso não sabem qual a origem, o caminho, a qualidade com que isso chega a suas mãos. É assim com a informação, estamos recebendo-a com muita facilidade e não nos preocupamos com a procedência, a possibilidade de ser verídica ou não, de estar carregada de interesses políticos e econômicos ou não.

Precisamos desenvolver uma criticidade com os nossos alunos e fazê-los compreender que não são apenas as respostas, mas também as melhores perguntas que vão lhe permitir um conhecimento pertinente.

Tudo bem, isso é muito lindo no papel, mas, e na prática? É preciso traçar caminhos para uma aprendizagem geográfica, perceber quais são as necessidades dos alunos, os interesses e as possibilidades. Enfim, nessa pesquisa apontamos um caminho que julgamos ser útil para que esse processo se efetive: a lugarização do ensino de Geografia.

3. A LUGARIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA. O QUE VEM A SER ISSO?

Olhar para as coisas pode nos remeter às paisagens, que vimos e que vivemos com os nossos sentidos. A estrada que margeia o morro, os rios que serpenteiam o vale, as árvores a beira da casa, são percebidos e dão sentido para nossa vida.

Sabemos a importância do lugar e do sentimento que as pessoas constroem com o “seu lugar”. Esse sentimento de pertencimento ao lugar carece como um fator de identidade das pessoas.

O espaço onde nascemos pode condicionar nossa vivência, afinal, mesmo com a globalização, pessoas de diferentes lugares, carregam em sua bagagem, diferenças. Como olhar de maneira equalizada uma pessoa que nasce nos Andes com uma que nasce nas ilhas da Oceania. Martins (2004, p. 21-22) esclarece que a Geografia está imbricada na:

coexistência de coisas estabelecida pela relação Homem/Meio, onde a geografia mostra-se Omo a ordem das coisas que coexistem [...] Em síntese, Meio e Homem, nas suas respectivas materialidades, na fenomenicidade e forma de seus respectivos seres, e a espaço-temporalidade que lhes são próprias, a sua ordem de coexistências, compõem a geograficidade dinâmica do mundo. [...] Portanto, a geografia que aí se manifesta é a dimensão existencial desta complexidade que representa essa relação Homem/Meio.”

E é dessa relação do homem com o meio que surge em mim a ideia de construir o conceito de “lugarização do ensino de Geografia”. Pois a Geografia está arraigada na nossa essência humana. Do abrir os olhos ao amanhecer até cerrarmos os olhos na noite, fazemos Geografia.

Fazemos nossa higiene pessoal e quando abrimos a torneira não temos noção de onde possa estar vindo o abastecimento da água, ou onde foi produzido o creme dental. Sentamos à mesa para o café e nem percebemos que o pão de trigo está ali graças ao trigo argentino, que o café provavelmente veio do Espírito Santo ou Minas Gerais, que o açúcar (se mascavo) pode ser de produção local (ou se branco) pode ser industrializado em São Paulo, que o polvilho, matéria prima da rosca veio do sul catarinense.

Diante desses elementos que por vezes, (muitas vezes) passam despercebidos nas aulas de Geografia é que se legitima uma necessidade de lugarizar o ensino de Geografia. Mas o que propomos com esta idéia? O que é então, lugarizar o ensino de Geografia sobre nossa ótica?

Lugarizar é fazer o aluno se sentir pertencente ao seu lugar, compreender que ele tem poder de atuação sobre esse espaço e que ele é agente construtor e transformador do lugar no qual está inserido. É conhecer a si mesmo, é compreender a paisagem, as formas de relevo, a economia do lugar em que vive. É partir do palpável, do visível aos seus olhos para o não palpável e nem tão visível aos seus olhos. É vincular o conhecimento geográfico com aquilo que o aluno percebe ao abrir a janela do seu quarto. É relacionar a Geografia com a realidade em que o aluno vive, para que ele possa compreender com mais facilidade conceitos geográficos.

Compreendendo a Geografia a partir da sua realidade, da sua vivência diária, facilita a compreensão daquilo que não está tão próximo da sua realidade.

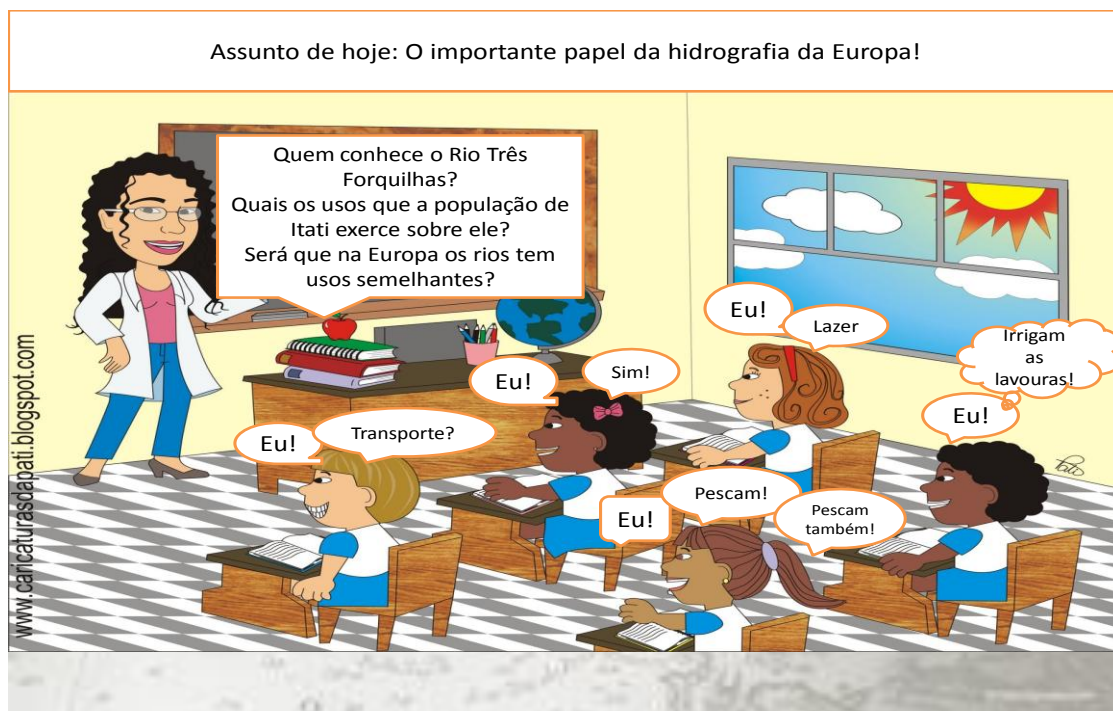
O estudo do lugar como possibilidade de aprender geografia considera o cotidiano da vida dos alunos e o contexto escolar como fundamentais. Neste sentido, lugar e cotidiano são abordados no contexto escolar como oportunidade de desenvolver habilidades e competências que contribuem para a formação cidadã e para a construção de conceitos constitutivos da especificidade do conhecimento geográfico e para o estabelecimento das bases da aprendizagem da geografia na escola básica. (CALLAI, 2010, p. 25)

Leite (1998) ao escrever sobre lugar esclarece apontando que o lugar é mais do que uma localização, por que não se refere somente aos objetos e atributos da localização, mas que constitui os sujeitos a partir de suas vivências e experiências. Estas que ao se constituírem tendem a produzir uma relação sócio-afetiva e é essa relação sócio-afetiva, esse conhecimento e apego pelo “seu lugar” que pode ser a porta de entrada para uma aprendizagem geográfica significativa.

Adiante, a Figura 2, tenta explicar de maneira simplificada o que propomos neste estudo - as relações do ensino de Geografia com os arredores da escola: como o lugar de vivência do aluno pode potencializar sua aprendizagem. Ela apresenta um exemplo de como iniciar, a partir de um assunto, uma aula de

Geografia “lugarizando” o conteúdo com elementos que fazem parte do cotidiano do aluno.

A proposta representada tem como objetivo trabalhar a hidrografia da Europa. Iniciamos então, lugarizando a proposta, ou seja, falando da hidrografia local, o que aproxima o aluno da proposta de aula e facilita a compreensão daquilo que não está diante de seus olhos.



**Figura 2- Exemplo de lugarização,
Fonte do texto: autor, 2013**

Quando estes sujeitos (alunos e professores) se dão conta da sua importância no processo de construção de conhecimento, se enxergam e buscam uma sintonia acabam possibilitando uma aprendizagem significativa maior. Afinal a educação em sala de aula se depara com diferentes realidades, e em hipótese nenhuma, essas singularidades podem ser deixadas de lado.

A homogeneidade não existe em educação. O cotidiano apresenta particularidades diferentes, por exemplo: o conceito de cidade pode ser entendido de maneira diferente por uma criança que mora em Porto Alegre/RS do que o entendido por uma criança que mora em Itati/RS. Nas palavras de Freire (2002) entendemos

que quanto mais arraigado em minha localidade, mais possibilidades eu tenho de compreender outras realidades.

O aluno traz consigo muitas vivências que são de grande valia no processo de ensino aprendizagem e que muitas vezes não são percebidas ou ignoradas pelo professor, o qual se preocupa apenas em seguir para o capítulo seguinte do livro didático com a necessidade ilusória de cumprir com a “lista de conteúdos” que por vezes não tem relação nenhuma com a realidade que envolve o aluno.

A grande parte do material didático fornecido pelos órgãos mantenedores das instituições de ensino apresenta-se de forma generalista. As peculiaridades locais, por vezes, passam despercebidas, o que pode contribuir para a monotonia e o afastamento do desejo de estar em sala de aula. Se não se desperta a curiosidade tampouco se desperta o desejo em conhecer e aprender. As mazelas do ensino de Geografia se fortalecem e contribuem para essas lacunas, às vezes, abismos!

Partindo da ideia que a curiosidade é o que desperta o interesse em conhecer algo pensamos então que:

Quem se sente fascinado pelo mar acaba por descobrir as maneiras de construir barcos e de navegar. Se o mar não me fascina, se ele me dá medo, por que razão haveria de querer aprender a arte de construir barcos e de navegar? É o fascínio que acorda a inteligência. O conhecimento surge sempre no desafio do desconhecido. (ALVES, 2012, p. 53)

Esse interesse também pode ser provocado. Não cabe a nós professores podar as asas dessas crianças, ou alçá-las em mares que as levem para lugar nenhum. Não é possível aprender a navegar em alto mar com turbulentas tempestades. É preciso ser timoneiro sim!

Precisamos ajudá-los a construir o barco, depois a se arriscar em entrar no mar para sentir a brisa do conhecimento acariciar seus rostos. Proporcionar pequenas incursões a fim de que o fascínio por navegar seja despertado e que o aluno construa confiança e curiosidade para se lançar ao desconhecido. Só conhecendo às águas que estão aos seus arredores é que se permitirá navegar para coordenadas geográficas mais distantes e conhecer outros mundos além do seu.

Como professor, penso na importância de se trabalhar o conceito de espaço geográfico e parto do pressuposto de que o espaço geográfico é o local onde o

homem pratica suas ações na busca de suas realizações, ou seja, tudo aquilo que fazemos constitui esse espaço geográfico.

Ao convidar o aluno para pensar no que tem feito, este perceberá que atua e constrói o espaço geográfico. Este deve ser compreendido pelo aluno como algo fundamental do seu cotidiano onde a sua ação/reflexão/ação ocorra de maneira consciente e transformadora afinal esse espaço geográfico segundo Milton Santos (2002, p. 63) é:

formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.

Ou ainda, como o próprio Milton Santos mencionava: “é o palco das realizações humanas”, ou seja, é aonde podemos desenvolver nossa capacidade de atuar, de moldar nosso cenário, de dar mais enfoque a isto ou aquilo. Mais uma vez entra à necessidade deste aluno conhecer o seu palco, e lugarizando as aulas, ou seja, trabalhar a partir do cotidiano, da vivência do aluno é que estaremos contribuindo para uma apropriação do conhecimento construído pelo aluno.

Sendo assim torna-se imprescindível neste estudo compreender se realmente a Geografia ensinada na E. E. E. M. Pastor Voges, de Itati/RS oportuniza aos alunos estabelecerem relações e compreensões do seu cotidiano que possam permitir melhorias na sua qualidade de vida. Observar se o que ele vivencia em sala de aula se transforma em conhecimento ou simplesmente aumenta sua bagagem de informações. Analisar por meio de registros e observações, efetuar entrevistas para perceber como o aluno recebe as aulas propostas e como ele as incorpora no seu dia-a-dia. São questões que possibilitarão compreender o ensino de Geografia e a sua relação com a realidade do aluno, e poderão apontar caminhos para que se construa uma Geografia com sentido e que possibilite ao aluno levá-la para o seu cotidiano intervir na sua realidade. Como já dizia Freire (2002, p. 76): “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a”.

A necessidade de conhecer meu aluno, o cotidiano que o cerca, e o meio social em que escola está inserida é o que anseia a minha prática docente. Sinto a

necessidade de saber onde e com quem estou construindo conhecimento para então organizar uma prática que contemple esses discentes.

A prática e teoria caminhando juntas em sala de aula, contextualizando a partir daquilo que é vivido pelo aluno, tende a estimular um ensinar e aprender, proporcionando a construção de um conhecimento que permita ao aluno agir dentro da sua cotidianidade, ou seja, aquilo que muitos denominam como práxis.

Crer que sempre é possível melhorar o ensino é o que nos leva a recorrer a novas fontes de conhecimento. Buscar respostas para nossas perguntas e com isso quem sabe minimizar as angústias que rondam minha prática docente.

3.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ITATI/RS: APRESENTANDO A MINHA ALDEIA.

A realidade escolar onde atuo, ou como diz Fernando Pessoa, “minha aldeia”, por muitas vezes se depara com fatos que não são de responsabilidade sua, mas, afetam diretamente o aluno e seu contexto social como: problemas de moradia, de relacionamento com os pais, de má alimentação, de alunos que ajudam os pais desde muito cedo nos afazeres do campo.

Muitas vezes o aluno está em sala de aula com cheiro de fumaça, e o professor não sabe que ele tem uma casa minúscula, duas mudas de roupa e enquanto uma está em uso a outra está secando sobre o fogão à lenha. Do aluno que chega cansado na escola por que acorda às 05h15min, caminha 20 minutos para pegar o transporte, fica 70, 80 minutos no ônibus escolar e quando retorna a casa tem que encarar o trabalho pesado da lavoura a tarde toda. Ou ainda entra noite adentro no galpão para aprontar a carga de hortigranjeiros para seu pai levar à Ceasa/RS.

Muitas vezes a criança carrega consigo sofrimentos do seu cotidiano que não aconteceram no ambiente escolar, mas que podem influenciar no seu processo de aprendizagem. O fato de ainda existirem pais que acham que o filho trabalhar é mais importante do que ir para escola é um exemplo, pois se já aprendeu a escrever e ler o nome, por que “perder mais tempo”? E quando vai aprender a trabalhar? Parece exagero meu, mas é mais comum do que se imagina.

Outro fato que chama a atenção é que muito desses alunos que chegam desmotivados na escola não tem um incentivo em casa. Aqui em Itati, trabalhamos

com uma geração aonde mais de 70% dos alunos que alcançam as séries finais do Ensino Fundamental já estudaram mais do que seus pais.

Em uma pesquisa socioantropológica que a escola elaborou em 2013, ficou constatado que apenas 5% dos pais (aqui me refiro a sexo masculino) concluíram o ensino médio, enquanto que com as mães esse número sobe para 30%. Essa diferença percentual entre gêneros está relacionada ao fato de muitos meninos em idade escolar terem abandonado a escola para executar o trabalho braçal na lavoura. Fica nítido aí o quanto está arraigado no pensamento dessas famílias que o homem tem que estudar o básico do básico e depois trabalhar.

Também sabemos que os exemplos acima, não são os únicos anteparos para uma aprendizagem. Existem os problemas que surgem e se manifestam dentro da instituição de ensino como: o preconceito, por exemplo: com aquele aluno mal vestido, mal cheiroso, o ensino meramente transmissivo, o despreparo de alguns docentes, e os problemas estruturais dos espaços físicos escolares, prejudica o processo de construção do conhecimento. Os exemplos a seguir confirmam essas dificuldades:

A escola nem sempre conta com o espaço físico necessário para uma prática adequada, como laboratórios de informática, bibliotecas, salas de recursos. No caso da escola onde docencio, a biblioteca é tão pequena, que só as poucas cadeiras colocadas lá, já passam uma impressão de lotado. Não é possível, por exemplo, levar mais de oito alunos para fazer alguma atividade neste ambiente. E isso nem sempre chega ao conhecimento da comunidade escolar. Pois, há muitos ruídos nessa comunicação. Os pais são, pouco, presentes na escola e quando a escola solicita a presença dos pais, na maioria das vezes é para conversar sobre o mau comportamento, mau rendimento dos filhos. Raras são às vezes em que se reúnem para discutir e analisar as necessidades da escola. Essa relação encontro/problema acaba desgastando a comunicação entre a escola e as famílias.

A escola na qual o estudo foi centralizado é a Escola Estadual de Ensino Médio Pastor Voges, criada em 08 de janeiro de 1964 pelo decreto nº. 16.40 ofertando o ensino fundamental. A implantação do ensino médio só foi autorizada em 30 de janeiro de 2008 pelo parecer 133/2008.

A escola localiza-se na Rua Eugênio Bobsin, no centro de Itati, conforme é possível observar na figura 4, conta atualmente com cerca de 320 alunos divididos do primeiro ano do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio politécnico. As aulas da escola são distribuídas em três turnos: Matutino, vespertino e noturno. No noturno ocorrem aulas somente do ensino médio politécnico.



Figura 3. Escola Estadual de Ensino Médio Pastor Voges.
Fonte: do autor, 2014.

Conforme podemos observar nas Figuras 3 e 4, a escola está inserida no núcleo urbano do município, o que na verdade é uma mescla de rural e pequeno urbano, ou rurano⁷. Esse núcleo urbano é constituído de aproximadamente 700 habitantes segundo censo do IBGE 2010. São: dois mini-mercados, uma unidade básica de saúde, uma loja de bazar, Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, uma mecânica automotiva, uma loja de materiais de construção, uma loja de confecções, um ginásio de esportes, um restaurante, um tabelionato, três Igrejas, duas instituições financeiras, uma lotérica, uma escola de educação infantil e a escola Pastor Voges, ou seja, em cinco linhas citamos todos os principais pontos do núcleo urbano de Itati/RS.

⁷ Rurbano. Diz-se da área de transição entre a cidade e o campo, ou área urbana com características predominantemente rurais.



Figura 4. Imagem da do perímetro urbano de Itati/RS.
Fonte: Google, 2014.

O público que frequenta esta instituição de ensino, segundo pesquisa socioantropológica realizada no ano letivo de 2013 pelos alunos do ensino médio politécnico e que consta no PPAP da escola, é, em sua maioria filhos, de agricultores familiares com escolaridade média de ensino fundamental incompleto para os pais e de ensino médio incompleto para as mães. A média de residentes por casa é de quatro pessoas.

A grande maioria dos alunos alega dormir após as 23 horas e apontam como principal atividade fora da escola o acesso as redes sociais. Fato esse que chama a atenção, pois nem todas as localidades possuem internet via rádio ou por rede telefônica devido à geografia do lugar que dificulta a implantação desse tipo de sinal, porém a oferta da internet pelas operadoras de celulares contribui para esse número que é validado pelo número médio de aparelhos celulares por residência: três.

A escola desenvolve projetos de incentivo a aprendizagem como o projeto: É hora da leitura, onde todos os segmentos estão envolvidos. Uma hora/aula por semana a escola para e todos, alunos, professores e funcionários praticam a leitura. Cada turma possui sua sacola de livros de acordo com a faixa etária. O projeto está

produzindo frutos, visto que aumentou o índice de retirada de livros na biblioteca e também se afirma uma melhora na escrita e interpretação dos alunos.

Outro projeto desenvolvido pela escola é o de teatro, onde a escola conta com um professor com carga horária de 10 horas semanais que organiza espetáculos, apresentações e ainda ocorre a Semana da Arte, evento que é realizado em parceria com o SESC e a Secretaria Municipal da Educação, onde a escola oportuniza aos alunos apresentarem trabalhos, espetáculos teatrais, palestras, além de receber escolas vizinhas para socialização de práticas e trabalhos.

A estrutura física da escola conta com nove salas de aula, um pequeno refeitório, banheiros, inclusive para portadores de necessidades físicas, uma secretaria, uma sala dos professores e uma sala da direção e supervisão da escola. A orientação educacional não tem um espaço físico próprio, e atende os alunos a ela encaminhados na sala dos professores. Conta ainda com um pequeno saguão, uma quadra de vôlei com o solo coberto por areia e uma quadra de futsal, ambas, descobertas. Nesse início de ano a escola foi contemplada com um novo parque recreativo. Ele é relativamente pequeno, mas tem ajudado muito na recreação dos alunos dos anos iniciais.

Outros fatos que chamam a atenção na escola envolvida nessa pesquisa são o laboratório de informática e a biblioteca. O laboratório de informática, muitas vezes, não conta com acesso a internet, e alguns computadores estão estragados e a direção da escola afirma não disponibilizar de recursos para fazer os consertos. Acredito, pois, para suprir algumas necessidades emergências, como lâmpadas queimadas, areia para quadra de vôlei, pequenos reparos, a equipe diretiva, os professores e alunos organizam uma competição esportiva (torneio de vôlei e futsal) no início do ano letivo para angariar fundos para essas despesas



Figura 5: Vista do pátio interno da Escola Estadual de Ensino Médio Pastor Voges.
Fonte: do autor, 2014.

A biblioteca José de Alencar na E. E. E. M Pastor Voges, apresenta problema quanto ao tamanho do espaço físico, pois ela teve que ser diminuída para que uma nova sala de aula fosse disponibilizada, pois faltavam salas para acomodar as turmas. Assim como a figura 6 mostra, é impossível acomodar uma turma no espaço para fazer trabalho, pois a mesma comporta o máximo oito alunos por vez, visto que sua área atualmente é de 3,5 metros de largura por 5 metros de comprimento.

O laboratório de Ciências, Química e Física teve que ser desativado para dar lugar a sala de aula utilizada pelo seminário integrado do ensino médio politécnico e as oficinas do programa do governo intitulado *Mais Educação*. Essas dificuldades foram levadas ao conhecimento da comunidade escolar para que esta auxiliasse a escola na resolução dessas deficiências e compreendesse o porquê de não acontecer atividades nesses espaços.

A comunidade escolar, pais, professores, direção escolar, estão se reunindo e organizando um projeto, neste ano de 2014, para solicitação de mais quatro salas de aula para a escola, junto a 11^o coordenaria de educação de Osório/RS na tentativa de suprir essas necessidades emergenciais de estrutura física.



Figura 6. Biblioteca da Escola Pastor Voges.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Como vimos os obstáculos para o desenvolvimento de uma prática educativa são inúmeros, mas a capacidade de adaptação do corpo docente da escola é muito boa.

Acredito na necessidade de se renovar o ensino, mas as contradições entre os sonhos e a realidade obstaculizam esse processo. Não quero dizer aqui que os obstáculos são impedimentos, mas é inegável que dificultam. É o mundo real consumindo nossos sonhos.

Porém, mesmo com a distância entre o sonho e a realidade, observo no corpo docente desta escola, que é grande a vontade de fazer algo melhor, pois, os professores são empenhados, engajados e conscientes de que é preciso proporcionar aos alunos condições favoráveis para terem acesso ao conhecimento. Muitas vezes tentamos realizar práticas inovadoras, diferentes, e até interdisciplinares.

E quando falo que tentamos fazer algo diferente, e até interdisciplinarizado, não digo que é fácil, pois, apesar de trabalharmos em escolas pequenas (a maior conta com cerca de 320 alunos) e com poucos colegas da mesma área de conhecimento,

difícilmente nos reunimos, pois a maioria trabalha 40, 60 horas em duas ou três escolas o que dificulta um momento coletivo em comum de reflexão sobre a prática, o que não quer dizer que não existe diálogo e tentativas coletivas dos professores de geografia e das outras áreas, mas nem sempre é possível.

Mesmo com todos esses contratempos, quando podemos, tiramos um tempinho para pensar nossas práticas. E quando isso ocorre? Na maioria das vezes na hora do recreio! Ou nos intervalos entre um turno e outro! Pois é, sentamos, discutimos e então colocamos em prática.

Já organizamos saídas a campo, nas quais envolvemos quase todas as disciplinas. Já trabalhamos poemas em Geografia e articulamos com outras áreas do conhecimento, (práticas que irei descrever mais detalhadamente no capítulo 4. Enfim, mesmo andando contra o vento ainda acreditamos que podemos fazer algo, ainda há esperança.

A esperança de que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria [...] Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. (FREIRE, 2002, p. 80)

E assim, buscamos construir propostas que contemplem o cotidiano do aluno, e o professor se torna um pesquisador desse cotidiano escolar, propõe pesquisas envolvendo os alunos no processo, coleta dados, analisa e proporciona reflexões que quem sabe apontem um caminho para superar essas dificuldades e a respeitar a diversidade que constitui a nossa escola, pois já escrevia Freire (2002, p.85) “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

O professor não é o único responsável por essa mudança, mas tampouco deve se isentar. Se escola, professor e comunidade escolar não estiverem alinhados, construindo coletivamente a proposta pedagógica da escola, envolvendo-se nas atividades curriculares, tudo se torna mais difícil. Estabelece-se aí uma relação de desgaste entre escola, pais, alunos e professores, pois um começa a jogar a responsabilidade para o outro e estes acabam entrando em um conflito, buscando um único responsável para o problema, tentando eximir-se da sua parcela de

responsabilidade, é como dizia Raul Seixas em sua canção intitulada Por que os sinos dobram:

Nunca se vence uma guerra lutando sozinho, você sabe que a gente precisa entrar em contato, com toda essa força contida que vive guardada, o eco de suas palavras não repercutem em nada. É sempre mais fácil achar que a culpa é do outro, evita um aperto de mão de um possível aliado, convence as paredes do quarto e dorme tranqüilo, sabendo no fundo do peito que não era nada daquilo.

Assim, o professor e o aluno são sujeitos e não objetos nessa caminhada, os dois têm algo a ensinar e a aprender, mas para isso é preciso desacomodar, abrir-se ao diálogo e estar disposto a buscar um ponto de partida no cotidiano do aluno, e mesmo com águas turbulentas ter coragem e permitir-se navegar. Os nossos objetivos é que guiarão os ponteiros da bússola em direção do caminho do aprender, e juntos iremos construindo o conhecimento.

Outro fator importante e que se faz necessário, é respeitar a autonomia do educando, pois este não chega vazio na escola. Ele vem para a escola com um turbilhão de informações que precisam ser trabalhadas para tornarem-se conhecimento.

Ouvir o que o aluno tem a dizer, suas angústias, suas dúvidas, seus sonhos, o que ele realmente quer aprender, e mostrar que ele é capaz de conduzir a si mesmo, e que todo esse processo de ensino/aprendizagem possibilita uma forma de intervenção no mundo em que ele vive. Pois se o aluno se sentir parte do processo e seguro para expor seus questionamentos é que sentirá desejo em buscar as respostas.

É como um mestre cuca que não obterá sucesso somente pelo seu cardápio variado e sim pela fome que seus pratos estimulam nas pessoas, se não estão com fome, não procuram por comida, ou seja, não é a vastidão das informações que despertará o interesse no aluno e sim a fome de conhecimento. O desejo por saciar essa curiosidade aguçada pelo professor é que vai levá-lo a buscar respostas para seus questionamentos. Cabe ao professor, não exclusivamente, assim como o mestre cuca, despertar a fome, o desejo.

Qual o caminho para mudar esse panorama? Uma prática renovada é uma porta a se abrir. Primeiramente é importante que se faça um estudo da realidade do aluno, que se busque conhecer o cotidiano e suas necessidades de aprendizagem.

Que a proposta de ensino seja centralizada no aluno. Ele é o objetivo pelo qual adentramos diariamente nas salas de aula para ensinar Geografia.

Cavalcanti (2008) expõe que a Geografia escolar não se ensina, como mera “doação”. Ela se constrói, se realiza e, para isso, sugere que se trabalhe com situações problemas. A partir daí proporcionar um ensino que contribua para a formação da cidadania.

Propomos então que a aula inicie com a participação dos alunos, por exemplo: Hoje, pessoal, vamos trabalhar o continente africano. Então o professor se dirige ao quadro, escreve a palavra África e pergunta aos alunos. O que vocês sabem ou vêm em reportagens, jornais, televisão sobre o continente africano. A partir dessa atividade, identificar os conhecimentos que os alunos apresentam sobre o assunto, respeitando assim a sua autonomia. Com isso diagnosticar qual o caminho para potencializar a aprendizagem e aí seguir com a prática que consideramos ser mais adequada.

4. NEM REI, NEM LEI. NEM PAZ, NEM GUERRA. APENAS CAMINHOS E CAMINHANTES.

O que se escreve a seguir não é para rei, apesar de acreditar que o professor mereça um lugar de mais destaque na sociedade, assim como um monarca. Não é uma lei, pois não tenho a pretensão, muito menos a soberba, de apontar como uma lei para se ministrar uma boa aula de Geografia. Não proponho também uma paz e nem uma guerra entre as metodologias empregadas no movimento do ensinar geografia. Apenas aponto caminhos de um caminhante que podem ser adaptados conforme a vida cotidiana de cada lugar por crer que:

o lugar do aluno é referência permanente e precisa ser aludido em situações crescentes de complexidade. A sala de aula é um espaço e um tempo para fazer geografia ou geografizar, isto é, para propor ações pelas quais os alunos se descubram parte do lugar onde vivem, desenvolvam a noção de pertencimento e construam competências para interferir em seus acontecimentos. Este reconhecimento de si e do lugar prepara para o estabelecimento de relações com o mundo, discutindo acontecimentos e entendendo sua temporalidade e espacialidade. (COSTELLA, 2012, p. 65-66.)

Se a Geografia deve ter esse olhar mais integrador e interpretador sobre as práticas espaciais que constroem e (re) modelam o espaço geográfico, como não partir das práticas cotidianas dos alunos. Como não analisar o que esse aluno pensa a respeito do “seu” lugar? Como ele vê esse lugar? Que significado e perspectiva esse lugar oportuniza para ele?

Em busca dessas respostas elaboramos algumas práticas que contribuem para analisar o conhecimento geográfico desses alunos. Com essas práticas esperamos vislumbrar o quanto a relação do lugar do aluno com o conhecimento geográfico interfere na aprendizagem e no processo de sua formação de identidade como cidadão do lugar.

Com o intuito de constatar se o ensino de Geografia vem auxiliando no crescimento e na construção de identidade do aluno itatiense decidimos aplicar algumas práticas geográficas em sala de aula com alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Pastor Voges que cursam entre o 6º ano do EF e 3ª série do EM.

A escolha desta escola deve-se por dois motivos: o primeiro por ela concentrar cerca de 70% dos alunos concluintes do EF e mais de 90% dos concluintes do EM, no município de Itati. A não totalidade desses números deve-se ao fato de haver mais uma escola que oferta as séries finais do EF, e quanto ao EM, alguns alunos buscam a conclusão via supletivo, que não é ofertado no município. O outro fator deve-se a eu trabalhar como professor de geografia nesta escola no EFM.

4.1 Uma incursão ao cotidiano do aluno.

Essa atividade foi construída com o objetivo de coletar dados a respeito dos sujeitos elencados nesse estudo a fim de saber: quem são e o que fazem no “seu lugar”. Responderam o questionário 32 alunos do EFM. Com a coleta desses dados, em sala de aula, fizemos uma espécie de mesa redonda. Fomos coletivamente relendo as questões e analisando as respostas obtidas e a partir delas procurei provocar nos alunos reflexões sobre o que eles haviam respondido. E assim entramos em um debate sobre o nosso lugar a partir da ótica do aluno, sempre que possível *linkávamos*, com algum conceito geográfico que já havíamos trabalhado ou que trabalharíamos a partir deste questionário. Por exemplo, conceitos de hidrografia, uso da terra, relevo, distribuição da população pelo território, relações de economia, de oportunidades de emprego.

Após essa análise pretendeu-se ter um diagnóstico do público que freqüenta as aulas de Geografia na escola Pastor Voges e de que maneira é possível adaptar o conteúdo e o currículo de Geografia para melhor atender as necessidades desse educando, sendo assim, foi elaborado um questionário, que se encontra em anexo, a fim de buscar informações para se conhecer melhor os alunos que freqüentam a escola.

Após recolheu-se o questionário e para facilitar a análise e interpretação dos dados coletados criamos gráficos a partir das respostas obtidas. E esta amostra foi analisada e refletida, levando a conhecer melhor o educando e a uma melhor prática do ensino de Geografia.

O Mapa da Figura 7 retrata o território do município de Itati/RS.

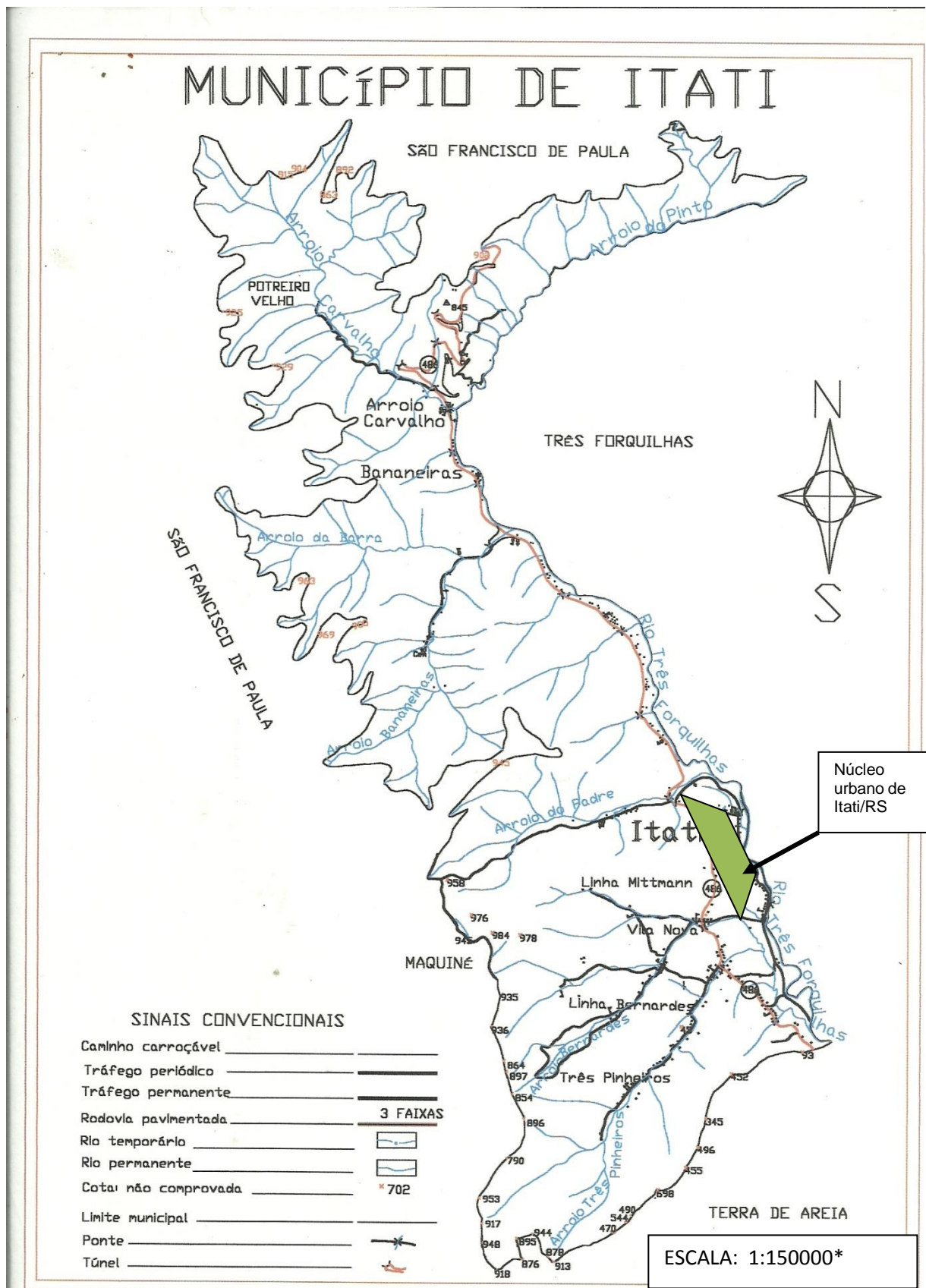


Figura 7 Mapa do município de Itati/RS.

*A escala do mapa é aproximada e foi elaborada pelo autor.

Fonte. Prefeitura Municipal de Itati/RS

O primeiro gráfico que segue, nos mostra que a escola Pastor Voges recebe alunos de seis localidades diferentes do município de Itati/RS. Que apesar de ser um município de pequena extensão territorial, 201,4 km² conforme se observa no mapa da figura 7 não elimina distribuição espacial dos alunos.

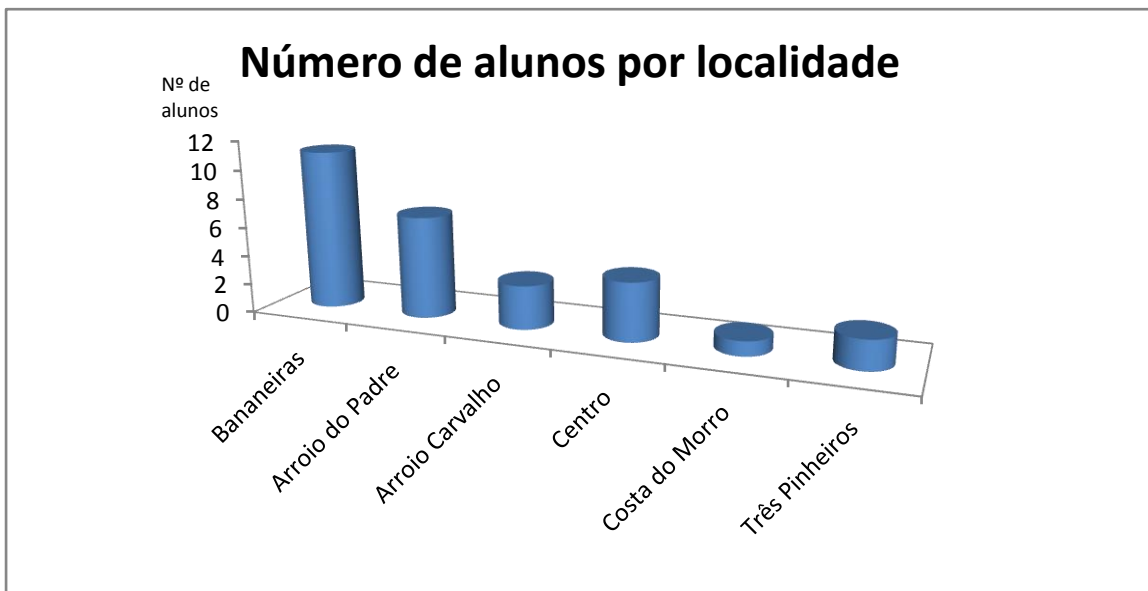


Figura 8: Número de alunos por localidade.
Organização: Elaborada pelo autor

Conforme se observa no gráfico da figura 8, a maior parte dos alunos envolvidos neste estudo é oriunda da localidade de Bananeiras. Essa região caracteriza-se por um relevo composto por morros e de solo pedregoso o que dificulta o uso de máquinas no cultivo agrícola. A maior parte da renda das famílias desta localidade provém da agricultura familiar onde os cultivos praticados exigem uma demanda mínima do uso de máquinas na produção como, por exemplo, o cultivo de banana, cana de açúcar e criação de bovinos e suínos. Outra fonte de renda que possui destaque são as tendas às margens da Rota do Sol. São mais de 15 comércios deste tipo, que vendem seus produtos locais e incrementam as prateleiras com alguns produtos industrializados.

O mesmo ocorre com as comunidades de Arroio do Padre e Arroio Carvalho, porém a localidade de Arroio do Padre não é cortada pela Rota do Sol, sendo assim, não possui comércio de beira de estrada e as famílias buscam renda na agricultura e pecuária.

O centro do município de Itati/RS e a localidade de Costa do Morro possuem um relevo mais aplainado por situar-se as margens do Rio Três Forquilhas. Isso facilita o uso de máquinas e implementos agrícolas na produção que acaba predominando o cultivo de hortigranjeiros. Porém quanto ao modo de vida, já são mais distintas, pois no centro, existe um número menor de famílias que têm a base de renda vinda da agricultura. Predomina o comércio, e o funcionalismo público. Mesmo o núcleo urbano sendo pequeno, seus residentes, estão próximos a mercado, Cartório, Bancos, Correios, Unidade Básica de Saúde e Prefeitura.

Já na Costa do Morro, localidade que o nome por si explica, fica na encosta do morro com um extenso vale, também denominado localmente de “ilha, devido ser circundada pelo Arroio Três Pinheiros e pelo Rio Três Forquilhas. Conforme se observa no gráfico 8, é a localidade de onde a escola recebe o menor número de alunos, devido ao fato de possuir próximo a ela uma Escola Estadual de Ensino Fundamental completo. O cotidiano é um pouco diferente das demais localidades, é maior o número de famílias que constroem sua renda a partir da prática agrícola. Os alunos destas famílias, desde cedo se iniciam no trabalho, pois precisam ajudar os pais na lavoura. Quanto ao acesso ao comércio e aos órgãos públicos, os moradores fazem de ônibus ou de veículo próprio, visto que os únicos comércios da localidade são: um armazém, três tendas e uma floricultura às margens da Rota do Sol.

A localidade de Três Pinheiros é serpenteada por um riacho que dá nome a localidade e nasce em uma área denominada Faxinal das Oliveiras. É uma comunidade com um vale extenso em forma de “V” com encostas que chegam a 600 metros de altitude e faz divisa com o município de Maquiné/RS e ainda a localidade de Costa do Morro.

O transporte escolar acaba por ser o meio mais utilizado de acesso aos alunos para a escola devido à distância que as localidades se encontram da mesma. A saber: Bananeiras 7 km, Arroio do Padre 3 km, Costa do Morro, 9 km. Três Pinheiros 12 km. Arroio Carvalho, 20 km (estas distâncias são aproximadas do centro do município). Com exceção da Rodovia RS 486, conhecida como Rota do Sol, que corta o município em sentido longitudinal, as demais estradas de acesso, não são pavimentadas, o que contribui para uma menor velocidade do transporte e um maior tempo do aluno dentro do mesmo.

Temos casos de alunos que chegam a ficar aproximadamente 70 minutos dentro do transporte, ou seja, os alunos, que moram mais distantes da escola, e que estudam no período matutino, onde as aulas iniciam às 07h45min, pegam o transporte as 06h30min e os que estudam no turno vespertino, que tem o início da aula as 13h20min, embarcam as 12h10min.

No período de inverno a escola chega a fazer um horário especial, visto que muitos alunos chegariam a sua casa por volta das 18h40min. Sendo assim a escola antecipa em 20 minutos o término da aula nesse período, pois alguns alunos não conseguem ser deixados pelo transporte em suas casas, e ainda caminham algumas centenas de metros até a residência. O Gráfico 9 confirma o escrito anterior.



Figura 9: Meio de transporte utilizados pelos alunos para Chegar à escola.
Organização: Autor, 2014.

Outro fator, não menos importante, é a origem da renda dessas famílias, pois tendo conhecimento da mesma, podemos direcionar as práticas em sala de aula conforme a predominância profissional da família do aluno. Como mostra o gráfico da figura 10, a maior parte da renda das famílias dos alunos envolvidos neste estudo provém da agricultura familiar.

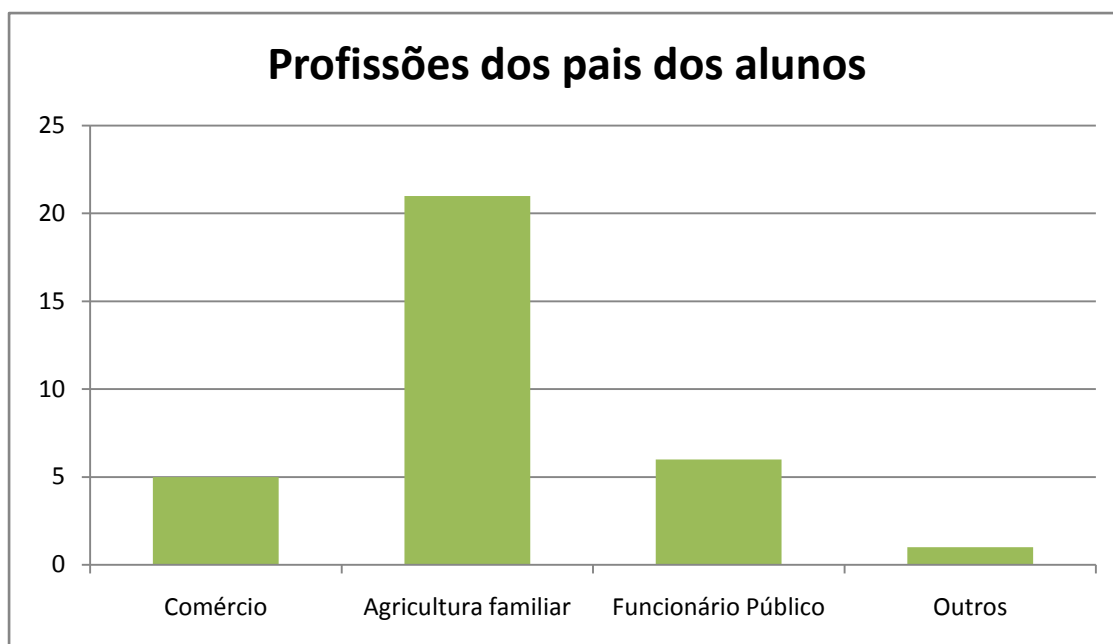


Figura 10: Profissões dos pais dos alunos.
Organização: Autor, 2014.

Quando perguntados sobre como veem e percebem o município de Itati/RS, os alunos escreveram, de maneira aberta, o que pensavam a respeito do lugar. Como observamos no gráfico, a grande maioria, em suas respostas, apontou que é um município pequeno e sem oportunidades.

Quando questionados oralmente sobre o que seria essa falta de oportunidades que o município apresenta ao jovem, esta vem tanto no nível de acesso ao ensino superior, quanto a oportunidades profissionais. “Itati não tem muita opção: ou se trabalha na prefeitura ou na lavoura”.

Em contrapartida alguns alunos, mesmo concordando com a ideia de que é um lugar pequeno e sem oportunidades, escreveram que gostam de morar em Itati, pois acham um lugar bom de viver. Perguntei a eles então o que consideram como “bom de viver”. Eles apontaram como um lugar de baixa criminalidade, onde as pessoas se conhecem. Um lugar tranquilo, sem muitos carros circulando.

Elencaram também a questão da natureza principalmente os rios, dizendo que adoram poder tomar banho no verão. Ao responder esses questionamentos os alunos já demonstraram uma leitura do lugar.

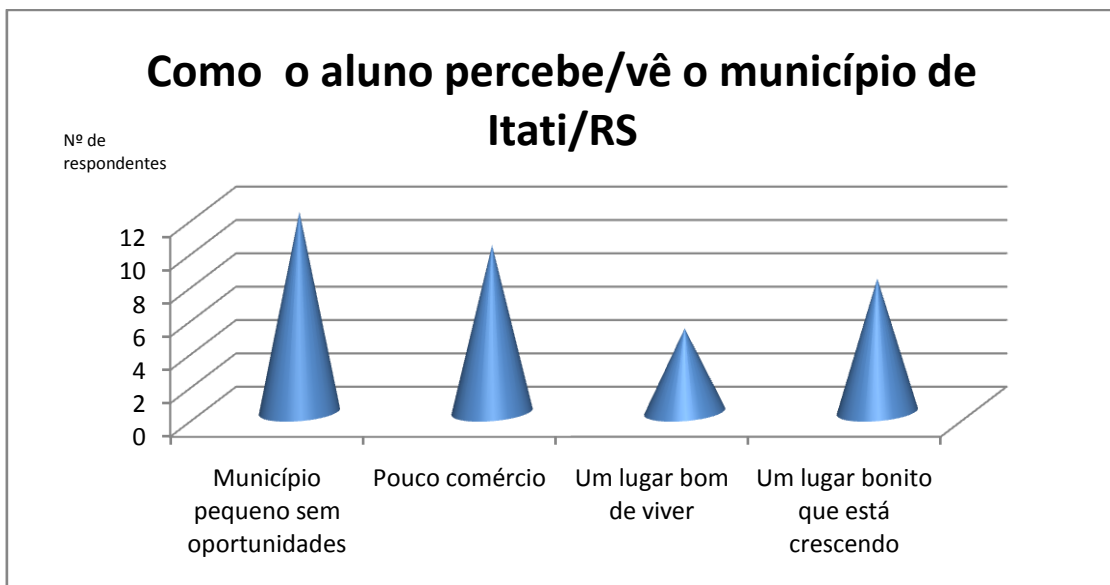


Figura 11: Como o aluno percebe/vê o município de Itati/RS.

Organização: Autor, 2014.

E o que essa coleta de dados tem a ver com a Geografia? Como essa amostra pode potencializar o aprendizado geográfico do meu aluno? Retomo um trecho escrito anteriormente: Se não conheço o meu “próprio umbigo” como posso conhecer quem me rodeia? Ou seja, se não estou a par do que acontece em meu cotidiano, como posso querer compreender o que acontece em lugares distantes?

Costella (2012, p.53) nos auxilia nesta compreensão quando escreve que:

O estudo do lugar e o discernimento, pelo aluno, de que pertence a ele favorecem a compreensão de sua identidade. Um aluno é único, mas, ao mesmo tempo, é o resultado de suas relações. Ele se reconhece quando compreende o que o envolve, as relações ali presentes e o processo, a continuidade do lugar. Quando, em sala de aula, insistimos em ensinar Geografia sem reconhecer a geografia do lugar do aluno, sacrificamos uma fase do reconhecimento de relações.

E o que a Geografia pode contribuir diante desse panorama? Estudar o lugar do aluno é estudar a sua intimidade, sua interpretação e entendimento sobre o seu cotidiano. É o ponto de abertura para adentrarmos a outros lugares. A leitura do cotidiano é necessária para o entendimento de acontecimentos em diferentes escalas de compreensão. No processo de ensino, é necessário considerar o que pensam os alunos sobre o “seu lugar”.

Se o professor conhecer a realidade do aluno ele pode *linkar* o seu cotidiano com a aprendizagem, facilitando assim as compreensões de conceitos geográficos. Se esse aluno conseguir reconhecer e entender as relações de poder existentes na localidade, no município, em seu cotidiano poderá utilizá-las como embasamento para a compreensão das relações de poder em qualquer outro lugar, construindo assim competência para a leitura de um lugar. Se, lê o que lhe é conhecido, pode arriscar-se a ler o desconhecido.

Se o professor quiser, por exemplo, estudar as relações econômicas e o uso do território por que não partir da questão do uso da terra em Itati? Iniciar com um questionamento indagando o aluno de como sua família usa a terra? Se o uso da terra está relacionado à atividade econômica da família? Que relações de uso da terra são perceptíveis em Itati? Enfim, inúmeras questões são possíveis. Outra possibilidade que recorro é, por exemplo, se o assunto for bacias hidrográficas. Nas questões coletadas alguns alunos já disseram que existe rio, que adoram tomar banho nele no verão, ou seja, por que não iniciar a construção do conceito de bacia hidrográfica pelo rio que serpenteia o lugar do aluno.

Pessoa (1911-1912) em sua obra: O Guardador de Rebanhos já escrevia:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Por que o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia [...] O Tejo desce da Espanha. E o Tejo entra no Mar em Portugal. Toda a gente sabe isso. Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia.

Ou seja, como deixar de conhecer, admirar o que tenho em meu lugar para olhar “cartões postais” no livro didático? Como não admirar a riqueza do Rio Três Forquilhas e a sua importância para a população itatiense? Não que só o que é do lugar do aluno tem importância, mas, esse sentimento de valorização, de pertencimento, precisa ser trabalhado com o aluno. Se este aprender a admirar o que é seu, enxergará as belezas que estão além da sua aldeia, mas não deixará de cuidar e valorizar o que faz parte do “seu lugar”.

Para se trabalhar um assunto este não precisa existir no lugar do aluno, mas acreditamos que essa aproximação é fundamental para um melhor engajamento na prática em sala de aula. O que queremos dizer é que fazendo essa prática de pesquisa do cotidiano do aluno e sobre o que ele pensa, é fundamental para elaborarmos práticas futuras e que tenham sentido para ele. Que não fiquem

distantes. Que este possa visualizar seu lugar pessoalmente em uma escala menor e consiga construir mapas mentais quando abrirmos o leque para uma escala maior.

É muito interessante os ver opinando a respeito do seu lugar. Uns apontando que havia pouco comércio, poucas oportunidades, e no mesmo ambiente, outros dizendo que é um lugar que está crescendo, que é bom de viver. Deixar a conversa fluir e ouvir os argumentos que estes apresentam é conceder autonomia ao educando para buscar respostas para seus questionamentos. É aprender a confrontar visões e pensamentos, a expor o que se pensa sobre algo. É pensar na sua existência, no por que das coisas, no seu lugar, na vida.

Nesse entendimento:

é importante visualizar e considerar o conhecimento que os alunos têm de seus espaços vividos, pois, levando em conta que eles são uma construção constante e dinâmica, e que nessa construção interferem sua experiência, seus deslocamentos cotidianos (a cidade vivida conhecida é, em grande medida, a cidade vivida por meio dos deslocamentos), seu contexto familiar e social, e também suas aprendizagens e seus conceitos. (CAVALCANTI, 2008, p. 58)

Lembrei-me, então de Morin (2005) que diz que a ciência é um quebra cabeça onde às vezes faltam peças e outras sobram. A prática em sala de aula seria como montar um quebra cabeça. Analisar as peças que estão expostas, escolher uma como ponto de partida e iniciar a caminhada na busca da próxima a se encaixar, e assim sucessivamente. Quando todas/quase todas se encaixarem ou não, o desenho aparecerá revelando o conhecimento geográfico que se construiu nessa caminhada. Caso contrário essas informações serão como adesivos na pele, se soltarão facilmente.

Assim, o professor tem a tarefa de ensinar e também de aprender fazendo um papel de mediador entre a prática e o saber da prática, proporcionando ao aluno uma potencialização da sua aprendizagem.

Tenho certeza que a prática descrita acima não foi um adesivo na pele porque o conhecimento apropriado de maneira organizada, contextualizada e com significado para o aluno contribui para a formação de uma cabeça bem feita, pois o ensinar é complexo por que é algo que se tece junto (MORIN, 2010). E quando o aluno compreende sua realidade pode pensar hipóteses, caminhos sobre “seu

mundo” e ir atrás de soluções. Transformá-lo e quem sabe criar um mundo próprio. Criar sua própria aldeia.

4. 2 Construindo um mapa do “seu lugar”: “o que nós vemos das coisas são as coisas”.

Essa atividade consiste em elaborar um mapa retratando o caminho que o aluno percorre de sua residência até a escola. Pretende-se com ela observar qual visão que ele tem ao ingressar nas séries finais do ensino fundamental, no caso 6º ano, sobre o seu lugar. E quais noções geográficas este aluno apresenta, mesmo que indiretamente, o que possibilita ao professor trabalhar com este a partir dessas noções que ele já possui, visto que as crianças e adolescentes vão formando concepções, ideias, a partir da vida cotidiana. Essas perspectivas de entendimento da elaboração e veiculação de conceitos e imagens da realidade são fundamentais para a geografia, pois ela trabalha com conceitos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas.

Afinal é importante que o aluno consiga construir seu conceito de lugar e principalmente efetuar uma leitura do “seu lugar”, pois, conhecer o lugar pode ser uma forma de trabalhar com o mundo da vida. Como escreve Callai (2010, p.30):

Lugar é onde vivemos, moramos, trabalhamos, enfim, onde acontece a nossa vida. Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são o resultado da vida em sociedade, dos homens na busca pela sobrevivência e pela satisfação de suas necessidades, significa estudar o lugar para compreender o mundo.

Todo lugar possui uma identidade, que é fruto das relações que os indivíduos constroem com o meio. Essa relação cria uma singularidade espacial, ou seja, o ser humano acaba criando especificidades com o seu lugar a partir das atividades que executa e vivencia neste espaço. O interessante é que frente a essa singularidade, é que percebemos a identidade que o aluno possui com o “seu lugar”. Parafraseando com Pessoa: o que nós vemos das coisas são as coisas. É o nosso lugar sobre a nossa ótica.

Um aluno que faz diariamente esse percurso casa/escola, muitas vezes não percebe o que tem a sua volta e o quanto isso é importante para sua vida. Sendo assim, o professor pode construir com o aluno diferentes leituras do seu lugar e até perceber que há uma inter-relação entre os acontecimentos do seu cotidiano.

Poderá observar, por exemplo, que, ao longo da Rota do Sol há muitos comércios de beira de estrada e nas estradas vicinais não há esse tipo de comércio. Sendo este aluno do meio rural, poderá observar que com o passar dos meses o uso da terra nas lavouras é modificado, que em março, quando se inicia o ano letivo, a maior parte das terras está coberta com plantações de milho, feijão e que ao adentrar o inverno e a primavera os hortigranjeiros acabam ocupando o solo, para depois novamente dar lugar ao milho e ao feijão. Costella (2012, p.38) escreve que esse aluno do meio rural,

observará os caminhos, o tipo de transporte que circula em diferentes épocas do ano e a relação entre eles e a safra.[...]. Nesta leitura, o aluno vai além das formas do que lhe é apresentado na paisagem e investiga seu conteúdo, seu significado, compondo assim um texto que expressa o seu olhar sobre o espaço.

É importante saber como o aluno olha para seu lugar, pois, aquilo que ele vê pode ser que passe despercebido aos olhos do professor, ou ainda, pode não ser o caminho percorrido pelo professor. Pois, se esse caminho não for conhecido pelos envolvidos neste processo, o professor quando for trabalhar conceitos geográficos, mesmo partindo do lugar do aluno, sem o conhecê-lo, transformará o perto em distante.

Ao chegar à sala de aula com a proposta desta atividade, percebeu-se que esta não contemplava igualmente todos os alunos, visto que alguns moram a 50, 100 metros da escola, e outros, percorrem 20 quilômetros até chegar à mesma.

Como existem apenas dois trajetos que o transporte escolar percorre para chegar até a escola, e aqueles que moram próximo a escola vem a pé ou de bicicleta também percorrem um destes caminhos. Delimitou-se então um trajeto que fosse comum a todos os contemplados pela atividade. Quem viesse pela Rua Eugênio Bobsin (rua onde está situada a escola Pastor Voges), no sentido litoral/serra, deveria elaborar um mapa com início na Avenida Oli Chaves e término na escola. Para os alunos que vem pela RS 486 no sentido Serra/Litoral e acessam

a Rua Eugênio Bobsin pelo trevo, deveriam contemplar o trajeto do trevo até a escola, pois:

Na dimensão do espaço geográfico, as leituras podem avançar, ao longo da escolaridade, interpretando as territorialidades, reinterpretando as paisagens de lugares concretos, conhecidos, que tomem como ponto de partida o que o aluno conhece. (COSTELLA, 2012, p. 67)

Por que esses pontos de início? Por que ambos são comuns aos alunos e possuem aproximadamente a mesma distância da Escola, cerca de um quilômetro. Sendo assim o professor pode perceber como os alunos vêem o mesmo trajeto, será que eles têm o mesmo olhar, ou são olhares diferentes? Então cada aluno recebeu uma folha de ofício onde deveria elaborar um mapa do caminho que percorre para chegar à escola conforme a sua ótica. Segue adiante duas produções de alunos sobre a atividade.

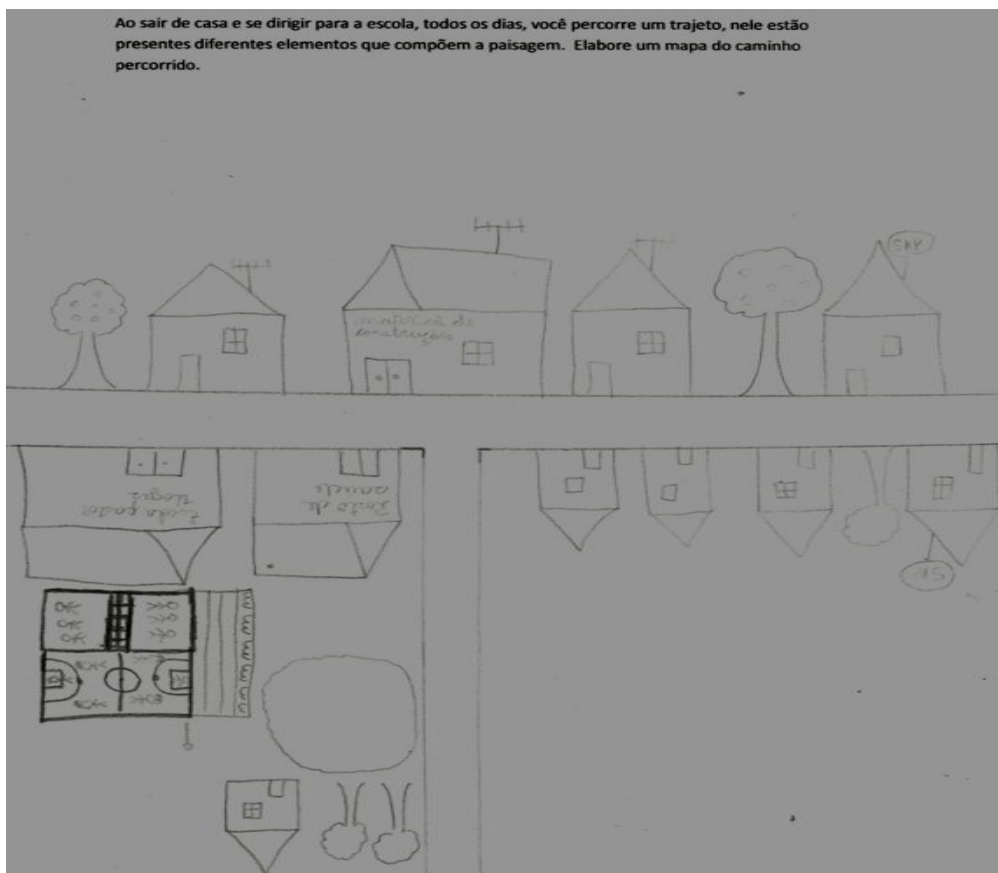


Figura 12: Mapa elaborado por aluno do 6º ano da E.E.E.M. Pastor Voges. Fonte: Aluno, 2014.

Como podemos perceber este aluno retratou em seu mapa uma imagem horizontal daquilo que ele visualiza, ou seja, ela operou conforme a lateralidade dele mesmo. A imagem foi representada sobre uma perspectiva de espelho, ou seja, o reflexo do que estava a sua frente, o que é possível perceber na forma como as casas foram desenhadas nos lados opostos da rua. Ao ser questionado o porquê de fazer o mapa dessa forma ele respondeu: “- É o que eu vejo da janela do transporte escolar professor”.

Pontuschka (2009, p. 294), clarifica o que queremos dizer acima;

As crianças, como andarilhos e os viajantes, realizam mental ou geograficamente trajetos de um caminho a seguir. São capazes de apresentar, por meio da fala ou de uma escrita figurativa, o traçado desse roteiro com algumas referências básicas (uma casa, uma árvore, uma elevação, um parque, ilhas, povoados ou cidades). Todos os trajetos tem como estrutura básica uma sequência espacial, ou seja, uma ordem espacial associada a um deslocamento no espaço em um período de tempo.

Quando questionado ao fato de por que tantas antenas nos telhados da casa, este respondeu que eram de internet, TV por assinatura ou TV aberta, pois todas as casas possuíam televisão. Perguntado sobre as atividades econômicas que existem no caminho representado este apontou as atividades comerciais e disse que as lavouras eram outras coisas. Que outras coisas? - perguntei - e ele disse que roça era roça, e loja era loja. Então questionei novamente. O que se faz com os produtos da loja? E ele disse: - “se vende!” Perguntei, então: - E o que se faz com os produtos cultivados na roça? Ele respondeu: Se come e se vende!. Então lhe disse: Não existem aí duas relações comerciais? Logo são duas atividades econômicas, distintas é verdade, mas caminham para o mesmo objetivo final, a comercialização e a realização de lucro. O aluno então respondeu que nunca tinha percebido isso. Vi que a leitura de lugar dele, após analisada em conjunto possibilitou abordar relações que talvez, em uma aula convencional, não se permitiria. Estaríamos reforçando a ideia de aprendizagem arquipélago, ou seja, conteúdos, assim como ilhas, expostos de maneira isolada, sem nenhuma ligação.

No mapa da figura 13 é perceptível que o aluno retrata o caminho por outro ângulo. Elenca apenas aquilo que vê e lhe chama a atenção como: o ginásio de esportes, a Igreja, a escola. Não aponta nenhuma vegetação no caminho, apenas algumas construções e um pequeno lago que fica atrás da Igreja. Questionei-o então

se haviam tão poucas casas nesse percurso e ele disse que colocou aquilo que ele freqüentava, as outras para ele não eram importantes, aquelas casas que ele havia desenhado moravam conhecidos seus.

Perguntei ainda se nesse percurso não havia árvores e outros tipos de vegetação e ele disse que sim, mas que não tinha colocado por que não achava tão importante quanto algumas casas. Quanto ao pequeno lago próximo a Igreja disse que era legal, pois no verão se reunia com os amigos para ir até lá para tomar banho. Ou seja, destacou o que tinha valor sentimental, o que, a princípio tinha alguma utilidade para ele! Isso é o conceito de lugar na prática e também de percepção espacial que este aluno tem.

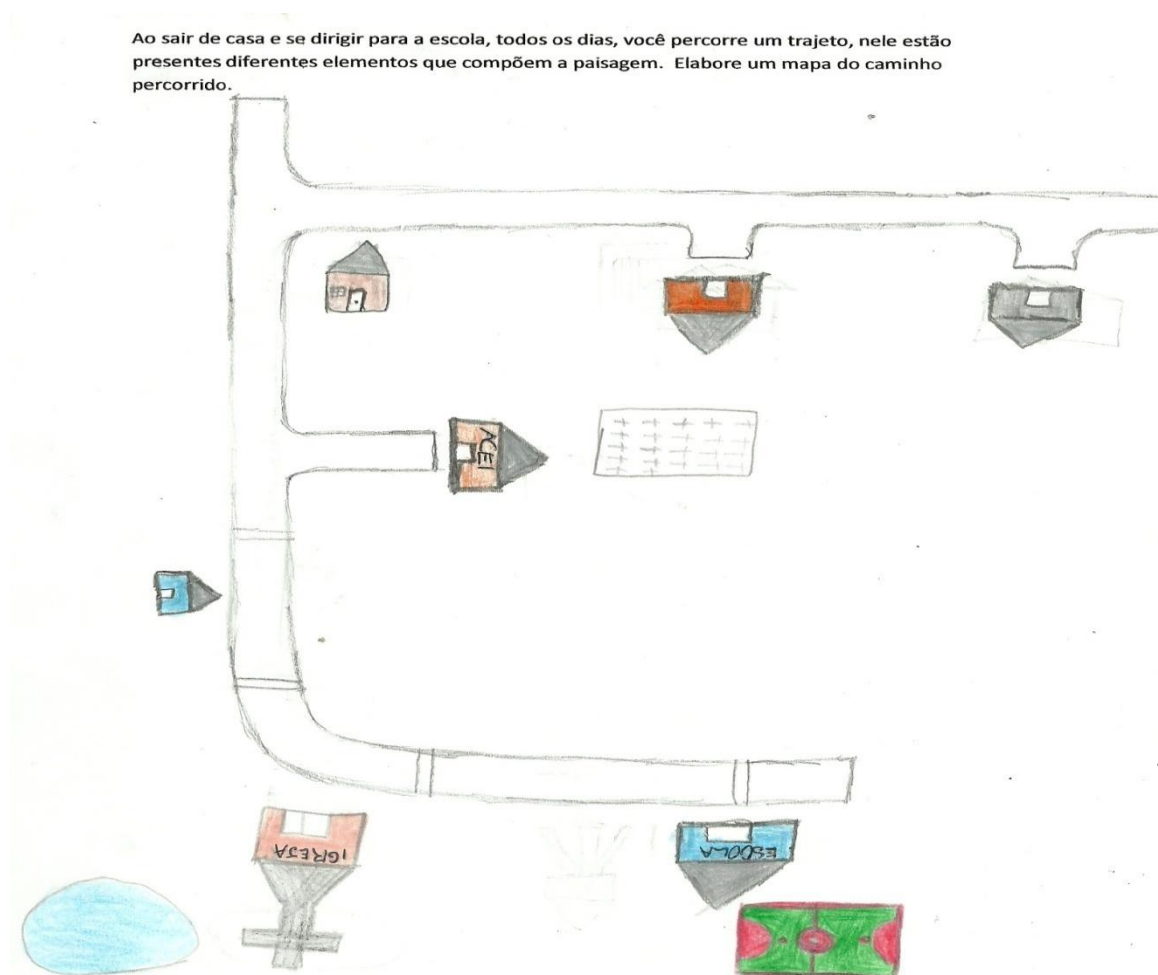


Figura 13: Mapa elaborado por aluno da turma do 6º ano da escola Pasto Voges.
Fonte: Aluno, 2014.

Esse aluno retratou em seu desenho as coisas que ele vive no lugar. O restante para ele passou despercebido. Talvez aí uma prova de que o que não é

colocado como próximo do aluno não passa de informação e acaba não se transformando em conhecimento, pois, nem o que estava em seu caminho foi retratado por ele, porque, achava que aquilo não era significativo. Imagina então trabalhar os Países Baixos com esse aluno sem contextualizar!?!?!?

Um fato que marcou bastante na conversa após a atividade foi que esses alunos, mencionavam em suas representações aquilo que eles vivenciavam, ou seja, o que estava relacionado ao seu cotidiano. Socorro-me então a Morin (2010) que escreve que teoria sem prática, é apenas informação. A teoria em conjunto com a prática é igual a conhecimento.

A maior diferença que se pode perceber entre o mapa da figura 12 do aluno do 6º ano com o mapa da figura 13 também do um aluno do 6º ano é a de perspectiva do desenho. Cada um elaborou a sua representação em conformidade com a sua ótica, apontando o que lhe desperta a atenção pela janela do transporte escolar.

Os desenhos [...] em diferentes faixas etárias e níveis socioeconômico-culturais, possibilitam identificar o desenvolvimento gráfico espacial dos alunos como uma representação do mundo próximo e conhecer não só as suas informações sobre os lugares, mas também seu imaginário sociocultural. (PONTUSCHKA, 2009, p. 293)

Percebemos que mesmo possuindo a mesma faixa etária, 11 anos, e de percorrerem o mesmo trajeto, o olhar sobre o lugar foi diferente. Cada um carregou as subjetividades que vivencia. Por isso que práticas como essa, são importantes para iniciar uma reflexão sobre o lugar do aluno. Além de ele começar a compreender a representatividade do mapa, vai passar a entender que as pessoas são diferentes, enxergam aquilo que elas querem enxergar.

É como Goulart (2007) nos diz que, na sociedade atual para compreender o mundo é necessário mais do que acesso a informação. É necessário saber analisá-la e interpretá-la.

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores. [...]
Há só uma janela fechada, e todo mundo lá fora;
E um sonho do que poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.
(PESSOA, 2010, p. 89).

A paisagem está ali, no lugar. Está ali para ser vista. Está ali para ser (re) modelada. Está ali para ser usufruída. Mas isso não é suficiente. Se o nosso olhar não for ensinado a querer enxergar o que está na nossa aldeia, passaremos a enxergar apenas coisas e não o significado das coisas.

Diante desses exemplos, como não pensar o espaço geográfico a partir do lugar do aluno? Como não se trabalhar o mapa em sala de aula? Ou melhor, por que não começar o uso de mapas a partir daquilo que o aluno percebe e identifica nesse instrumento?

Comungo com Kaercher (2014, p. 85), quando escreve:

Em nosso entendimento o mapa é elemento privilegiado para refletir sobre os espaços tratados em aula. O mapa como um elemento de poder, como algo que pode mostrar o que interessa ao seu autor, como o contrário, escamotear/apagar uma série de informações.

Não adianta tampouco, após ler as linhas acima, sair enchendo a sala de aula de mapas. O problema é a forma estante, empobrecida que ele é utilizado, visto que, muitas vezes serve apenas como um cartaz onde existem alguns pontos. Será que o aluno consegue, dessa forma, compreender por que existe aquela espacialização ali representada?

Por isso, fazer essa atividade dá ao professor a oportunidade de trabalhar vários conceitos importantes na Geografia como: Lugar, Paisagem, Relações Econômicas, Espaço geográfico, Convenções Cartográficas. Se não houver essa (ou outra) atividade prática que inicie, pelo olhar que o aluno tem do seu lugar e mostre a ele que esse lugar está cheio de geografia. Talvez, trabalhemos, repassando informações de uma maneira muito abstrata, ou seja, superficialmente, dificultando a potencialização da aprendizagem do aluno. O mapa não passará de um enfeite na sala de aula.

4.3 Refletindo sobre a globalização e produzindo poesia.

O conceito abordado nessa atividade foi Globalização. Observando esse título que quase se tornou um jargão para muitos alunos no dia a dia, que pronunciavam: “isso é assim por causa da globalização”. Talvez muitos defendam ou percebem apenas o lado positivo desse fenômeno como o avanço das comunicações.

A turma escolhida para fazer esta atividade foi a 2^o série do Ensino Médio da escola Pastor Voges, que estuda no turno matutino. Por que essa turma? Primeiro por acreditar que já é possível uma reflexão mais aprofundada do tema nessa série e segundo por acreditar que esse assunto faz parte do contexto diário. Por fim a minha curiosidade em saber como um aluno de Itati/RS percebe o movimento da globalização no seu lugar.

A primeira aula sobre esse assunto iniciou com a palavra globalização escrita de forma centralizada no quadro. Foi solicitado aos alunos que respondessem à seguinte pergunta: O que lhe vem à cabeça quando se fala de globalização? Foram quase trinta apontamentos dos alunos que encheram o quadro e destes apontamentos todos direcionavam apenas para avanços tecnológicos e positivos, nenhum aluno apontou um aspecto negativo desse processo. Sendo assim passamos para o segundo passo que foi refletir o texto abaixo, intitulado *O recomeço da História*, escrito pelo geógrafo Milton Santos para o site folha. UOL em 09/01/2000:

O recomeço da história

Vivemos em um mundo complexo, marcado na ordem material pela multiplicação incessante do número de objetos e na ordem imaterial pela infinidade de relações que aos objetos nos unem. Nosso mundo é complexo e confuso ao mesmo tempo, graças à força com a qual a ideologia penetra nos objetos e ações. Por isso mesmo, a era da globalização, mais do que qualquer outra antes dela, exige uma interpretação sistêmica cuidadosa, de modo a permitir que cada coisa seja redefinida em relação ao todo planetário. A grande sorte dos que desejam pensar a nossa época é a existência de uma técnica planetária, direta ou indiretamente presente em todos os lugares, e de uma política planetária, que une e norteia os objetos técnicos. Juntas, elas autorizam uma leitura ao mesmo tempo geral e específica, filosófica e prática, de cada ponto da Terra. Emerge, desse modo, uma universalidade empírica, de modo a ajudar na formulação de idéias que exprimam o que é o mundo e o que são os lugares. Cria-se, de fato, um novo mundo. Para sermos ainda mais precisos, o que, afinal, se cria é o mundo como realidade histórica unitária, ainda que ele seja extremamente diversificado. Ele é datado

com uma data substantivamente única, graças aos traços comuns de sua constituição técnica e à existência de um único motor das ações hegemônicas, representado pelo lucro em escala global. É isso, aliás, que, junto à informação generalizada, assegura a cada lugar a comunhão universal com todos os outros. Ao contrário do que tanto se disse a história universal não acabou; ela apenas começa. Antes o que havia era uma história de lugares, regiões, países. As histórias podiam ser, no máximo, continentais, em função dos impérios que se estabeleceram em uma escala mais ampla.

A vez da humanidade. O que até então se chamava de história universal era a visão pretensiosa de um país ou continente sobre os outros, considerados bárbaros ou irrelevantes. O ecúmeno era formado de frações separadas ou escassamente relacionadas do planeta. Somente agora a humanidade faz sua entrada na cena histórica como um bloco, entrada revolucionária, graças à interdependência das economias, dos governos, dos lugares. O movimento do mundo conhece uma só pulsação, ainda que as condições sejam diversas segundo continentes, países, lugares, valorizados pela sua forma de participação na produção dessa nova história. Um dado importante de nossa época é a coincidência entre a produção dessa história universal e a relativa liberação do homem em relação à natureza. A denominação de era da inteligência poderia ter fundamento nesse fato concreto: os materiais hoje responsáveis pelas realizações preponderantes são cada vez mais objetos materiais manufaturados e não mais matérias-primas naturais. Na era da ecologia triunfante, é o homem quem fabrica a natureza, ou lhe atribui valor e sentido, por meio de suas ações já realizadas, em curso ou meramente imaginadas. As pretensões e a cobiça povoam e valorizam territórios desertos. Todavia a mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano. Basta que se completem as duas grandes mutações ora em gestação: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana. A grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas da informação, as quais, ao contrário das técnicas das máquinas, são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que o seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas doces estarão a serviço do homem. Por outro lado, muito falamos hoje nos progressos e nas promessas da engenharia genética, que conduziriam a uma mutação do homem biológico. Isso, porém, ainda é do domínio da história da ciência e da técnica. Pouco, no entanto, se fala das condições ainda hoje presentes, que podem assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e também do planeta. Nesse emaranhado de técnicas dentro do qual estamos vivendo, o homem descobre suas novas forças. Já que o meio ambiente é cada vez menos natural, o uso do entorno imediato pode ser menos aleatório. Aumenta a previsibilidade e a eficácia das ações. Ampliam-se e diversificam-se as escolhas, desde que se possa combinar adequadamente técnica e política.

O mundo misturado. O mundo fica mais perto de cada qual, não importa onde esteja. Criam-se, para todos, a certeza e a consciência

de ser mundo e de estar no mundo, mesmo se ainda não o alcançamos em plenitude material ou intelectual. O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo nas grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada qual se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. As ricas dialéticas da vida nos lugares criam, paralelamente, o caldo de cultura necessário à proposição e o exercício de uma nova política.

Ousamos, desse modo, pensar que a história do homem sobre a Terra dispõe afinal das condições objetivas, materiais e intelectuais, para superar o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos e enfrentar o começo de uma nova trajetória. Aqui, não se trata de fixar datas para as etapas ou o início do processo e, nessa ordem de idéias, o ano 2000, o novo século, o novo milênio são apenas momentos da folhinha, marcos num calendário.

Ora, a folhinha e o calendário são outros nomes para o relógio, por isso são convencionais, repetitivos e historicamente vazios. O que conta mesmo é o tempo das possibilidades efetivamente criadas, a que chamamos tempo empírico, cujas mudanças são marcadas pela irrupção de novos objetos, de novas ações e relações e de novas idéias.

As condições materiais já estão dadas para que se imponha a desejada grande mutação, mas o seu destino vai depender de como serão aproveitadas pela política. O que, talvez, seja irreversível são as técnicas, porque elas aderem ao território e ao cotidiano. Mas a globalização atual não é irreversível. Agora que estamos descobrindo o sentido de nossa presença no planeta, pode-se dizer que uma história universal verdadeiramente humana, finalmente, está começando.

Após a leitura e reflexão do texto fiz novamente a pergunta: O que lhe vem à cabeça quando se fala de globalização? Foi impressionante a mudança de visão dos alunos sobre globalização. Não que o que eles haviam escrito antes do texto não estivesse correto, mas, após a leitura a grande maioria conseguiu expor que além de aspectos positivos, há também aspectos negativos dessa homogeneização e padronização do território e dos costumes.

Ao término dessa primeira etapa da atividade ficou muito claro que era preciso primeiro observar o que os alunos traziam em sua bagagem, afinal não chegavam vazios. Indagar e provocá-los à reflexão para depois sim começar um processo de reconstrução do conceito de globalização. Mas uma coisa ainda me incomodava como avaliá-los de uma maneira que eu realmente poderia perceber o sentimento e a percepção deles sobre o assunto?

Quando sai da sala, após dois períodos de aula, encontrei-me no corredor com a professora de Literatura e Português que estava se dirigindo para a sala da turma qual eu havia saído. Conversamos rapidamente sobre a minha aula e eu a indaguei sobre o que ela estava trabalhando com a turma e ela me disse que trabalharia naquela aula a canção do exílio, então de imediato surgiu a ideia: Que tal solicitarmos para eles construir uma canção da globalização a partir da ótica do aluno, de como ele percebe a globalização em Itati?

Ela na hora achou bem interessante e combinamos que assim faríamos, pois entendíamos que fazendo assim oportunizaríamos aos alunos por meio da literatura também pensar sobre seu cotidiano e melhorar sua habilidade na escrita e reflexão. Juntar a Literatura com Geografia naquele momento, foi como juntar o queijo com a goiabada, um casamento perfeito, pois:

Parece fundamental que os professores de Geografia insistam na produção textual de seus alunos. Sem essa prática haveremos de ficar na mera constatação paralisante: “Os alunos escrevem mal” Se o professor não fomentar a expressão oral e escrita nos alunos tais habilidades não se desenvolverão. Não estamos falando da preocupação às vezes formalista, do “escrever correto segundo normas cultas”, mas sim do desafio de ultrapassar as respostas, muitas vezes atividade mecânica, dos questionários do livro didático. (KAERCHER, 2014, p. 112)

Pensar nesta forma de avaliar os alunos seria contrapor uma “lógica sistematizada e informativa” que não valoriza a criatividade, o sentimento e o senso crítico do aluno. Costurando a produção textual a partir da reflexão e da construção do conhecimento geográfico permite-se ao aluno uma exposição mais densa do seu pensar, onde pode agregar mais as ideias, encostar as palavras umas as outras sem se preocupar se o que escreve serve para esta ou aquela pergunta. É se permitir voar na sua velocidade, mas com um rumo traçado.

No segundo encontro com os alunos, na semana seguinte, levei para reflexão a letra e a música: 3ª do Plural, da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii que diz:

Corrida pra vender cigarro
cigarro pra vender remédio
remédio pra curar a tosse
tossir, cuspir, jogar pra fora
corrida pra vender os carros
pneu, cerveja e gasolina
cabeça pra usar boné

e professar a fé de quem patrocina

Eles querem te vender, eles querem te comprar
querem te matar, de rir ... Querem te fazer chorar
quem são eles?
quem eles pensam que são?

Corrida contra o relógio
silicone contra a gravidade
dedo no gatilho, velocidade
quem mente antes diz a verdade
satisfação garantida
obsolescência programada
eles ganham a corrida antes mesmo da largada

Eles querem te vender, eles querem te comprar
querem te matar, à sede...eles querem te sedar
quem são eles?
quem eles pensam que são?

Vender... Comprar... Vedar os olhos
jogar a rede contra a parede
querem te deixar com sede
não querem nos deixar pensar
quem são eles?
quem eles pensam que são?
(VAGALUME, 2014)

Após ouvirmos e acompanharmos na folha a letra da música muitos murmúrios começaram na sala de aula. Os alunos falavam sobre a música e a globalização e diziam que não haviam se percebido ainda como propagandas gratuitas e ambulantes de diversas marcas. Que não tinham se dado conta de que a mídia exercia um poder tão grande sobre as pessoas. Destacaram ainda, que não haviam olhado o consumismo por essa ótica.

Mas um fato interessante foi quando um aluno falou: “Deve ser por isso que passamos tantos agrotóxicos nas lavouras. Os produtos têm que ser bonitos se não as pessoas não compram. Parece que as pessoas comem com os olhos!” Indaguei então: será que essa não é a forma de fazer propaganda do produto? Já que a beleza é possível visualizar, mas a quantidade e a qualidade nutritiva de um produto não se mensuram apenas pegando- o com as mãos.

Todas as colocações foram muito interessantes e então organizamos a sala de aula em círculo e continuamos o diálogo a partir das seguintes perguntas/provocações que fiz a eles:

A partir do que escutamos na música e do que estávamos conversando trazendo o assunto para o nosso cotidiano, vocês acham que em Itati/RS existe globalização? Se existe, como vocês a percebem? Que mudanças são possíveis de perceber com o passar dos anos no município? Que influência a mídia e a propaganda exercem sobre esse contexto?

Acredito que o uso da música como forma de sensibilização para o assunto fez com que os alunos sentissem-se mais a vontade para falar sobre globalização, afinal, a música é uma forma de expressão, de nossas ideias e sentimentos, principalmente nessa fase de adolescência.

Então os alunos começaram a falar sobre as questões/provocações, citadas acima, que eu havia colocado para que eles refletissem. E, imediatamente, começaram as falas. A maioria dos alunos disse que percebia a globalização em Itati, e que ela era visível nas marcas dos carros, dos tratores, pois muitos eram de marcas estrangeiras, nas músicas, na forma de se vestir, nos jogos de vídeo-game.

A aula passou voando, o sinal deu aviso de que nosso tempo havia acabado. Então solicitei que pensassem a respeito das questões e trouxessem para a próxima aula, mais apontamentos a partir das questões para fazermos um seminário.

A terceira aula chegou, organizamos a sala em círculo novamente e iniciamos a conversa, embasado pelas questões que haviam sido feitas na última aula. A aula fluiu. Penso que esse assunto realmente mexeu com os alunos, pois todos participaram, expuseram suas ideias, alguns chegaram a comentar que haviam conversado com os pais sobre o assunto.

Muitos alunos disseram que, ao conversar com os pais sobre o assunto, estes disseram que em seu tempo de adolescente era diferente. Quase não existiam carros em Itati/RS. As roupas na maioria das vezes eram feitas em casa, ou por uma costureira, e o tecido utilizado era adquirido nos armazéns⁸, que vendiam de tudo! Se precisassem comprar alguma coisa mais sofisticada tinham que pegar o ônibus e ir até Osório⁹. Essa história de marca não existia muito. Telefone celular também não havia, muito menos acesso a internet, a TV era preto e branco.

⁸ Armazéns era o nome dado as casas comerciais, ou comércios de secos e molhados como muitos denominavam. Esses comércios reuniam muitos produtos, desde ferramentas para prática agrícola até tecidos para roupas. De rações para animais a bebidas e alimentos em geral.

⁹ A cidade de Osório exercia a função de um pólo regional. Se um morador de Itati/RS, distante cerca de 60Km de Osório, precisasse de um atendimento médico especializado, de um hospital com mais recursos, ou ainda de algo mais “tecnológico”, precisava se deslocar até essa cidade.

Colocaram ainda, que hoje, as redes sociais e as propagandas fazem parte do seu dia-a-dia. Alegaram que não sabiam como seus pais tinham passado a adolescência sem telefone e internet. Mas o que mais me chamou a atenção foi quando um aluno colocou que: “no meu caso, eu gosto de futebol, não jogo muito bem, mas jogo. Aí vou lá, ligo a TV, ou abro um site de materiais esportivos e está lá a propaganda do Messi ou o Cristiano Ronaldo, então se eu não posso ser como eles, eu posso comprar a chuteira que eles usam e se não tiver em nenhuma loja aqui perto, eu compro na internet e vem pelo correio.

Outro aluno emendou: “pois é não precisamos nem sair de casa se não quisermos, e prosseguiu, dá até para comprar em uns sites chineses que são bem mais baratos, porém leva uns três meses para chegar aqui.

A conversa foi seguindo e eu intermediando. Estava nítido o quanto da globalização havia no cotidiano deles e o quanto aquela troca estava sendo produtiva e importante para eles refletirem sobre o sistema capitalista em que vivem.

Foi uma experiência bem interessante. Um aluno colocava algo, o outro complementava ou contestava. Fiquei assistindo e mediando a conversa, fui um ator coadjuvante naquele espetáculo. Que espetáculo!!! Quando a aula já se encaminhava para o final coloquei para eles que a forma de avaliá-los sobre o assunto trabalhado não seria por prova e sim uma atividade em parceria com a professora de Português e Literatura, onde eles deveriam elaborar uma produção textual semelhante à canção do exílio, uma espécie de canção da globalização, e esta produção seria analisada pela Geografia, Literatura e Português. Nisso uma aluna perguntou: “professor é um trabalho para três matérias? Eu respondi: Isso mesmo! Ela retrucou: “Então, vamos nos puxar galera por que vai valer para três disciplinas!”

Isso é muito gratificante por que os alunos acabam se interessando mais pela atividade e constroem um conhecimento significativo, pois se deixa de lado a fragmentação. É a interdisciplinaridade entrando em ação e permitindo uma articulação entre as disciplinas, caminhando para uma construção coletiva do conhecimento a partir daquilo que é vivido pelo aluno cotidianamente. Ultrapasse-se a barreira do conhecimento em forma de gavetas, fragmentado, individualista, e abrem-se possibilidades para a construção de novos saberes integrados, de um conhecimento pertinente.

Um avanço no pensar interdisciplinar ocorre quando professores de áreas afins definem um tema de interesse comum e passam a trabalhar em conjunto, com o olhar experimentado de cada especialista, mediante a utilização de métodos e técnicas de cada disciplina para a maior compreensão dos fatos, fenômenos e situações do mundo atual. (PONTUSCHKA, 2009, p. 152)

Fazer essa atividade de forma transdisciplinar quebrou a ordem (as produções dos alunos estão no anexo 2 deste trabalho). Superou a metodologia individualista arraigada na estrutura curricular da escola. Fez com que nós, professores nos integrássemos, trocássemos ideias, pois, tivemos que fazer diferente, pensar diferente, avaliar diferente. Trouxemos a vida para a sala de aula. Interessante ouvir um aluno falar que: “Nossa professor, nunca tinha parado para pensar sobre isso?”

Era emocionante olhar para os alunos e enxergar o brilho nos olhos e o sorriso de satisfação no rosto por estarem pensando sobre eles mesmos. Por estarem construindo e não reproduzindo conhecimento. Talvez se tivesse um espelho em sala de aula eu poderia me enxergar da mesma forma, pois estava aprendendo também. E ensinar leva ao aprender e para que isso aconteça é preciso quebrar a ordem individualista pré-existente em nós professores no movimento de docenciar. É praticar a dialogicidade: ordem/desordem/organização, descrita por Morin (2010). Quebrando esta ordem criamos a (des)ordem. E é neste processo que precisamos refletir para que se crie uma nova ordem. Mas não uma ordem linear, pois aí estaríamos voltando ao mesmo caminho. Fernando Pessoa que o diga! “Pobre das flores nos canteiros dos jardins regulares.

Parecem ter medo da polícia...
Mas tão certas que florescem do mesmo modo
E têm o mesmo colorido antigo
Que tiveram a solta para o primeiro olhar do primeiro homem
Que as viu aparecidas e lhes tocou levemente
Para ver com os dedos também.
(PESSOA, 1988, p. 130)

Sendo assim, essa prática proporcionou-me fazer diferente. Os alunos saíram da sua zona de conforto, talvez por que alguém ou alguma coisa lhes tocou, e se permitiram refletir sobre a globalização, caminhando de uma forma diferente da que estavam acostumados. Transformaram o conhecimento empírico que traziam, em

conhecimento pertinente. Dessa maneira, um saber se conecta ao outro, gerando um conhecimento consolidado.

Podemos dizer que esse é um exemplo de espiral do conhecimento. Essa espiral tem início com a situação problema que é colocada ao aluno. Este vem com o saber empírico que traz para a sala de aula a partir de sua prática cotidiana. Logo, os processos de reconhecimento das ligações entre a globalização e lugar do aluno se transformaram em conhecimento. E o conhecimento construído neste processo, por mim e por eles, passou a ser maior do que o conhecimento que havíamos chegado à sala de aula anterior a esta prática. Ou seja, o aluno passou a ver o seu cotidiano de forma autônoma e crítica.

Sair do mais do mesmo e propor algo diferente foi outra forma de visualizar um assunto em sala de aula, de dar espaço e ouvir as vozes dos alunos. Dialogar, refletir a partir de coisas do cotidiano como um texto no jornal, uma música, debater sobre a mídia e propaganda. E na hora de eles expressarem o que aprenderam, também sair do convencional, e deixá-los expor mais do que aprendizagens, expor sentimentos. Isso foi fantástico!

A espiral de informações e de reflexões entrelaçadas/sistematizadas em mais de uma disciplina ajuda a expandir o processo de aprendizagem, reforça a necessidade de refletir e possibilita uma melhor compreensão do assunto, pois acabamos construindo mais de uma reflexão sobre o mesmo assunto, e também proporcionam diferentes leituras, o que enriquece a capacidade de análise do aluno. A riqueza está na diversidade de análise, de opiniões, visões e não no consenso.

A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma relação entre duas ou mais disciplinas. Referenda a transferência de conceitos de uma disciplina para outra podendo ainda proporcionar a formação de um novo conjunto, de conceitos, de um novo corpo disciplinar. (ZABALA, 2002, p. 28)

Foi possível perceber essa teoria acontecendo nas aulas de Literatura, Português e Geografia, tendo em vista que foram dados os direcionamentos seguros da atividade proposta, onde os alunos se envolveram, trocaram ideias, representaram sua vivência referente às diferentes concepções das disciplinas e o envolvimento se dá por conta dessa liberdade entre elas. Reforça, assim, o entrelaçamento dos saberes.

Em atividades como esta, o aluno parece se entregar mais, se abrir para o movimento do aprender. E eu como professor pude perceber o quanto esses alunos compreenderam o assunto trabalhado e o melhor, conseguiram estabelecer uma relação deste com o seu cotidiano. Ficou claro quando um aluno escreve em um dos poemas citados: “Minha terra tem tratores, que rasgam a terra muito rápido, o arado de boi já foi esquecido, já é coisa do passado.” Ou ainda: “Minha terra tem tecnologia, onde as pessoas estão conectadas, e mesmo morando no interior, no mundo estou ligada.”

E a alegria se completa quando entramos na sala ao lado e outra turma pergunta: “Professor quando vamos fazer um trabalho como o da turma 201???” Isso é a prova de que a mobilização e empolgação ultrapassaram as paredes da sala de aula.

Assim conseguiu-se envolver várias disciplinas, lugarizar e potencializar a aprendizagem dos conteúdos propostos e permitir que os alunos e professores fossem agentes construtores do seu processo de conhecimento.

Foi uma atividade tão produtiva e gratificante, para nós professores e para os alunos, que decidimos juntar mais algumas produções de outros gêneros literários e organizar um livro que está em fase de conclusão e que recebeu como título “CONQUISTAS”, pois essa palavra simboliza o quanto nós professores acreditamos que essa prática representou para os alunos e para nós, professores.

4.4 Os movimentos migratórios a partir do povoamento do vale do rio Três Forquilhas, Itati/RS.

O município de Itati/RS localiza-se em um vale, que inicia na encosta da região serrana, mais precisamente próximo a São Francisco de Paula e Cambará do Sul e se abre em direção ao litoral norte gaúcho.

Mas que relação existe entre o parágrafo acima e o título da atividade? Vamos lá então:

O objetivo dessa proposta de atividade era de trabalhar os movimentos populacionais e os tipos de migração que ocorrem pelo mundo, porém se colocasse dessa maneira para os alunos muitos talvez pensassem: “esse mundo é tão distante de Itati!” Sendo assim fui buscar subsídios na história do povoamento do vale para

aproximar a proposta do cotidiano dos alunos e assim facilitar a compreensão dos mesmos sobre este conceito.

A turma escolhida para esta prática foi uma 2ª série do EM do turno matutino. Por que esta série? Na verdade naquela famosa listagem de conteúdos estava este conceito para ser trabalhado, então pensei como fazer esse conceito “sair” do livro didático e “entrar” no cotidiano dos alunos.

Já sabedor de que o vale havia sido povoado por diferentes etnias em diversas etapas da migração européia para o Brasil, pois, como professor devo ser um pesquisador e leitor assíduo, propus um trabalho onde a turma, dividida em grupos, pesquisaria sobre uma etnia diferente que havia chegado até Itati. As etnias escolhidas por mim e pelos alunos foram: os Alemães, Italianos, Japoneses e Açorianos.

Retornei aos tempos de faculdade e lembrei-me de quando um professor trouxe uma proposta semelhante para nós. Cada grupo escolheu uma etnia, pesquisou, apresentou e ainda trouxe pratos típicos para que os alunos e professores saboreassem. Então a ideia coçou e eu me perguntei, será que essa história de comidas típicas não pode ser o tempero para que os alunos incorporem ainda mais o espírito da atividade proposta?

Então conjuntamente com os alunos discutimos sobre o que seria importante pesquisar, e foram traçados os seguintes eixos:

Coletar dados sobre o país de origem da migração, as causas da emigração, quando aqui chegaram, por que Itati no Vale do Três Forquilhas e as consequências de se praticar esse movimento populacional. Ainda ficou estabelecido que os alunos buscassem entrevistar descendentes ou até imigrantes dessas etnias para saber como havia sido a chegada, os primeiros passos desses novos “colonizadores, e as dificuldades por eles encontradas.

Para apresentação os alunos se comprometeram a encontrar trajes típicos da etnia e a elaborar um prato da culinária pesquisada. Com isso tinha-se como principal objetivo proporcionar um conhecimento do passado do aluno, bem como buscar a compreensão de determinados fatores do presente, como a localização das estradas e moradias próximas ao rio, ainda sim, mostrar para eles que o conceito de movimento migratório ilustrado e descrito no livro didático havia acontecido no nosso lugar.

Essa aproximação foi fundamental para que os alunos mergulhassem na atividade e nas aulas de geografia. Dias felizes vieram pela frente!

Cada grupo recebeu duas semanas de prazo para elaboração da pesquisa. Efetuaram leituras que retratassem sobre o processo migratório, inclusive algumas que retratavam diretamente do vale do Três Forquilhas. Conversaram com pessoas mais idosas da comunidade para saber mais sobre o assunto. Por meio das redes sociais estabeleceram contato com o Senhor Élio Eugênio Müller, que foi pastor protestante na década de 1970 no vale e que tem artigos e livros publicados sobre o assunto. Buscaram na internet, escritos que retratassem esse processo. Foram duas semanas intensas nas quais falei pouco e ouvi muito!

Na sequência, relato, como exemplo, o trabalho de dois grupos: O que pesquisou a etnia japonesa e outro que pesquisou a etnia alemã.

A seguir fotos da apresentação e dos pratos típicos apresentados.



Figura 14: Foto do grupo que pesquisou a imigração japonesa.
Fonte: Acervo do auto, 2012.



Figura 15: Prato típico da culinária oriental
Fonte: Acervo do autor, 2012.

O grupo das imagens anteriores teve a oportunidade de entrevistar o senhor Masaharu Aso, primeiro imigrante japonês a chegar a Itati. Coletaram muitos dados a respeito de como foi à chegada dessa família, por que eles haviam deixado seu país de origem, as dificuldades de comunicação devido ao idioma. Questionaram também quanto às atividades econômicas desenvolvidas, se ainda havia relação com possíveis parentes no Japão.

As alunas ficaram impressionadas com os relatos que o senhor Aso as fez da 2º Guerra Mundial. Disseram que a curiosidade era mais aguçada a partir de cada resposta dada pelo entrevistado.

Imagine isso, um aluno de Itati/RS, município com menos de 3.000 habitantes, quase 60 anos após o grande conflito mundial, ter a oportunidade de efetuar esse encontro geracional e conhecer uma pessoa que vivenciou aquela época. É algo fenomenal!

Relataram que o senhor Aso, auxiliado por sua filha, que traduzia algumas palavras em japonês, já que até hoje não compreende bem a língua portuguesa, lhes contou que quando aqui chegou ficou encantado com tanta riqueza natural e com a qualidade do solo, porém, disse-lhes que foram momentos difíceis. O idioma era um fator que dificultava muito, então a comunicação era por mímica.

O que o grupo achou interessante é que hoje o Vale é conhecido pela sua capacidade produtiva de hortigranjeiros, que segundo o senhor Aso, teve seu cultivo introduzido pela imigração japonesa, visto que até então os moradores priorizavam a criação de animais e o cultivo da cana de açúcar e do fumo.

Os alunos também apontaram que esses produtos, cana de açúcar e fumo, eram cultivados por dois motivos principais. No caso da cana de açúcar, disseram que se devia a condição de durabilidade do produto final, como: rapaduras, melados, açúcar mascavo e cachaça, já que não existia até então veículos a motor no vale para transportar esses produtos. Já o fumo por que existia parceria com as empresas fumageiras que arcavam com os custos da produção e garantiam a compra do produto.

Disseram também que os japoneses ficaram conhecidos em Itati pelo cultivo das flores, mas que na verdade, foram os pioneiros na produção hortigranjeira.

Outro fato que este grupo destacou é a preservação dos costumes e as tradições da cultura nipônica no Vale. Apesar de hoje ser muito pequena, apontaram cerca de sete famílias, que ainda praticam o sumô, tendo inclusive uma equipe que participa das competições estaduais e nacionais, e que dentro de casa, entre si, se comunicam na língua mãe.

Nossa! Quanta informação e riqueza socializada com a turma! Pergunto-me, será que de outra forma essas informações/conhecimentos seriam dialogadas?

Já o grupo que pesquisou sobre a imigração alemã no vale, teve um pouco mais de facilidade por haver livros que contam sobre esse processo. Aproveitei essa lacuna para ressaltar aos alunos a importância de escrever, neste caso, a nossa história, para que gerações para que gerações futuras tenham acesso a esses registros. Pois para compreender o momento presente, preciso conhecer o caminho que se fez até aqui.

Além de ter em mãos esses livros, as alunas deste grupo foram entrevistar pessoas idosas de etnia alemã que viviam na comunidade e ouvindo suas histórias descobriram muitas curiosidades, entre elas a relação dos sobrenomes com a profissão que era exercida, como por exemplo Bäcker (aqui Becker) que significa padeiro.

Kellermann, que significa homem do porão, ou ainda Schmitt, que se aproxima graficamente da tradução de ferreiro. Também ficaram impressionados a saber a sua história, afinal, a maioria do grupo era descendente de alemão e desconheciam a etimologia dos seus nomes.



Figura 16: Grupo com trajes festivos de origem germânica.
Fonte: Acervo do autor, 2012.



Figura 17: Foto de um Bier-Kuchen, ou bolo de cerveja.
Fonte: Acervo do autor, 2012.

O fato mais curioso apresentado por esse grupo foi o de que eles apontaram o porquê de nos dias atuais a maioria das casas e das estradas do município acompanhar o fluxo dos rios. Disseram que esse fato que reflete nos dias atuais iniciou no processo de chegada dos alemães ao Vale. Como não havia estradas, o meio de transporte utilizado para comercializar a produção era via fluvial, além disso,

esses novos moradores precisavam também de água para seu consumo próprio e para os animais que criava, sendo assim passaram a se estabelecer nas margens dos rios.

Foram ainda fazer um resgate do estilo arquitetônico de enxaimel, modo como os germânicos construíram suas casas no vale, utilizando o sistema de encaixe das madeiras, e preenchendo os espaços com argila, tronco de ripeira, e sangue de animais, que segundo pesquisa dos alunos era utilizado para dar “liga” à argila.

A práxis, a existência humana necessita/implica a modelagem do espaço. O homem configura os espaços conforme seus interesses e necessidades- claro que com as limitações da natureza- e, ao fazer-se civilização, deixa suas marcas no espaço. Estas marcas, uma vez construídas (uma casa, uma estrada, uma fábrica, uma drenagem, uma irrigação, etc) Influenciarão a existência das futuras gerações. O espaço geográfico é reconstruído pelos seres humanos, mas uma vez trabalhado este espaço também influirá na sociedade que ali habita. (KAERCHER, 2014, p.47)

Nas Figuras 18 e 19 fotos das casas germânicas apresentadas pelos alunos:



Figura 18: Casa do Major Adolpho Felipe Voges.
Fonte: Acervo dos alunos, 2012.



**Figura 19: Casa do Pastor Voges, 1º pastor alemão no Vale do Três Forquilhas. Ele morou até sua morte em 1893 nessa casa.
Fonte: Acervo dos alunos, 2012.**



**Figura 20. A diversidade étnica em sala de aula. Foto com todos os grupos que fizeram o trabalho.
Fonte: Acervo do autor, 2012.**

Com essa prática pude perceber que fomos além do conceito que se propunha inicialmente com os alunos. Trabalhar os movimentos migratórios contextualizando com o lugar do aluno, nos possibilitou também conhecer um pouco da nossa história e de nossos antepassados, o que tornou esta atividade ainda mais significativa e interessante.

Ou seja, esta atividade nos permitiu, ao conhecer fatos passados que fazem parte da nossa história, compreender por que determinadas coisas estão assim colocadas no presente, como por exemplo, a estrada que margeia o rio, as questões dos cultivos agrícolas, de por que ter um “colega com os olhos puxados” na turma. Por que tantos colegas com sobrenomes carregados de consoantes e de difícil pronúncia. Enfim, os alunos puderam fazer uma viagem ao seu passado, para compreender o seu presente e mais, construíram conhecimentos e conceitos que jamais serão esquecidos, pois fazem parte não só da aula de geografia, mas também da sua história de vida.

Como as gerações atuais não enxergam o passado e nem as pessoas que construíram os espaços, cabe a nós professores, “fazer ver”, (re)ensinar a ver o que está oculto, iluminar o que está escondido, lembrar o que os olhos não vêem mais. Problematizar o que parece natural, “sempre foi assim. (KAERCHER, 2013, p.20)

O que constatamos com isso é que atividades como esta tendem a ser prazerosas na medida em que professor e alunos se envolvam mais. “Quebrem o gelo” e o pensamento de que a geografia é cansativa, é “decoreba”, com pouco ou sem aplicabilidade e que só chega aos alunos por meio do professor ou do livro didático.

4.5 As formas de relevo e ações erosivas por meio da construção de maquetes. Que as coisas sejam realmente o que parecem ser.

Essa atividade foi em parte, motivada pela inspiração obtida através da atividade 4.3, descrita anteriormente. No caso, a atividade sobre a globalização. Por que foi inspirada? Vi que o entrelaçamento da minha disciplina com outra deu certo, sem contar o resultado, empenho e envolvimento que os alunos demonstraram com

aquela atividade, principalmente na hora de refletir sobre o que haviam estudado foi algo tão empolgante que me fez pensar em uma forma de reeditar a prática. Cabe ressaltar aqui a importância de não só os alunos, mas também, do professor ter fome. Querer algo a mais. E eu tenho fome, fome de fazer a diferença nas minhas aulas, fome de mostrar para os meus alunos que a geografia vai além do livro didático, além dos muros da escola, que ela está no nosso cotidiano, na nossa rua, no nosso lugar!

Porém, eram alunos diferentes, série diferente e assuntos diferentes. A turma era uma primeira série do EM do turno matutino com 24 alunos. Então, pensei: como fazer? Aquilo ficou martelando na minha cabeça. As aulas seguiram até que um dia quando planejava uma aula em casa sobre as formas de relevo e os tipos de erosão, olhei pela janela, avistei o morro que fica em frente a minha casa, e comecei a observar, percebi que havia lavouras, poteiros, e na encosta mais íngreme um pequeno deslizamento. Vi que aquele fenômeno que estava acontecendo no nosso cotidiano estava relacionado ao conceito que iríamos trabalhar em sala de aula. Era o exemplo que eu precisava para os alunos visualizarem. Era a porta de entrada para minha prática.

Mas apenas aquele exemplo não me parecia suficiente, era preciso buscar uma relação entre as formas de relevo e as ações erosivas com a economia do lugar, afinal aquele público que iria participar desta atividade já, em sua grande maioria, trabalhavam no turno inverso. Então comecei a pensar o que move a economia do município? A agricultura é o carro chefe, a grande maioria dos alunos via a renda financeira de casa vir da prática da agricultura familiar. E para que a prática agrícola aconteça de forma satisfatória, ou seja, se plante, cultive, colha e venda, é necessário que o relevo contribua para sua implantação e as ações do tempo não atrapalhem esse percurso.

Assim percebi que mais uma vez poderia partir do local de vivência do aluno para uma melhor compreensão desse assunto: As formas de erosões sobre o relevo e o impacto que estas ocasionam aos seres humanos. Porém, sabia que não era possível contemplar todos os tipos de erosão nem todas as formas de relevo e ações erosivas partindo apenas do cotidiano do aluno, mas usar os exemplos do cotidiano poderia despertar o interesse para que estes alunos fizessem uma leitura saindo de uma escala local para uma escala maior.

Então preparei uma aula, em power point, com imagens de formas de relevo e os tipos de erosões que estas sofriam. Coloquei também conceitos das principais formas de relevo e de erosões. Procurei estabelecer a relação Sociedade e Natureza e é claro, iria tentar provocá-los a este assunto com questões ligadas ao cotidiano do lugar.

Cheguei à sala de aula, montei o equipamento e comecei a mostrar e explicar as imagens e conceitos que estavam nos slides, de repente um aluno disse: “Bá professor, o ano passado deu um “ventão” e destruiu todas as estufas do meu padrao que estava com plantaço de tomate. Esse comentário veio ao encontro com o que estava em meu planejamento. Acredito que:

O processo de construção do conhecimento que acontece na interação dos sujeitos com o meio social, mediado pelos conceitos (sistema simbólico) é um processo de mudança de qualidade na compreensão das coisas, do mundo. Não é um processo linear, nem de treinos, mas de construção pelos alunos de conhecimentos novos, na busca do entendimento das suas próprias vivências, considerando os saberes que trazem consigo e desvendando as explicações sobre o lugar. (CALLAI, 2000, p. 104)

Essa ideia fez com que meu planejamento fosse adequado à situação, afinal o aluno estava contribuindo com informações verídicas e que não só ele vivenciou! Pois a partir disso, muitos alunos começaram a fazer colocações expondo suas experiências com chuvas fortes, enchentes, temporais. O diálogo surgiu e a partir dos apontamentos que eles haviam vivenciado e das imagens que eram projetadas fomos tecendo raciocínios que nos levaram a uma projeção dos conceitos que se pensava previamente em trabalhar em sala de aula.

Diante disso, surgiu a necessidade de construir uma atividade prática que permitissem a eles compreender melhor o que acontece a nossa volta, e partindo daqueles comentários que eles fizeram, de fenômenos que ocorreram no seu lugar, pensar também o que não estava ao alcance do seu olhar no cotidiano. Então, lancei o desafio: - O que acham de fazermos maquetes que retratem algumas das principais formas de relevo e ações erosivas? Quem sabe podemos até pesquisar formas de diminuir os impactos das ações erosivas e das intempéries do tempo? Talvez estivéssemos pensando em possíveis soluções para questões como aquelas citadas anteriormente.

Eu estava empolgado, mas de início alguns alunos não gostaram da ideia, chegaram até murmurar que não estavam mais no “prézinho” para brincar com argila, e então coloquei que as maquetes eram uma excelente forma de representar um todo maior em uma escala menor e a partir daí compreender o processo que está ali representado.

Expliquei novamente, agora com mais calma, dizendo que a proposta consistia em elaborarmos maquetes, onde cada grupo escolheria uma forma de relevo e uma ação de modificação desse, ou até uma forma de conter essa modificação do relevo pelos fenômenos naturais e pela ação do homem.

E por que escolher maquetes para representar esses conceitos?

A maquete é um “modelo” tridimensional do espaço. Ela funciona como um “laboratório geográfico”, onde as interações sociais do aluno no seu dia-a-dia são possíveis de serem percebidas quase na totalidade. [...] a maquete passa a traduzir o próprio espaço da ação/interação do sujeito/ aluno cidadão. O seu cotidiano passa a sofrer novas reflexões e portanto novas representações. O sujeito acelera o processo de mergulho nas questões sociais nas quais está inserido, passando a preocupar-se com possíveis soluções. (CASTROGIOVANNI. 2000, p.74-75)

A maquete consegue misturar o real com o imaginário. Possibilita trazer o mundo para a sala de aula, permite colocar diante dos olhos dos alunos uma visão de um campo maior. Fazer essa atividade é um importante subsídio na caminhada pela busca da construção do conhecimento por que ela permite tornar palpável o impalpável e representar o que está distante do olhar do aluno pelo seu próprio olhar. Além disso, fazendo passo a passo essa construção o aluno terá a oportunidade de compreender o processo ali representado, de saber o que cada figura simbólica construída por ele representa no mundo real.

Os alunos concordaram! Então, partimos para a organização dos grupos, pois, acredito que trabalhos em grupo são importantes momentos de troca, onde os alunos conversam, expõem suas ideias e proporcionam a construção daquilo que o coletivo elencou como importante. É o conhecimento construído e compartilhado em grupo.

Foram escolhidas as seguintes formas de relevo e de erosão para serem representadas: As montanhas e a ação glacial, as planícies litorâneas e a erosão marinha, os planaltos e a erosão eólica, as depressões, a ação da água e as

voçorocas, as planícies cultiváveis e a diminuição do impacto dos ventos e da água oriunda das encostas.

Na aula seguinte os alunos vieram munidos de placas de isopor, palitos, argila, EVA e começaram o trabalho. O livro didático foi utilizado como um suporte de leitura para os alunos visualizarem seus temas.

A sala da aula parecia um atelier artesanal. Até os alunos mais “brancos”, aqueles um pouco menos “polidos”, estavam recortando, colocando a mão na argila, colando, enfim estavam todos com a mão na massa. Foi uma aula bem envolvente e prazerosa, para mim, por ver o quanto eles estavam se dedicando nessa proposta. E, acredito, que para eles também, pois estavam bem interessados e concentrados nesta atividade.

Mais uma vez, comentei a atividade que eu estava fazendo com a turma, com a professora de Português e Literatura. relatei a ela o que os alunos construiriam e perguntei se existia alguma possibilidade de encaixarmos, quem sabe uma das duas disciplinas acima. Ela disse que precisávamos pensar, mas que era possível e faríamos algo coletivamente. Coloquei para ela, o que ela achava de eles construírem um cordel sobre o que haviam aprendido e representado na maquete, ela disse que seria interessante e que assim possibilitaria a participação das duas disciplinas trabalhadas por ela.

Na semana seguinte, os alunos continuaram o processo de construção da maquete e pesquisa sobre o tema a ser representado por eles, mais uma vez a aula passou muito rápido. Os alunos estavam empolgados, inclusive aqueles que no início não se mostraram muito contentes com a prática. Cada um tinha uma curiosidade, uma coisa que havia descoberto através desse trabalho.

Solicitei a atenção de todos eles e lhes relatei que estava adorando os trabalhos deles e que além da maquete, para aproveitar o conhecimento que haviam construído com aquela atividade, havia conversado com a professora de literatura e português para que eles realizassem uma produção textual sobre a maquete construída e que esta seria avaliada pelas três disciplinas: Geografia, Literatura e Português.

Eles acharam interessante afinal, não seria difícil escrever sobre algo que estavam sabendo. Disse-lhes que o gênero textual escolhido seria o cordel, pois, a professora já estava trabalhando com eles, e que deveriam por meio deste gênero

demonstrar o que haviam aprendido. Disse-lhes ainda, que aquela atividade não deveria ficar só entre os colegas daquela turma e que se eles concordassem poderíamos organizar uma exposição dos trabalhos para as outras turmas do EM da escola.

A imagem que eu tinha pela frente era um misto de insegurança misturado com alegria. O que passaria pela cabeça daqueles educandos? Poder apresentar para turmas que estavam em séries à frente da deles seria uma forma de mostrar o conhecimento apreendido, além de melhorar a autoestima, afinal os alunos que estavam na primeira e segunda série do EM viriam aprender com eles.

Adiante, seguem as fotos das maquetes produzidas e os cordéis escritos pelos alunos. Foi escolhido um cordel por maquete para ser colocado como exemplo para o leitor ter uma ideia do que foi produzido por estes alunos, pois o trabalho foi tão proveitoso que decidimos proporcionar, a professora de Português e Literatura e eu, que estes alunos se tornem além de atores no processo de aprendizagem, autores do seu conhecimento.

O que estou querendo dizer é que todo o material produzido está sendo organizado para ser lançado em um livro, no final deste ano, intitulado: “Colcha de Retalhos”. A escolha do título deve-se por dois fatos: O primeiro por que a professora, de Português e Literatura, trabalhou o poema de mesmo nome, escrito por Paula Baggio, e o segundo fato é por que entendemos que a aprendizagem é como uma colcha de retalhos que vai se alinhavando aos poucos, peça por peça, prática por prática e que depois, essas peças costuradas resultarão em conhecimento apropriado e pertinente a todos os que participaram deste processo.

Voltamos aos trabalhos dos alunos, que por sinal ficaram surpreendentes conforme veremos no decorrer deste segmento.

Na Maquete 1, o grupo aborda a forma de relevo de depressão e a erosão eólica, seguido do cordel escrito por um representante do grupo.



Maquete 1: As depressões e a erosão eólica.
Organização: Autor e alunos, 2013.

Grupo predileto¹⁰

Esse grupo é perfeito
É a galera lá do fundo
Que faz os melhores trabalhos
E com isso ganha de todo mundo
Assim a gente faz as coisas
Trabalhando juntos.

Vamos falar da erosão eólica
Agindo sobre a depressão
Mesmo que sendo um assunto fácil
A argila vai sujar a mão
E um trabalho pequeno
Que vai dar um trabalhão.

Já compramos o isopor
E a argila também está lá
Falta só a criatividade
E esperar a argila secar
Só espero que não leve azar
De essa argila rachar.

Terça-feira é a apresentação
A gente vai detonar
Mas eu acho que o nosso grupo
Ainda vai conseguir terminar
Nós vamos fazer uma boa apresentação
Que nem o professor pode expressar.

¹⁰ Para cada maquete produzida, os alunos individualmente elaboraram um cordel. Por isso, neste trabalho consta apenas o cordel de um autor por grupo, pois, o objetivo é mostrar o que eles escreveram e visualizaram com esta atividade.

A areia vai mudar de formato
Na natureza é um processo lento
E isso é o que acontece
Quando chega a força do vento
Esses assuntos só explicam
As pessoas que têm conhecimento.

Nesse grupo, tem eu e o Maicon
A gente gosta de geografia
As gurias só gostam do professor
Mas isso, a gente já sabia,
Só que a gente também gosta dele
Por que o professor Jussiê é parceria.

Assim agente é amigo
Estamos sempre em sintonia
Ficamos perto uns dos outros
Nos encontramos todo dia
Brigamos poucas vezes
Só não brigamos por geografia.
(Aluno Jonas¹¹ 2013)

Como podemos ver, na Maquete 1, eles colocaram um rio em meio a morros que possuem uma estrutura de solo arenoso, mostrando assim que as depressões acabam recebendo sedimentos das encostas. Para demonstrar a ação do vento eles levaram para apresentação um ventilador que um aluno projetou sobre as partículas de areias que estavam depositadas sobre os morros, fazendo assim que estas mudassem de lugar. Explicaram que essa areia, quando jogada pelo vento sobre as rochas acaba desgastando e moldando o relevo. Achei criativo e interessante a ideia de levar um ventilador para representar o vento. Percebi o quanto eles estavam engajados na proposta.

Interessante a fala retratada no cordel acima que diz: “Nesse grupo, tem eu e o Maicon, a gente gosta de geografia”. Ler isso é muito gratificante, pois, eles colocaram além de conceitos e teorias, expressaram o sentimento deles. E isto não é pouco! Acredito que a geografia estava fazendo a diferença na vida deles. Por meio dos cordéis deu-se voz ao aluno para que ele expressasse sua aprendizagem.

Seguindo a atividade, na Maquete 2, o grupo retratou o processo erosivo oriundo das voçorocas e apresentaram possíveis formas de se conter o avanço destas na natureza, como podemos observar adiante. Mesmo esse fato não ocorrendo no nosso lugar, o grupo conseguiu construir e interpretar o que seria e

¹¹ O nome dos alunos autores é fictício.

como conter a ação da voçoroca. Ficou constatado que, se esse grupo não tivesse construído a maquete, que é o concreto, o palpável, ficaria muito distante para os alunos esta compreensão.



Maquete 2: Forma de conter o avanço da voçoroca.
Organização: Autor e alunos, 2013.

Nas entrelinhas do cordel descrito abaixo é cativante e entusiasmante ver o quanto eles estavam compreendendo o assunto e se entregaram de corpo e alma para a proposta. São por essas e por outras que vejo o quanto vale a pena sairmos do mais do mesmo, e fazermos diferente!

Descoberta

Professores, Jussî e Clara
Juntaram-se para fazer
Um trabalho bem apresentado
Que irá acontecer
E um cordel bem arretado eu irei escrever.

O trabalho é sobre a voçoroca
Gostei muito de fazer,
Fiquei bem empolgada
Para solução começar a se desenvolver
Voçoroca é uma fenda
Que se abre com a água a escorrer.

Todos da classe envolvidos
Nos processos de erosão
E dois grupos da classe
São de solução

Voçoroca acontece em solos arenosos.
E é um problemão.

A maquete bem bonita
Irá ficar
Com areia, argila e pedra
Iremos preparar
Bem contente eu estou
Pois consegui acabar.

Confesso que no começo
Não consegui entender
Como funcionava a voçoroca
Mais agora não irei mais esquecer
No nordeste ocorre muito quando a água está a escorrer.

No Nordeste cai a chuva
E água começa a se depositar
E no solo árido do sertão
Ela começa a se infiltrar
Logo o sertanejo fica contente,
Pois conseguirá plantar.

O trabalho das maquetes
Deu o que falar
Até o segundo ano veio ver nós apresentar
Os trabalhos ficaram bem tops
Foi de arrasar.

Assim acabo meu cordel
Que eu acabei de escrever
Sobre a solução da voçoroca
Que nunca vou esquecer
Gostei tanto desse projeto da maquete
Que quero mais vezes fazer.
(Aluna Magali, 2013)

Ao longo do trabalho fui percebendo o quanto os cordéis e as maquetes, permitiram aos alunos entrar na aula de geografia de corpo e de mente. De ser aluno e não estar como. E por que isso? Por que houve mão na massa! Os alunos levantaram das cadeiras, saíram do estágio de ouvintes para o de falantes e escreventes de geografia. A partir do momento que construímos uma ligação do que estávamos trabalhando com o seu lugar de vivência, foi possível que eles olhassem para além dos muros da escola. Percebi em seus olhares, que tudo se tornou mais claro, mais perceptível. Isso pode parecer pouco, simples, mas não é. Para esclarecer melhor dialogo com Kaercher (2013, p.27) que diz que:

No geral, não percebemos, não valoramos o espaço vivido diariamente como elemento problematizado e problematizador em nossas aulas.[...]. Estamos sempre a falar de temas da Geografia (natureza, sociedade, urbano, agrário, cartografia, etc.) e de lugares distantes (de outros países, outros continentes, outras regiões do Brasil) sem nos darmos conta que esses temas também são passíveis de serem discutidos na macroescala da nossa cidade.

E talvez a não percepção e não valoração do espaço vivido diariamente nos cause tanta dor de cabeça ao pensar nossas práticas. O fato de não avançarmos este estágio dificulta nosso docenciar. Os exemplos dos cordéis desmistificam e contribuem para ultrapassarmos essa etapa, onde o professor “sabedor do conhecimento”, fala e o aluno ouve, para uma etapa na qual se dá mais vez e voz ao aluno. É professor e aluno, construindo juntos, uma aprendizagem significativa.

E mais aprendizagem vem por aí: a maquete que segue, retrata o relevo de montanhas, a erosão glacial e fluvial e como estes processos erosivos ocorrem. Para representar a neve utilizaram farelos de isopor e para representar os rios utilizaram gel na coloração azul. Para as montanhas utilizaram argila e as encostas receberam farinha branca para dar uma ideia de neve. Disseram elas, que o branco não era tão intenso na encosta quanto no topo, devido ao derretimento das geleiras. O verde da planície foi feito com erva-mate e justificaram que não havia neve neste espaço devido à diferença de altitude.

Esse grupo foi muito pertinente em sua representação e lendo o cordel que segue, é possível ver o quanto o tema que apresentaram foi consolidado.



Maquete 3: As montanhas e a erosão glacial.
Organização: Autor e alunos, 2013.

O gelo de novo sumiu

Num dia de estudo normal
O professor fez uma proposta
A de montar uma maquete
E ficou esperando a resposta
Nosso grupo pegou montanhas,
Mas queria pegar encosta.

"Erosão fluvial e glacial"
Ficou como nosso tema
Para fazer as montanhas
Nós montamos um esquema
Fomos até o castelinho¹²
Pra resolver o problema.

De cadeias de montanhas
Nós temos que falar
A neve que derrete
Vai lá do topo escoar
Formando algumas vertentes,
Que uma enchente vai causar.

Erosão glacial é um ciclo
Na primavera tem rio,
No inverno já tem gelo,
Que congela com o frio
Voltando para o verão
O gelo de novo sumiu.

Com o frio que faz nas montanhas
Muita neve deve fazer
Quando chega o verão
Tudo tem que derreter
Causando várias enchentes
Sem ao menos chover.

Já está no final do ano
E o professor aprovou
O trabalho que apresentamos
Muita gente motivou,
Porque aquilo que explicamos
Todo mundo já gostou.
(Aluna Joana, 2013)

Vale ressaltar aqui que mesmo essa forma de relevo e de erosão não fazer parte do cotidiano deles, eles conseguiram retratar nas duas formas propostas, o que é o processo e como ocorre. Eles uniram o conhecimento que já tinham, as

¹² Castelinho é o nome do bazar que fica próximo a escola Pastor Voges, onde os alunos conseguem adquirir materiais escolares.

reflexões que fizemos sobre o que ocorre no nosso lugar, as leituras que fizeram sobre o seu tema e conseguiram compreender e construir um conhecimento consolidado.

Vejamos então, quão significativa é a atividade! Esse grupo não precisou tatear a neve ou escalar o Everest, mas, construir a maquete lhes proporcionou uma visão e análise do processo erosivo causado pela ação glacial e fluvial, que se fosse apenas por imagem ou textos não construiriam.

Daí a importância de aproximar o palpável aos alunos através da maquete e torná-los escritores do conhecimento adquirido através dos cordéis. Senti que a intencionalidade da atividade estava sendo alcançada, ou seja, fazer os alunos compreender um fenômeno partindo do seu local de vivência, construir as maquetes para representar o que aprenderam e registrar, em forma de cordéis, o conhecimento adquirido e todo o trabalho produzido.

Mas ainda há mais: na maquete 4, o grupo representou a ação da água e o processo de desgaste das rochas. Um fato que merece destaque, na maquete, é o tamanho das pedras, que variam de maior para menor, na medida em que vão se aproximando do leito do rio, sugerindo um desgaste e uma fragmentação das rochas. A ausência de vegetação também foi outro ponto que chamou a atenção. Quando questionados sobre isso, responderam que era assim que viam grande parte das Margens do Rio Três Forquilhas, onde a vegetação ciliar deu lugar a poteiros, lavouras e estradas.



Maquete 4: Desgaste das rochas pela água.
Organização: Autor e alunos, 2013.

Uma erosão de divertimento

Um trabalho de geografia e literatura foi feito
Confesso a todos vocês
Que ficou perfeito
Com o material em mão
Colocamos mato no meio
Com erva por todo lado
Está aí, o trabalho bem feito

Sobre a erosão foi falado
Através de uma maquete
O recado foi dado
Era tudo só rocha
Que se formou um buraco
E no meio das rochas
Um rio foi formado

É importante saber
E preservar pra valer
As árvores não derrubarem
Para o rio no seu leito correr
A água é importante para sobreviver
Mas se não cuidada muita gente pode morrer

Através da chuva
A água foi desgastando
Através da erosão
As rochas foram se afastando
E com muito cuidado
Um pequeno rio
Foi se formando

O Adilson não escutou
E um monte de erva foi colocando
A Carol ficou impaciente
E o Adilson foi xingando
Erva dentro do rio
O atentado foi derrubando

Agora chegamos ao fim
E o trabalho vou explicando
Foi tudo muito fácil
E a maquete foi aprontando
Com a ajuda dos colegas
Um lindo trabalho foi se formando.
(Aluno Nunes, 2013).

O que mais chamou a atenção nesta produção foi que eles não se limitaram ao processo que estavam representando na maquete. Eles foram além, conforme mostra neste verso do cordel:

É importante saber,
E preservar pra valer.
As árvores não derrubarem,
Para o rio no seu leito correr
A água é importante para sobreviver
Mas se não cuidada muita gente pode morrer.
(Alunos, 2013)

Lendo o trecho acima, percebemos que além do conceito, a aluna apontou possíveis soluções para a preservação dos cursos d'água. Ou seja, há uma tomada de consciência por parte dela, pois, se mostra preocupada com algo que também acontece no nosso lugar: a degradação dos mananciais. Dessa forma, eles acabaram contextualizando com o cotidiano quando relataram o impacto da não preservação das matas ciliares e dos cursos d'água.

Crer que podemos ir além. Crer que o nosso aluno pode ir além. Que ele tem potencial para galgar os degraus do conhecimento. Talvez o que falte para isso seja, motivação e mobilização. Essa prática lhes proporcionou isso e me levou:

A crer que nossa docência, quando exercida com gosto pela razão e com emoção pode deixar marcas significativas e boas para nossos alunos. Que podemos nos nutrir e nutrir uns aos outros nesta caminhada de ensinar e aprender, sermos mais e melhores como seres humanos. Que podemos servir de escada para que o outro cresça. (KAERCHER, 2013, p. 32)

Tenho que admitir que realmente gosto do que faço. Que docenciar para mim é fazer a diferença não só no conhecimento que o aluno vai produzir, mas também na sua vida. E procuro sempre transmitir isso para eles.

Na Maquete 5, o grupo representou a erosão marinha e os impactos deste fenômeno para a população que vive no litoral, principalmente aqueles que moram próximo à orla marinha. Esse grupo fez uso de palitos de madeira para simbolizar as construções próximas a beira da praia e folhas de EVA para representar as dunas e a água. É possível perceber na maquete que uma casa já está comprometida, pois parte de seu alicerce já perde o apoio no solo devido ao desgaste da água do mar.



Maquete 5: A erosão marinha e os impactos para população costeira.
Organização: Autor e alunos, 2013.

O cordel demonstra de maneira bem interessante como este aluno se apropriou do conhecimento oportunizado por esta atividade como vemos adiante:

A erosão vem aí

Venho por aqui lhe falar
De uma coisa que aconteceu.
Numa aula de geografia
Um trabalho o professor me deu.
Sobre a “erosão marinha”
E nosso grupo desenvolveu.

Logo começamos a perguntar
Como o trabalho seria.
Ele disse: será uma maquete,
Logo entediado eu ficaria.
Pro meu grupo comecei a perguntar.
Como o trabalho elaboraria.
Logo ali, uma boa idéia surgia.

Pois então, como já lhe falei
sobre Erosão Marinha nosso trabalho será.
Como o trabalho vai ser
agora vou te contar.
É um problema muito importante
que deixa muita gente sem ter onde morar.

Muitas casas no Nordeste
São na beira do mar.
Em barrancos de areia
Acima do nível do mar.

O barranco, a água está comendo
E deixando muita gente sem morar.

A maquete foi em geografia.
O cordel em literatura.
Na maquete o professor Jussê babou,
E lendo o meu cordel,
A professora Clara se arrepia.

Por aqui vou encerrando.
Em forma de cordel,
A minha poesia
Em 6 estrofes de 6 linhas,
A história do nosso trabalho contei
E juro que lendo ele,
Até me arrepiei.
(Aluno Jardel, 2013).

Na Maquete 6, os alunos representaram técnicas para conter a erosão nas encostas e também a erosão causada pelo vento. Para amenizar a erosão nas encostas, os alunos propuseram a construção de curvas de níveis para que a água escorresse mais lentamente diminuindo a transposição de sedimentos do solo. Para diminuir o impacto dos ventos, simularam a construção de um pára-choque protetor, ou quebra-vento como muitos conhecem. Esta prática consiste em formar uma barreira com plantas para que o vento não atinja diretamente as plantações, diminuindo o seu poder de destruição.



Maquete 6: A ação das águas e dos ventos sobre o relevo e a produção agrícola.
Organização: Autor e alunos, 2013.

Cordel das curvas de nível

Para evitar a erosão
Que é causada pelo vento
E salvar a plantação
É o chamado quebra-vento
É a aquisição
De mais um conhecimento.

Para não dar prejuízo
E evitar a destruição
São feitas curvas de nível
Essa é a solução
E da água da curva de nível
É feita a irrigação

Nosso trabalho foi difícil
Até que ficou “maneiro”
Fizemos algumas estufas
Enchemos de canteiros
Tinha até plantação
De vários tipos no semeeiro.

Nas estufas tinha flor
E também tinha aipim
Para apresentar o trabalho
Fizemos um “cordelzin”
(Aluno Ramiro, 2013).

Este trabalho foi muito significativo para os alunos que o construíram, pois todos eles trabalham na agricultura e já perderam plantações por causa de enchentes, chuvas fortes e vendavais. Penso que esses fatores tenham sido relevantes para o quanto esses alunos se envolveram com a proposta. Fica claro que para docenciar é preciso existenciar, a si e com os outros. Acredito que isto é fundamental para o movimento do ensinar/aprender geografia.

O que eles representaram faz parte do dia-a-dia deles. Eles tentaram mostrar como é uma plantação em estufa, construindo uma com plásticos e palitos de madeira, colocaram no interior delas um semeeiro para quem a visualizasse pudesse compreender como é uma plantação nesse molde. Além disso, disseram que nunca tinham pensado na possibilidade de plantar árvores ao redor para que estas agissem como quebra-ventos, diminuindo o impacto deste sobre as estufas, confirmando o que o próprio aluno mencionou em seu cordel, “Para evitar a erosão, que é causada pelo vento, e salvar a plantação, é o chamado quebra-vento, é a aquisição de mais um conhecimento”.

Mostraram também como pode ser solucionado o problema das chuvas nas encostas, visto que alguns alunos possuem lavouras neste tipo de terreno, através da construção das curvas de nível e ainda aproveitar a água que vem da encosta para armazená-la e reaproveitá-la no sistema de irrigação das estufas representado na maquete pela garrafa pet e os canudinhos. O empenho deles foi tanto que para a maquete chegar até na sala de aula ela teve que ser transportada por uma tobata (uma espécie de mini trator utilizado na agricultura para preparar a terra e também como transporte de mercadorias), visto que ela tinha ficado muito pesada e a base de isopor poderia não resistir.

O que estava ali, era a possibilidade de se transpor o construído em sala de aula para a prática cotidiana deles. Quando um dos integrantes do grupo falou: “- Vou dizer ao meu padraсто para plantarmos árvores no lado das estufas que pega mais vento!”. Opa! Bingo! A Geografia estava cumprindo sua missão. Esse aluno estava olhando para Geografia e enxergando possibilidades para solucionar problemas que afetavam diretamente a questão econômica da sua família.

Quantas coisas eles representaram e que por anos foram as minhas angústias, minhas dúvidas sobre a relação da Geografia com o lugar. Eles mostraram que nosso cotidiano está carregado de Geografia e que podemos sim compreender aquilo que parece estar tão longe partindo daquilo que está perto: o seu lugar de vivência! Eles geografizaram com e a partir do lugar deles!

Além de todo o conhecimento geográfico, eles construíram conhecimentos que poderão ser aplicados no seu cotidiano, quer algo mais gratificante que isso para um aluno e para um professor! Formou-se aqui uma espiral do conhecimento: prática-conhecimento teórico- aplicabilidade na prática, ou seja, por meio desta atividade os alunos transitaram de um conhecimento teórico para uma visualização de colocar o aprendizado na sua vivência, puderam perceber que a Geografia não estava apenas no livro didático, na sala de aula, e sim na vida deles e que lhes era muito útil.

Com isso pude refletir muito sobre a prática docente. De forma mais específica a minha prática. Poderia talvez, ter entrado em sala de aula e simplesmente explanado o conteúdo, colocado o que eu sabia sobre o assunto. Poderia também ter pedido que fizessem a leitura do livro e respondessem algumas questões referentes ao assunto, ou quem sabe ainda ter aplicado uma avaliação dissertativa com dez questões e ficaria por aí. Corrigiria e colocaria uma nota ou conceito “x”

para cada um. Porém isso não é suficiente no processo de ensinar, na relação de ensino aprendizagem. Pois, como Freire (2002) já dizia: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Essas possibilidades foram criadas no momento em que se estabeleceu o diálogo entre professor e os alunos, pois,

pensar a, ou os espaços de que fala, em geral, a Geografia, do ponto de vista meramente técnico, informativo, cognitivo é muito limitante. Como se educar fosse um processo meramente racional. Há que se pôr coração e emoção junto com a razão. Assim, sem abdicar do rigor conceitual, podemos atrair o aluno de forma a dizer-lhe claramente: estamos falando de você, com você, do seu mundo. (KAERCHER, 2013, p. 20)

A partir da participação deles em sala de aula é que se construiu essa prática, e ela, conforme podemos constatar acima, não foi vazia, pois, teve razão, coração e muita dedicação. Ela foi construída carregada de conhecimentos, de sentimentos, de emoções. Os alunos se viram naquele trabalho. O fato de eles estarem construindo as representações fez com que entendessem as letras que estavam encostadas umas as outras para proferir um conceito. Esse conceito deixou de ser algo distante e passou a ser algo perceptível e refletido, visível, que fazia parte do contexto deste aluno. Eles deram forma, estilo e alma a aquilo que estava acomodado.

É muito gratificante ouvir de um aluno: “- Professor, se não tivesse feito a maquete eu nunca tinha me dado conta de como ocorria a erosão glacial.”. Isto mostra que eles compreenderam melhor o que estava ao seu redor e conseqüentemente aquilo que não era visível no seu lugar. Ou ainda quando outro aluno menciona que vai colocar em prática o que aprendeu no seu trabalho, na lavoura. É a Geografia mexendo na vida deles, e tendo aplicabilidade no seu cotidiano. Como diz Kaercher (2013, p. 26): “isso tem tudo a ver com Geografia porque o papel do professor é destacar e aproximar o próximo, o local do aluno. Senão o mesmo acha que a geografia não lhe diz respeito porque sua “aldeia” não aparece na aula nem no livro”.

E a sacada do cordel como forma de ver o que eles aprenderam no papel também foi interessante, pois saiu do convencional, do mecânico e como eles mesmos retrataram, foi muito interessante e muito bom fazer esse trabalho. Um aluno disse que escrever o cordel depois de ter feito a maquete foi muito fácil. E

completou: “-São muitos argumentos para colocar no papel. Quando a gente sabe sobre o que devemos escrever fica mais tranquilo”. Gol de placa! Isso só comprova o quanto foi pertinente esta prática.

A cada porta que se abre de uma sala de aula, vários mundos se colocam diante de nossos olhos. Cada aluno, com sua vivência, suas particularidades, seus objetivos e sua subjetividade nos propõem que adaptemos práticas, afinal estamos ali por causa deles. Como acreditava Freire e eu também creio que “Não há docência sem discência”.

É... posso afirmar que ando aprendendo muito com os alunos. Ando aprendendo que a sala de aula tem vida, que eles contribuem muito para construção do saber, que eu preciso acreditar mais neles, que eles são capazes. E que se eles interagem e se envolvem é porque eles realmente estão motivados e estão aprendendo. Se não, preciso rever e refletir minha prática, e aí eles me ensinam a ser melhor, a cada dia.

Mas estou aprendendo, principalmente, que, para docenciar é preciso existenciar. Mergulhar sem medo, se abrir ao inesperado. Pois, quando estou em sala de aula construindo conhecimentos com meus alunos, estou (re) construindo também minha identidade, meu ser. Volto a ser aluno e permito-me aprender também aquilo que tanto queria aprender e compreender melhor quando aluno era.

5. QUEM PENSARÁ O MEU MURO DA MINHA SOMBRA? ISTO SINTO, ISTO ESCREVO.

Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração. *Nelson Mandela.*

Ao longo da pesquisa percebi que essa fala de Mandela endossa a importância da paixão pela docência, do docenciar a partir de nossa existência. Acredito que minhas atitudes, o meu olhar e a minha fala podem fazer a diferença nas aulas. Viver o cotidiano dos alunos e trazê-lo para a aula faz com que eu o aproxime do conhecimento. Abrir as portas da sala para que os arredores da escola sejam um frequentador assíduo das aulas. Com isso permito ao aluno uma melhor compreensão do que está sendo estudado, afinal, ele conhece de onde estamos falando. Isso faz com que os ensinamentos geográficos não só entrem em sua cabeça, mas em seu coração.

Palavras apenas faladas podem atribuir sentidos diferentes aos ouvidos dos alunos. Se falar, por exemplo, a palavra quebra-vento e não demonstrar o que é, não trazer para o seu cotidiano. Então, o que será que virá a imaginação desse aluno? Que sentido isso lhe provocará? Pois, quando vejo o que se fala aumenta minha compreensão sobre o assunto abordado e tudo fica mais claro, imagina então quando vivencio o que se fala? Mais uma vez reforço aqui, a importância de trabalhar os conceitos em sala de aula sempre que possível (na maioria das vezes é possível e acredito que minhas práticas relatadas aqui são exemplos disso) *linkando-os* com o cotidiano do aluno. Logo, o palpável e o abstrato; o concreto e a imaginação são necessários e andam juntos.

Neste trabalho não temos a pretensão de concluir, pois concluir segundo o dicionário Aurélio significa: “pôr término a; ou levar a cabo, ajustar definitivamente”. E, quando abordamos a Geografia, e por meio desta, as relações de ensino aprendizagem, não é possível por um ponto final. A docência é um campo carregado de subjetividades, cada aula, cada turma, cada escola possui suas características próprias. O professor também é um ser carregado de subjetividades. A magia da docência é exatamente esta, é encontrar nosso caminho, é existir com e a partir do cotidiano. É viver o que se faz.

No entanto cremos que esta pesquisa possa servir de exemplo, de inspiração para se fazer um ensino que leve em consideração o cotidiano e a vivência do aluno. Há muitas possibilidades. Como escreve Kaercher (2013, p.31-32)

Há muitos caminhos e sempre serão muitas opções. O ser humano é um ser condenado a liberdade de escolha. Isso é bonito. Isso é angustiante, mas é a existência é bonita e angustiante, ou é bonita, mas angustiante, ou ainda, angustiante, mas bonita. O segredo talvez seja encontrar, cultivar e estabelecer boas parcerias. Parcerias com colegas de profissão e com os nossos alunos.

Esse trabalho é frutos de parcerias como as que sugerem Kaercher. Mas vou além, as parcerias só renderão frutos se vierem acompanhadas de desejo, fome e reflexão. Talvez o nosso pecado na docência seja este, não refletir sobre nossa prática. Acreditamos que muitas aulas, por vezes, são carregadas de pouca reflexão. Apontamos, então, que a reflexão sobre a aprendizagem, o aluno e a relação que este estabelece com o seu lugar é uma excelente pedida para se construir um conhecimento geográfico. Vimos o quanto nossos alunos, uma vez convidados a opinar/trabalhar, são capazes de refletir, escrever. De construir conhecimentos.

O objetivo principal desse estudo consistiu em pensar formas de potencializar a aprendizagem do aluno em geografia partindo do seu cotidiano. Refletir sobre as possibilidades de se tomar, como ponto de partida nas minhas práticas pedagógicas o lugar de vivência do aluno me fez olhar para dentro de mim mesmo, para minha experiência como aluno, da minha vivência como cidadão do meio rural e para o que sou hoje: professor de Geografia. Me fez perceber o quão responsável sou no processo de aprendizagem dos meus alunos. O conhecimento que eles constroem passa, em parte, por minhas mãos. É, para se fazer a docência há que se entregar de coração!

Além disso, me permitiu um olhar diferenciado para meus alunos, pois estes também assim como eu fui, são alunos do meio rural, e o que talvez a grande maioria faça hoje, tanto estudante quanto trabalhador agrícola, era o que eu fazia na idade deles. “Não tem como docenciar sem perguntar a si e aos alunos quem somos, ainda que a resposta seja um enigma”. (Kaercher, 2011). Ao encontro desse pensamento Morin (2005, p.47) escreve:

Ensinar a condição humana. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Como vimos, todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. 'Quem somos?' é inseparável de 'onde estamos?', 'De onde viemos?', 'Para onde vamos?'. Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo.

Diante disso fui atrás de práticas na tentativa de fazer uma geografia diferente daquela que eu havia recebido. Ou seja, uma Geografia relacionada ao cotidiano e a vivência do aluno em detrimento da geografia do cartão postal, descontextualizada do lugar do aluno. Percebi, pela reação e reflexão com, e dos meus alunos, o quanto é possível fazer uma geografia que dialogue com eles.

Romper a barreira do tão perto e tão longe foi um propósito perseguido ao longo das práticas descritas neste trabalho. A necessidade de mostrar a eles que esse cotidiano está carregado de Geografia, e que, se eles compreenderem e conseguirem efetuar análises e leituras do seu lugar, certamente, serão capazes de ler outros lugares, de relacionar a sua vivência com aquilo que não faz parte do seu dia-a-dia. É aproximar o distante, que até então, era indiferente (por desconhecimento) do seu contexto de vida. Trazer o cotidiano ao interesse deles, ampliando essa visão de mundo.

Com isso permitir-lhes que entendam melhor o mundo em que vivemos. Que assim, possamos, inclusive eu, romper com as práticas geográficas que veem o aluno como um receptor de informações. Que este aluno possa dar sentido e aplicabilidade ao conhecimento construído.

As práticas apresentadas foram exemplos práticos de que é possível sim fazer uma geografia que desperte o desejo, que aguace a curiosidade do aluno e que permita a este se tornar um aluno reflexivo e escrevente. Se esse aluno domina o que fala, logo consegue expressar suas visões e ideias por meio da escrita, como nos cordéis sobre as formas de relevo e as poesias sobre a globalização nas quais permitiram a percepção de que haviam construído e se apropriado do conhecimento.

Mas para que isso seja viável é preciso que o docente conheça o aluno, saber de onde vem, o que faz, como é o lugar em que vive para, a partir disso, pensar práticas que os contemplem.

Outro ponto que se faz importante no processo de aprendizagem é que o aluno conheça sua história. Que saiba por que está inserido naquele lugar e por que aquele lugar está construído daquela forma. Na atividade sobre migrações, os

alunos fizeram uma viagem ao passado, conheceram a história do seu lugar, para muitos, a sua história. Compreenderam por que carregam sobrenomes, por que sentam a mesa e degustam determinadas receitas. Se o professor não conhecer o aluno já é um obstáculo, imagina se esse aluno não conhece a si mesmo?

E como aprender a ler paisagens se muitas vezes não consegue ver a paisagem que está diante dos olhos, ou quem sabe até vê, mas não entende, não consegue estabelecer relações. A atividade 4.2 sobre a construção do mapa nos mostra realmente o que diz Fernando Pessoa: que, “o que nós vemos das cousas são as cousas”, ou seja, que muitas vezes nosso olhar é um olhar sem reflexão, direcionado, carregado de intenções. Vemos aquilo que já estamos acostumados a ver e não nos perguntamos o porquê daquela paisagem ser assim. Percebemos então, o quão foi difícil para este aluno representar o seu espaço, ler e entendê-lo. Imagina, se já lhe é difícil ler o seu lugar, pense então, como será difícil ler uma representação mais complexa.

Cada aluno desenvolve habilidades diferentes, alguns potencializam mais a aprendizagem, outros menos. E se fosse só isso, ainda sim era compreensível e possível trabalhar didaticamente buscando uma proximidade de equalização de habilidades. Escrevemos aqui possibilidades, por acreditar que não é possível uma igualdade, afinal as pessoas não são iguais e carregam consigo visões e perspectivas diferentes. O consenso, a uniformidade não é o nosso objetivo. Ouvir o outro é abrir para as diferenças e essas são bem vindas!

A escola deve ter como proposta colocar o cotidiano do aluno dentro de seus muros, permitindo uma reflexão sobre as vivências dos alunos confrontando-as com o conhecimento científico, buscando assim respostas para os acontecimentos que o cercam. Valorizando o cotidiano do aluno estaremos valorizando sua identidade, o seu lugar, pois, cada aluno carrega consigo subjetividades e valores existenciais.

Portanto para exercer a docência é necessário ter desejo, se entregar. Há que se viver o que se faz. Há que se estar de corpo e de mente. Se eu tenho fome, mais fácil fazer meus alunos me ouvirem com atenção. Se, desenvolvo neles a fome, mais fácil para eu manter-me disposto a docenciar.

Quando o professor reflete sua prática e escreve sobre ela e consegue legitimar este processo. O professor é um pouco do que o aluno constrói nele. Da imagem que o aluno tem dele. Foi assim que me senti quando coloquei as minhas

práticas para o papel e pude refletir melhor sobre cada uma delas. Antes, pareciam simples atividades, mas depois de escrevê-las percebi o quanto de conhecimento estava arraigado nessas práticas. O quanto meus alunos se interessaram e se envolveram nelas fizeram com que acontecesse uma geografia de corpo presente. Tenho certeza que o olhar desses alunos mudou quanto ao seu lugar, quanto a maneira de pensar o espaço geográfico e o quanto possibilitou olhar para além do seu lugar.

Mudou a mim mesmo, por que hoje eu também enxergo o meu lugar carregado de geografia e compreendo coisas que não compreendia quando eu era aluno do EFM. Além disso, meu docenciar não é mais o mesmo, me percebo motivado a fazer a diferença, a olhar para o aluno e pensar em como geografizar com e para ele. Ver aquele olhar de estranhamento do aluno dar lugar ao olhar de compreensão. Isso mexe com o professor. Isso existência a minha docência.

É claro que para realizar essas práticas tive que desacomodar-me e também mobilizar os alunos nesse processo. Acredito que é preciso fazer algo por nossa geografia. Que é preciso encontrar novos caminhos. E quando acreditamos que é possível encontrar um caminho melhor e que traga melhores resultados, devemos então mudar de direção, sair da calmaria das águas e encarar a vultuosidade do mar que nos espera. Lçar as velas e partir. Considerar as novas oportunidades como aventuras estimulantes e necessárias.

Goulart (2011, p. 26) escreve que:

A mudança é a palavra chave [...] É o fundamento de todo o trabalho por que ela não aconteceu. Continua-se introduzindo novas técnicas e adaptando pontualmente novidades às concepções já desgastadas. Nesse contexto, é imprescindível pensar novas práticas, por que não atendem as necessidades do mundo contemporâneo, a Geografia em especial.

A ênfase da mudança precisa acontecer nas salas de aula. Esse é o espaço para que o ensino e aprendizagem se encontrem.

É necessário convidar os alunos a olhar o que fazem e proporcionar uma reflexão sobre a ação. Coletar ideias. Ajudar a construir o pensamento fazendo enxergar as realidades e as possibilidades de mudança em seu cotidiano. Identificar os conhecimentos prévios dos alunos. Promover, aprendizagens mais complexas, afastá-los do senso comum, essa talvez seja a grande sacada para que os alunos

consigam desencadear ações de intervenção e participação no seu cotidiano. Como fizemos na prática 4.3 sobre a globalização!

Inicialmente os alunos tinham um pensamento sobre esse conceito, mas, que a priori, era comum à grande maioria das pessoas. Porém, após leituras, interpretações e reflexões foi possível perceber e transformar essas informações em conhecimentos mais complexos e relacionais. E quando eles relacionaram o conhecimento adquirido com o seu cotidiano nos escritos das poesias, notei o quanto seu olhar sobre as coisas havia se tornado diferenciado. Os escritos dos alunos endossam o meu discurso:

Nossos céus mais satélites,
Nosso dia a dia mais virtual
Nossos “faces” mais amigos
Nossa vida mais global.

E ainda outro,

Em cismar sozinha à noite,
Percebo a globalização
Como ela pode ser boa.
Como pode ser que não?

Vejam quanta reflexão e conhecimento nos versos acima! Esses alunos construíram essa condição de reflexão a partir da prática. Se não tivessem aprendido de forma significativa, talvez, não conseguiriam escrever com essa abrangência e criticidade. Importante ouvir um aluno dizer: “Professor, nunca havia olhado a globalização por esse lado” ou ainda, “ Nunca mais vou me esquecer da Globalização”.

Isso mostra que é necessário buscar alternativas para que o ensino da geografia realmente venha ao encontro da necessidade do aluno. Que este corporeifique a Geografia, onde a linguagem, o exemplo dado não seja incomum ao seu convívio. Ao falar de economia usar a produção agrícola local que é uma característica do cotidiano qual leciono. Ao falar de êxodo rural perguntar se nenhum parente foi embora do município, buscar saber a causa que levou esse ocorrido. São lugarizações como essas que podem potencializar a aprendizagem e o ensino de Geografia.

Ainda sobre o processo de transformação do ensino, de busca de uma nova direção, um novo segmento para (re)significar a Geografia para os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, Rego (2011, p. 9) escreve que:

A transformação do ensino de geografia em direção a uma geografia educadora necessita da criação de práticas que transformem temas da vida em veículos de compreensão do mundo. Um mundo compreendido não apenas como conjunto de objetos, mas como obra de criadores.”

Isso vem a reforçar a importância de atividades que contemplem os espaços cotidianamente vividos, as problemáticas que estes apresentam. Pensar em possíveis soluções, agir sobre o espaço no qual está inserido, como foi possível constatar na atividade das maquetes.

Nesta atividade um grupo de alunos pensou em soluções para um problema que afetava sua vivência. Quando estes alunos pensaram em como diminuir o impacto dos ventos e da água que vinha das encostas em dias de muita precipitação e que acabava prejudicando a produção agrícola familiar, esses alunos compreenderam o papel da geografia sobre o seu lugar. Entenderam que ela pode ajudar e muito no seu dia-a-dia. Algo que era vivido por eles acabou se transformando em conhecimento consolidado. Talvez esse ensaio em um espaço menor aumente as chances de no futuro compreenderem espaços maiores.

É dessa Geografia educadora que a escola carece. Geografia que traz o cotidiano vivido para a sala de aula, pois, este cotidiano é um espaço pleno de possibilidades, de perguntas a serem feitas, discutidas, pensadas e por que não, postas em práticas. Construindo saberes que sejam fundamentais para seu desenvolvimento pessoal. Entendendo seu lugar e por fim saber que a geografia está diretamente relacionada com seu meio de vida.

Percebemos neste estudo, que o aluno se identifica com as aulas, quando estas partem do “seu lugar”. Quando se depara com o “seu lugar” em estudo/análise na sala de aula acaba por construir uma identidade com uma melhor capacidade crítica. Entendendo o “seu lugar” o aluno começa a propor trabalhos relacionados ao seu meio na tentativa de ver melhoras e alternativas. Isso é muito importante, pois, das nossas salas de aula sairão futuros construtores, agricultores, vereadores, prefeitos, professores... E este conhecimento, que realmente o pertence, tende a nos deixar motivados e esperançosos com um futuro melhor para Itati/RS.

O educador é um crente! Eu sou um educador crente e creio que é preciso preparar nossos alunos para o espetáculo da vida e para isso precisamos proporcionar subsídios. Se este aprender a ler o “seu lugar” poderá compreender melhor os conceitos geográficos. Penso que aqui está uma saída para que o ensino de geografia se torne mais palpável, envolvente e significativa ao aluno. Que assim, este consiga estar mais bem preparado para os desafios que o “seu lugar” ou o que mundo lhe propor.

Utopia nossa? Quimera? Ou será a urgência de uma ação consciente, reflexiva, coletiva com outros educadores que possibilitará uma mudança no cenário. Claro que precisamos ser crentes e utópicos, pois, ao perdermos a crença e a capacidade de sonhar, admitiremos a nossa passividade. Porém de nada adianta acreditarmos e sonharmos e não partir para a ativa propondo um trabalho reflexivo e em ação conjunta e crescente com os seus pares.

Diante de tudo isso, hoje me vejo diferente como professor e também como pessoa. Vejo-me muito mais preocupado com a apropriação que o aluno vai ter do conhecimento do que com a listagem de conteúdos, ou com o que o livro didático traz em suas páginas. Como pessoa, mais compreensível para com o aluno, mais interessado em seu/nosso cotidiano. Aprendi a acreditar mais em meu trabalho e fazer com que o meu aluno também acredite em seu potencial.

Posso afirmar que hoje ainda não me esqueci de lembrar o modo como me ensinaram, talvez por isso, nessa caminhada, procurei raspar a tinta com que pintaram, procurei desencaixotar minhas emoções.

Espero que esse diálogo não fique escondido nas prateleiras ou arquivos, mas sim, que fique por aí, passando de mão em mão, olho em olho aos que fazem a docência. Que sirva de, quem sabe, estímulo para que outros possam se permitir a aquilo que Fernando Pessoa me inspirou: **a desembrulhar-me e ser eu.**

REFERENCIAS

ALARCÃO, Isabel. Escola Reflexiva. In: _____. (Org.). **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005. Coleção Questões da Nossa Época; 103.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **O Espaço Geográfico**: ensino e representação. 15 ed., 4 reimp. São Paulo: Contexto. 2010.

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR Dpaschoal, 2004.

_____, **Livro sem fim**. São Paulo: Loyola, 2002.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: _____. et al. (Orgs.) **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson et AL. (Orgs.). **Geografia. Práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos**: a alfabetização espacial. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (Orgs.). **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Geografia**: ensino fundamental, Brasília, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papyrus, 2008.

COSTELLA, Roselane Zordan: Escola: espaço de responsabilidade social. **Revista Científica Trajetória Multicursos**. XVI Fórum Internacional de Educação. Ano 3, n. 7, Ago.,2012.

COSTELLA, Roselane Zordan; SCHÄFFER, Neiva Otero. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 3 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1986.

GIL, Antonio Carlos: **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo. Atlas, 2006.

GOULART, Lígia Beatriz. A aprendizagem e Ensino: uma aproximação necessária à aula de geografia. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (Orgs.). **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre. UFRGS, 2011.

_____. **Alunos e professores fazendo Geografia: A Rede Ressignificando Informações**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. Teias que (re) produzem espaços: uma proposta para ampliar a inserção de alunos trabalhadores na sociedade. In: REGO, Nelson et al. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: _____. et al (Orgs.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. 2 reimp. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade de São Paulo,. São Paulo, 2004.

_____. Práticas pedagógicas para *lerpensar* o mundo, *converentendersar* com o outro e *entenderscobrir* a si mesmo. In: REGO, Nelson et al. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. Das coisas sem Rosa uma delas é o Pessoa: As geografias do Manoel e do Nestor na busca do bom professor. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (Orgs.). **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre. UFRGS, 2011.

_____. Os movimentos que meus mestres me ensinam: ddd's, signos, alimentos, escadas, luzes, grenais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al (Orgs.).

Movimentos no ensinar geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

_____. **Se a geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

MARTINS, Elvio Rodrigues. A relação homem/geografia. In: XXIII ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA. **Anais...** Canoas, 2004.

MORIN, Edgar, **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Ciência com consciência**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PESSOA, Fernando. **O guardador de Rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: 3 ed. São Paulo: Martin Claret. 2006.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib et al (Orgas.). **Para ensinar e aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana F. (Orga.). **Novos rumos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

REGO, Nelson. Em direção a uma geografia educadora. In: _____. et al (Orgs.). **Geografia**. Práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **O recomeço da história.** Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_3_1.htm>. Acesso em: 06 mar. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAGALUME . Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/engenheiros-do-hawaii/3-do-plural.html#ixzz34e4eErsG> >. Acessado em: 13 mar. 2013.

ZABALA, Antoni. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo:** uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1- Uma incursão ao cotidiano do aluno (atividade 4.1).

Segue o questionário elaborado para coletar informações junto aos alunos envolvidos neste processo.

Questionário elaborado pelo aluno de mestrado Jussê Bittencourt Hahn, matriculado no programa de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o objetivo de conhecer melhor o aluno de Itati/RS

Nome _____

Idade _____

1-Localidade onde reside

2-Como vem até a escola?

3-Quantas pessoas moram na sua casa?

4-A renda familiar é gerada principalmente por:

a- Comércio

b- Agricultura familiar

c- Funcionário público

d- Outro

5- O que você mais faz quando não está na escola?

6- Nos finais de semana, quais são as suas atividades de lazer?

7- Como você vê/percebe o município de Itati?

8- O que você mais gosta de Itati?

9- O que você menos gosta de Itati?

10-Você já esteve em uma cidade maior que Itati? O que achou dela? Que diferenças você percebeu?

11- Como você vê/percebe o Rio Grande do Sul, o Brasil? Lhe interessa saber sobre isso?

12- O que pretende fazer após terminar o Ensino fundamental/Ensino médio?
Pretende continuar morando em Itati?

Anexo 2. Refletindo sobre a globalização e produzindo poesia (atividade 4.3).

Segue as produções dos alunos a partir do tema trabalhado.

MINHA TERRA

“Minha terra tem tratores,
Que rasgam a terra muito rápido.
O arado de boi foi esquecido,
Já é coisa do passado.
Os pássaros de minha terra,
Não fazem mais cantata,
Pois sua moradia, as palmeiras
Viraram palmito em lata”
João¹³

MEU ITATI

Minha terra tem bergamoteiras
Onde nela come a sábia
E nessa terra abençoada
Que pra mim é um belo lugar.

É desta terra que me orgulho
E é nela que resolvi crescer
Onde possui rios, matas e cachoeira.
Que o povo tem a missão de manter.

Nossas estradas esburacadas é um motivo para criticar
O município tem como investir,
Mas não sabe como usar
E é este ponto que devemos mudar.

Mas este é meu Itati
Foi aqui onde eu escolhi morar
Com defeitos e suas qualidades,
Mas era isso que eu tinha a falar
Martielo Ribeiro

CANÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO

Minha cidade tem modernidade,
Onde toca o celular,
Os Iphones que aqui tocam,
Não tocam como lá.

Nossos céus mais satélites,
Nosso dia-a-dia mais virtual,
Nossos *faces*¹⁴ mais amigos,
Nossa vida mais global.

¹³ Todos os nomes dos alunos/autores são fictícios.

¹⁴ A palavra “*faces*” refere-se à rede social Facebook, muito utilizada como forma de comunicação na atualidade.

Minha terra tem tecnologia,
Para todos se comunicar,
As pessoas que aqui compram,
Nunca param de usar.

Não permita Deus que eu morra,
Sem antes eu ver mudar,
Essa tecnologia,
Que não para de aumentar.

Edson

GLOBALIZAÇÃO

Minha terra tem tecnologia
onde as pessoas estão conectadas,
e mesmo morando no interior
no mundo estou ligada.

Minha terra costumava
ter mais matéria prima,
mas com a extinção de recursos
abalou até o clima.

Em cismar, sozinha, a noite,
percebo a globalização,
como ela pode ser boa
como pode ser que não?

Minha terra precisa de ideias
de reutilização,
para que no futuro
o mundo não termine em poluição.

Não permita Deus que eu morra
antes de ver o mundo mudar,
sem que eu veja meus netos
com a ideia de preservar,
a globalização definitivamente
precisa aprender a reutilizar.

Rafael

TERRA DE AMORES E DORES

Minha terra têm produtos,
Que vem de outro lugar,
Prozuidos ao redor do mundo,
Para consumistas comprar.

Minha terra consome muito,
Muito mais que pode pagar,
Nossas matéria primas se vão,
Enriquecer outro lugar.

Minha terra têm pessoas,
Que vivem a labutar,
Ralam muito todo dia,
Para poucos se gabar.

Minha terra tem belezas,
Que não encontra em Bagdá,
Como será a globalização,
Quando a água vir a faltar?
Será como a tecnologia,
Que poucos podem se apoderar?

Permita Deus que eu,
Antes desse dia chegar,
Mais que meus filhos encontrem,
Força e determinação para lutar,
Pelas belezas, riquezas e água,
Que não se encontra em outro lugar.

Maria